



a. mar do

Esteiros

**Título:** Esteiros

**Autor:** Soeiro Pereira Gomes

**Edição:** Agrupamento de Escolas Leal da Câmara

**Revisão e diagramação:** Carlos Pinheiro

**Coleção:** Clássicos da Literatura

**1.ª edição:** janeiro de 2020

**Imagem da capa:** Angelina Pereira.

Edição segundo as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, com base na edição de 1941 (Edições Sirius)



Este trabalho foi licenciado com uma Licença Creative Commons — Atribuição-CompartilhaIgual

CC BY-SA.

Para os filhos dos homens que nunca foram meninos, escrevi este livro

Esteiros, minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo. Dedos das mãos avaras dos telhais que roubam nateiro às águas e vigores à malta. Mãos de lama que só o rio afaga.

# Outono

Fecharam os telhais. Com os prenúncios de outono, as primeiras chuvas encheram de frémios o lodaçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arrepio de águas e de corpos. Também sobre os fornos e engenhos perpassou lufada desoladora, que não deixava o fumo erguer-se para o alto. Que indústria como aquela queria vento, é certo; mas sol também. Vento para enxugar e sol para calcinar – sentenciavam os mestres. Mas o sol andava baixo: não calcinava o tijolo, nem as carnes juvenis da malta.

Menos por isso que pela fraqueza das vendas, os patrões não quiseram arriscar mais dinheiro nas fornadas. – Ano mau... Todos os anos se dizia o mesmo. Desde que apareceu a telha francesa, e o bloco de cimento levou tudo de mal a pior.

– Indústria pobre, Sr. Castro – chorava-se Zé Vicente ao pagar a renda do terreno. – Indústria pobre... – E era, desde os garotos maltrapilhos aos valadores que vinham de muito longe – sete horas de comboio, a sonhar jornas impossíveis. Por isso, agora, o dia 7 de setembro passava despercebido, sem festa. Dantes, era sagrado. Recebia-se a fêria, pagavam-se os fiados de três meses e festejava-se a despedida. Os moços queimavam o resto das energias na ornamentação do telhal; arranjavam instrumental de latas e cegarregas; desfilavam em cortejo. E, enquanto o caniço verde dos esteiros ondulava no alto dos fornos, as canas secas dos foguetes subiam ao céu. Patrões e mestres sorriam, seguros da conciliação; moços e valadores cantavam, ansiosos de melhor vida.

Bons tempos, aqueles! Os mestres ainda berravam, como dantes: – Eh, gente! Vamos ligeiro, que esta fornada é o resto. – Mas a cadência dos passos não se alterava, porque o pessoal já sabia que ia pagar o descanso com sete meses de privações.

Assim ficaram as eiras desertas. Apenas no Telhal Grande havia ainda algumas dezenas de tijolos que o mestre mandara pôr em fio, por causa do tempo ruim. E, mesmo esses, depressa iriam engrossar as arrumas,

bem cobertas de telha, e mais volumosas que quaisquer das moradias da malta dos telhais.

Ali se guardava o suor de um verão de fadigas. Vento e sol; fadigas e suor – era o que os telhais queriam.



No último sábado, os moços do Telhal Grande receberam a féria com gritos de contentamento. As moedas não tapavam o fundo das algibeiras, mas os projetos transbordavam dos cérebros infantis. No dia seguinte abria a Feira; ia haver esperas de toiros e toiradas, circos e cavaliinho.

Por isso, a alegria dos rapazes punha em apuros o mestre à hora do pagamento.

– Se não se calam, racho um! – vociferou ele, avançando para a porta da barraca.

Fez-se silêncio. Os que estavam mais próximo recuaram, temerosos. Mas logo Gineto gritou de longe: – O melhor é matar-nos!

– Para quê, pá? Só levava ossos... – comentou Sagui, indicando o corpo enfezado.

– Ou calam-se, ou paro com isto!

Calaram-se. Ficar sem féria seria perder a Feira. E a Feira era a verdadeira festa de despedida dos moços dos telhais. Cinco dias de pândega, entre um verão de canseiras que findava e um inverno de miséria que surgia.

O pagamento prosseguiu.

– Malesso!

– Pronto. – E, agitando na mão o dinheiro recebido, exclamou: – Este é prò fato novo...

– Novo de há dois anos, aldrabão – casquinou Gineto.

- Amanhã é que se vê.
- Sagui! – chamou o mestre.
- Cá estou.

Detrás, um companheiro perguntou:

- Vais comer todos os bolos da Feira co'isso?
- Se cá couberem...

Bateu na barriga, e a malta riu. Sagui era pequeno, mas tinha fama de comilão. Só fama...

O mestre continuou: – Guedelhas!

- Pronto.

O moço saiu cabisbaixo, a contar a féria que os irmãos e o pai, desempregado há dois meses, esperavam. Os companheiros sabiam disso, e não gracejaram.

- Gineto!

Sem responder, o moço adiantou-se, devagar.

– Tiveste sorte, hem! – disse o mestre com ironia. – Desta vez deitaste fora a temporada.

- Foi por gostar muito de você.

Frente a frente, olharam-se com raiva.

- Malandro... – rugiu o mestre.

– Cão! – ripostou Gineto. E saiu lépido, empurrando os companheiros.

Um destes gargalhou: – Foge, Gineto.

– Foge o quê, pá? – Estacou ameaçador. – Se ele me comer, tem de me largar pelo rabo. Que julgas?

O outro calou-se, amedrontado, e Gineto seguiu caminho, maldizendo o mestre e o telhal.

Quantas vezes, em horas de revolta surda, pensara pagar com juros todas as injúrias do capataz e abandonar depois o trabalho. Já assim fizera em todos os telhais. Com 7 anos, ia o pai levá-lo pelas orelhas até à eira.

– Mestre: tome-me conta deste fidalgo.

Mas, antes de o pai chegar ao portão, atravessava ele o caniço dos esteiros e, mesmo vestido, atirava-se ao rio. A corrente era forte, mas na outra margem havia pássaros, toiros bravos a pastar e valados desconhecidos. À noite, esperava-o a tarefa do costume, em vez de ceia, e na manhã seguinte regressava ao telhal pelas orelhas.

Morava no fim da vila, à beira dos esteiros. Da casa que o pai fizera, toda madeira e lata, viam-se os toiros pastar na outra margem e as rotas dos barcos. Havia tufos de junco nos esteiros e lixo abandonado. Mas Gineto sonhava conquistar todas as ruas. Quando pequeno, ainda convertera os esteiros em florestas e rebuscara no lixo brinquedos preciosos. Cedo, porém, se aborreceu daquele recanto monótono, só água e planície. A floresta dava-lhe pela cinta – era junco – e o lixo era lixo, apenas. Começaram então as fugas para a rua. A mãe bem lhe dizia ao fechar a porta: – Toma-me conta do pequeno! – Mas ele deixava o irmão a gatinhar na lama, e ia alvoroçar os garotos seus iguais. Ainda não era o Gineto ladrão. O nome veio-lhe depois com os assaltos aos pomares, florestas mais belas do que os esteiros. Mas já era mau e temido. Amigos tinha-os às vezes nos companheiros que precisavam da sua mão certa para matar galinhas à solta ou colher frutos em pomares recatados. Fora disso, era mesmo um gineto escorraçado.

Desta vez, porém, foi dominado pela Feira. Queria desferrar-se nos cinco dias festivos, sem os berros do mestre e as pancadas do pai. Iria ver os acrobatas do circo; daria tiros ao canhão e passeios nos cavalinhos. E até havia de estancar o ardor do sangue, dentro das barracas de reposteiros vistosos, onde mulheres pintadas vendiam refrescos e beijos. Seria senhor da Feira e do seu destino, livre, como um homem.

Mas era preciso dinheiro, e então ficara no telhal. E, como um homem, vendeu os braços para que o dinheiro tilintasse agora no bolso das calças. Gineto sentia-se tão feliz que não se lembrou das lágrimas que a mãe havia de chorar por ele e pela féria da semana. Subiu o beco do Mirante a assobiar. As quintas estavam ali em frente a retalhar os vales e a seduzir olhares. O Sol, ainda alto, tornava mais branco o branco dos muros e revivescia com reflexos doirados as folhas estioladas das videiras. Mas Gineto não receava a luz da tarde. Tinha a certeza de que os caseiros não estariam de atalaia, entre os pomares, porque a melhor fruta já fora apanhada. O moço do telhal sabia de colheitas.

Todavia, chegado à estrada, hesitou. Pela primeira vez as suas quintas – suas, como ele dizia – não o atraíram. A Feira afagava-lhe o pensamento; o dinheiro tilintava no bolso... Era livre, sem a perseguição dos caseiros e cães de guarda... Não iria às uvas.

E seguiu estrada fora, antegozando a Feira. Festeiro de pés sem botas e calças com fundilhos, porque não tinha, como o Malesso e outros, um fato de feira para estrear.

## II

De manhã, quando os silvos das fábricas sobressaltavam todos os lares, Madalena ia encostar-se ao postigo, no beco do Mirante.

Era um beco triste que assustava o sol. Subia em socalcos a encosta pedregosa, ladeada por paredes que vestiam luto e portas baixas que se-melhavam buracos. Silencioso e sombrio, tinha ao alto, sobre rochas tisanadas, uma velha oliveira que manchava de cinzento o azul do céu. Na-quele beco a vida estiolava.

Madalena via passar, ao fundo, as antigas companheiras, que lhe acenavam de fugida e seguiam caminho a lamentá-la:

– Tão magra que está!

– Coitada. Aquela não deita fora o inverno.

E ela ficava a ouvir-lhes o sussurro das vozes e a recordar o tempo em que também era tecedeira. Depois, dava os bons-dias à velhota sua amiga, que, manca-não-manca, passava sempre atrasada.

– Tás melhor?

– Obrigada, Ti Rosa. Prà semana talvez já vá consigo.

Assim dizia há muito tempo, desde que o primeiro escarro lhe avermelhara o lenço. Mas os dias somavam meses – e as melhoras eram como o sol de inverno.

“Ainda se o seu Pedro voltasse...”. Precisava mais dele do que de sol e remédios. Mas o antigo empregado de escritório fora levado para terra longínqua, que na imaginação de Madalena é inóspito deserto, onde se morre de sede e abandono. Perdera o emprego e perdera-se por amor daquela ideia insensata de fundar uma creche para os filhos das tecedeiras, que passavam horas e horas fechadas em casa, ou aos tombos na rua.

A creche não se fez. E Madalena ficou sozinha com um filho nos braços – o garoto que, anos depois, em certa manhã de outono, veio mostrar-lhe as botas rotas.

– Mãe: olhe pra isto. Prà semana abre a escola...

Ela hesitou por momentos, sem saber como mostrar ao filho o lar vazio, o lume apagado... E João insistiu:

– Não posso ir descalço prà escola, pois não?

– Escuta, meu filho: eu estou doente, já não posso trabalhar.

Cingiu o garoto nos braços e, mirando-lhe o corpo franzino, Murmurou sem convicção: – Estás um homem, João. Já podes ajudar a tua mãe.

Veio-lhe ao pensamento a última carta do seu Pedro.

“... Manda o nosso filho para a escola. Sem instrução, será um escravo ou um vadio...”

– Então não vou mais prà escola? – perguntou João.

– Vais, quando eu tiver saúde.

O pequeno compreendeu a incerteza da resposta e descaiu a cabeça sobre o peito. Ia a perguntar: – Já não serei doutor? – Mas a comoção embargou-lhe a voz.

– Amanhã – prosseguiu Madalena – vamos falar ao pai do Arturinho. Ele há de arranjar-te um emprego na Fábrica Grande.

– Emprego... – repetiu mudamente. A carta de Pedro dizia: “Quando eu voltar, quero fazer dele um homem de valor. Gostava que fosse médico e entrasse na casa dos humildes como réstia de sol.” Se o pai soubesse que o filho não seria doutor!

Por instantes, Madalena relembrou os sacrifícios feitos para criar João: dias com fome para que ele comesse; privações e canseiras para que ele estudasse. Se o pai soubesse!...

João continuava calado – as botas esquecidas nas mãos e olhos muito abertos, para não chorar. A mãe afagou-lhe os cabelos.

– Ganharás dinheiro e terás umas botas novas. – E, tentando sorrir, prometeu: – Depois voltas para a escola.

– “Voltar... quando?” – pensou o pequeno. – Os outros meninos passariam de classe; o Arturinho faria exame e sairia da escola.

– Talvez o Arturinho me empreste umas botas – balbuciou a medo.  
– É meu amigo...

A mãe abanou a cabeça, desolada. – E dinheiro para livros e papel?... É preciso que compreendas. Eu estou muito doente.

Olhos nos olhos, mãe e filho fitaram-se em silêncio. João começava a compreender. E Madalena refletia: “Escravo ou vadio... Antes escravo, porque o vadio perde-se e o escravo liberta-se.”

– Vá, então, tens de ter coragem – ciciou ela num beijo.

João acenou que sim, cabisbaixo. E de repente, impotente para esconder as lágrimas e o desânimo, despreendeu-se dos braços da mãe e desceu a correr o beco do Mirante, que acoitava sombras e assustava o sol...

Vagueou pelas ruas, como sonâmbulo, na ideia fixa de falar ao Arturinho, que não encontrou. A angústia transbordara-lhe do espírito infantil e deformara o mundo pequenino em que vivera. Estava no limiar de um outro, cheio de perigos e escolhos, sem escolas e Arturinhos. Sentia medo. Medo horrível dos homens que ia defrontar e das dificuldades a vencer. Doía-lhe a cabeça, e não conseguia coordenar os pensamentos. “A doença da mãe... os sapatos rotos... eram coisas banais. – Sr. Joaquim: meias solas nos meus sapatos. – Na farmácia entregava o papel, admirava os frascos de cores nas prateleiras, e o boticário dizia: – O remédio é para tua mãe? Pronto, meu menino.” Mas nem por assim pensar João se animava. À imagem da escola sobrepunham-se os barracões da Fábrica Grande. Fitava um, muito escuro, para onde rapazinhos pálidos entravam a correr, e saíam depois dobrados e sujos de pó a empurrar uns carros de duas rodas. Aparecia também um homem gordo, que berrava: – Toma o teu lugar, malandro! – E João não deitava a fugir, como da primeira vez que fora à fábrica. A escola era ali... Entrava. Parecia-lhe que um quadro negro, enorme, ofuscava tudo, mas não via o professor nem o Arturinho...

De súbito, notou que alguém lhe batia nas costas. Voltou-se. Era o Maquineta, antigo companheiro de classe.

– Vais à Feira, Gaitinhas?

João não respondeu. Como se acordasse de profundo sono, olhou em volta, admirado. Só agora reparava que era noite e estava na praça, debaixo dos candeeiros que jorravam luz intensa sobre um mar de gente em barafunda.

Enquanto tomava contacto com a realidade, Maquineta saltou para as traseiras de um automóvel e gritou: – Vem daí, pá. É de borla.

O filho de Madalena seguiu-o com os olhos, até o carro desaparecer à esquina da rua. Lembrou-se que também o Maquineta saíra da escola, quando andava na segunda classe. O professor chamava-o: – Diz lá tu, Manuel.

– O quê, Sr. Professor?...

A vara nas orelhas explicava-lhe a pergunta, e os companheiros ri-am-se, invejosos dos brinquedos que ele talhava a canivete.

– Não sei ler, mas faço coisas – repontava, mostrando carros e barcos toscos de madeira.

Despeitados, os outros desvalorizavam-lhe o engenho precoce, em que ele confiava, mais do que nos livros.

– Quando eu trabalhar com as máquinas... – E, de tanto falar em máquinas, chamaram-lhe Maquineta.

João era o Gaitinhas, porque gostava de imitar os instrumentos da banda musical. Nos domingos de concerto, postava-se junto do coreto, atrás do regente, de olhos postos nos saxofones e clarinetes reluzentes, indeciso na escolha. Um dia, a mãe perguntou-lhe:

– Para que queres estudar, João?

– Pra músico – respondeu de pronto. Mas entrou para a escola e quis ser doutor. Seguia a vontade do pai, nas cartas que tantas vezes lera.

Páginas recheadas de sonhos e projetos envelhecidos, dobrados no baú, como relíquia inútil.

Agora estava ali na praça, desolado e sem destino. Crianças maltrapilhas corriam atrás dos carros e escondiam-se nos para-choques; outras, endomingadas, junto dos pais, esperavam lugar nas camionetas. Via-se em todos os rostos a alegria das horas livres que iam gozar, esquecidos do lar falto do pão e do telhal farto de trabalhos. Só o Gaitinhas estava triste. Não arranjou boleia nos carros, nem se misturou com o povo. Seguiu para casa, isolado, a meditar no mundo dos rapazes descalços e analfabetos como o Maquineta, ao qual em breve iria pertencer.



Madalena e o filho subiram a escadaria enorme, ladeada por trepa-deiras floridas, e o Arturinho correu a abraçar o seu amigo.

– Vens brincar comigo? – perguntou.

– Não. Vimos falar ao teu pai.

– Diga-lhe para nos receber, sim? – suplicou Madalena.

O Arturinho fez o pedido e a porta abriu-se, solícita, para dar passagem ao amigo do menino. O papá veio cortesmente receber as visitas. Esqueceu-se, porém, de as mandar sentar, quando viu que Gaitinhas não limpava no capacho as botas rotas.

De olhos postos nele, Madalena desfiou aos poucos o seu rosário de lágrimas e canseiras. As palavras enrolavam-se na tosse do peito, e as mãos no xaile desbotado. “Assim nada conseguiria”, refletiu ela. Bem o notava no rosto parado do Sr. Castro. Ou talvez se enganasse... Devia ser o fumo daquele charuto medonho que esbatia o sorriso acolhedor na boca do ricoço.

– O meu João andava na mesma classe que o menino Artur. Eu fazia ainda uns recados mas depois piorei... Assim, já ele não pode fazer exame.

– Que mal tem isso? – dignou-se observar o Sr. Castro. – Evidentemente que vossemecê não queria fazer dele um doutor.

Madalena baixou os olhos. Que havia de responder?

– O mestre dizia que ele era muito inteligente...

O Sr. Castro pôs-se a falar no excesso de doutores, na falta de braços nos campos e nas oficinas, e em coisas arrevesadas que ela não entendia. Um ataque de tosse abafou as palavras por instantes. Se pudesse descansar um pouco naquele sofá azul, ao canto... O Sr. Castro aproveitou a interrupção para ver as horas, que o tempo era dinheiro.

– Pois mande o seu filho aprender numa oficina. E, se ele for inteligente como diz, tem o futuro garantido.

– Sim, Sr. Castro. Era até por via disso que eu lhe vinha falar.

– Diga lá, então.

O tom de voz denotava impaciência. A mãe do Gaitinhas pediu o empenho para a Fábrica Grande e rematou: – Era um grande favor, Sr. Castro.

– Mas, ó mulher, eu não sou dono da fábrica.

– Não será, mas tem poder.

Na boca do ricaço o charuto brilhou mais. Poder, tinha; isso tinha. Quintas famosas em seis léguas ao redor, e um nome que toda a gente pronunciava de chapéu na mão. Mas por isso mesmo é que não gostava de fazer pedidos. Aceitava-os, apenas. Por feitio, nunca recusara esmola ou súplica, lamuriada cara a cara. O Zé Vicente ia todos os anos pedinchar redução na renda do telhal.

– Sr. Castro, o ano foi tão mau...

– Vamos a ver. O ano foi mau, evidentemente.

– Era só uma reduçãozita...

– Homem, vamos a ver...

Expirado o prazo, Zé Vicente recebia o último aio para pagar a renda...

Também Madalena insistia na súplica. – Se o Sr. Castro fizesse esse jeito... Pela felicidade do seu menino.

– Então como se chama o rapaz?

Madalena deu o nome e a idade. – E quando poderei saber a resposta, Sr. Castro?

– Vamos a ver. Eu depois mando avisá-la.

Agradecida, a mãe do Gaitinhas deu as boas-tardes e saiu. Cá fora, no jardim, o filho já tinha andado no triciclo e apreciado as prendas que o Arturinho recebera quando fizera 12 anos. Mas não brincara, como das outras vezes, irrequieto e curioso, na ânsia de tudo ter nas mãos. Desde que o Arturinho lhe perguntou quando voltaria para a escola, sentiu que era ali um estranho. Andou no triciclo, por andar. E quando o amigo se gabou de que o papá lhe daria uma bicicleta, se ficasse bem no exame, sentou-se nas escadas e não falou mais.

– João, vamos embora...

Ainda bem que a mãe chamava. Queria era fugir daquele jardim irri-tantemente florido, daquela casa cheia de móveis e brinquedos, e até do Arturinho, seu amigo.

– Sabes? O Sr. Castro prometeu empregar-te na fábrica.

Acompanhou a mãe como se nada ouvisse; depois foi sentar-se no alto do Mirante, sobranceiro à vila.

Em certas horas de inexplicável tristeza, quando as sombras do beco lhe entravam pela alma dentro, subia ele a ladeira, à procura de sol e horizontes. E de todas as vezes seus olhos aventureiros descobriam novos mundos.

A seus pés, as casas da vila, atarracadas, manchadas de branco, pareciam brinquedos. Aqui e além, uma moradia de empena alta dominava o burgo, servia de esteio às outras casas. Pombais, chamava-lhes o Gaitinhas. Porque era delas que saía aquele bando de pombas que todas as tardes riscava de branco o azul do firmamento. Quantas vezes desejara ele

ser pomba também! Ir pelo espaço além, atravessar o rio espreguiçado sobre a lezíria como cobra monstruosa, e cortar, num tremor de asas, a bruma que pairava ao longe. Aquele véu sem cor escondia decerto o seu pai, pois sempre ouvira dizer que ele estava longe, muito longe...

Gaitinhas gostava também de perscrutar o povoado quando o sol se desfazia em cores, atrás dos cerros. Era a hora em que as sombras do seu beco passeavam nas ruas com as sombras que saíam das fábricas. As pombas formavam nuvens, perdiam-se nas nuvens. E as roupas pendentes das janelas eram bandeiras de paz.

– João, vem comer. São horas... – gritava a mãe. Ficava mais uns instantes. Vinham até ele vozes e pregões que o vento musicava. Depois, a primeira estrela acendia luzes no céu e na vila. E Gaitinhas catrapiscava os olhos às estrelas, tonto de sono.

Amava a vila, como ninguém. E, no entanto, a sua infância flutuou entre o beco e o Mirante. Depois é que conheceu as ruas que o levaram à escola. Os outros rapazinhos brincavam lá em baixo, brincavam. Mas ele não deixava o seu castelo de sonho, onde nada lhe faltava, como ao príncipe da história linda que sua mãe contava, à beira da enxerga...

Agora, depois que deixara a escola, tudo mudou. O príncipe da história, que ele personificava, fora a enterrar naquele dia de começo das aulas, amortalhado na névoa que viera de longe, até à vila. E as pombas não saíram dos pombais, que eram moradias como a do Sr. Castro. E o sol não veio nesse dia, nem nos outros.

Então, Gaitinhas decidiu descer às ruas. Lá em baixo, naquele grupo de rapazes que pareciam formigas, devia estar o Maquineta, seu antigo companheiro. Talharia por o dele e dos outros o seu novo destino.

### III

A feira era no fim da vila, rente à estrada.

Três ruas ladeadas por barracas de serapilheira e pano-cru; num topo o circo, noutra a praça de toiros, ruas apinhadas de gente, barracas atochadas de bugigangas. E o povo a passear desejos... E os feirantes a aguardar esperanças...

Sobre o arco tosco da entrada, um alto-falante enrouquecido teimava em animar o largo com música estafada, que ninguém ouvia. O sol, indiscreto, desnudava a fealdade das barracas e a desarmonia gritante daquele amontoado de misérias. De dia, a Feira era arraial sem festa. – Uma vergonha para a nossa terra – diziam nos cafés os senhores civilizados. As meninas “bem” desdenhavam daquela misturada. E os velhos recordavam: – Noutros tempos... Mas, à noite, iam todos para a Feira. A lua, bondosa, emprestava reflexos de prata às serapilheiras e riscados. E, se acaso se escondia entre nuvens, lá estavam as mil lâmpadas de cores para corrigir o desbotado das pinturas. À noite, a Feira era outra.

Por isso, Gineto passou a tarde ansioso pelo acender das luzes e, depois, achou mais atraente a palidez doentia da rapariga da barraca de tiro, que se chamava Rosete e tinha uns olhos esquisitos como o seu nome. Escolhera-a entre todas. Também ela notara que estava ali um valentão, como o Tom Mix, que tresmalhava toiros e desafiava guarda e caseiros de quintas, sem temor.

– Vai um tiro, freguês?

Pegou na espingarda, fez pontaria... e não acertou.

– Pouca sorte... Agora acertas – insistiu Rosete a sorrir.

Gineto achou-lhe a voz mais suave do que o canto dos pintassilgos nos valados, apesar dos tiros que ribombavam ao lado. Continuou a descarregar a espingarda, até que Rosete perguntou: – Pagas este?

Vergou a cinta frágil como vime, e desfechou de costas para o alvo, antes que Gineto pudesse ver-lhe bem os seios retesados.

Então, envergonhado, o moço decidiu treinar-se noutra barraca.

– Eu volto já.

E voltou, à noite, mas sem dinheiro.

– Vai um tiro, freguês?

Não quis mostrar a pelintrice. – Mais logo.

Encostou-se ao balcão sem desfrutar Rosete, que foi atender outros fregueses. Um destes, depois de escaqueirar púcaros de barro sem conta, segredou qualquer frase que provocou o riso da rapariga e alvoroçou o coração de Gineto. “Aquilo era demais!” Rebuscou nos bolsos os restos da fêria. “Se tivesse ao menos cinco tostões...” Desiludido, resolveu acabar com aquele suplício. E, quando o rival fez pontaria de costas para o alvo, Gineto passou-lhe uma rasteira e estatelou-o sobre o balcão.

Receosa de complicações, Rosete apaziguou a luta que se esboçava.

– Deixe lá o miúdo. Foi sem querer.

– Parece que está apaixonado por ti – escarneceu outra rapariga.

– Que ideia! Eu não desmamo crianças.

Gineto abriu caminho e fugiu, amarfanhado de raiva. Novamente moço de telhal, ao acaso pelas ruas da Feira, recebendo encontrões e mo-tejos.

– Eh rapaz! Não vês?...

Não. Olhava sem ver, porque, para ele, a Feira era Rosete. No telhal, quando teimava, nem as pancadas o demoviam. Agora, fraquejava. Punha-se a vê-la, de longe, a repartir sorrisos pelos fregueses. Afastava-se; procurava prender-se na animação das outras barracas; mas continuava cego de paixão.

De contrário, teria saudado o Sagui, que andava de tabuleiro em tabuleiro, como abelha glutona, discutindo o preço das queijadas. – “Quanto custa, Ti Maria?” – E a discussão resolvia-se entre a dextra, que apontava os bolos, e a canha que segurava os níqueis.

– Inda há bolos, Sagui? – perguntou-lhe um amigo.

– Já vai faltando o gergelim. Mas se pagas, também limpo as queijadas...

Às vezes pensava na fêria malbaratada e nas privações do inverno que se aproximava. Porém, depressa a boca enorme mostrava os dentes glutões, e os olhos gaiatos faziam concorrência às moscas nos tabuleiros de doces.

O resto da Feira era para os outros. Para o Maquineta, que se apostava em descobrir o mecanismo do carrossel, e para o Guedelhas, que passeava nas ruas, sem vintém, porque dera a fêria ao pai, desempregado. O Malesso, esse, escolhera a barraca das argolas, até conseguir enfiar uma na garrafa de Porto, uma pinga de truz, a avaliar pelo rótulo com letras doiradas e flores vermelhas. Depois, bebido o vinho, seus olhos piscos só fixavam o topo do plano inclinado que o torpedo devia tocar. Mas aquilo pesava mais do que as argolas. Malesso obstinava-se, enquanto o dono da máquina esfregava as mãos de contente.

– Esta não valeu – dizia ele, a cada tentativa malograda.

Já a fralda da camisa estragara a compostura do fato, e o nó da gravata, que tanto trabalho dera, deixara o colarinho. Agarrado ao torpedo, ia perdendo as forças.

O feirante contava: – Oito... Nove... – deitando contas à ceia que, alta noite, quando as ruas da Feira ficassem desertas, levaria à mulher e aos filhos. E o Malesso resmungava: – Esta não valeu.

Até que um saloio impaciente refilou: – Tou a ver que alugou isto para toda a noite...

O feirante ouviu e bateu no ombro do Malesso. – Já deve quatro mil réis...

– Devo nada. Inda ã acendi a luz.

Começou daí o barulho. Os berros do feirante atraíram a curiosidade do povo, que rodeou os contendores. Bêbado e suado, Malesso queria ir-se embora.

– Não valeu. Larguem-me... – Mas as mãos do feirante não respeitavam o fato novo.

– A bem ou a mal, tem de pagar.

– Não pago!...

Os saloios atiçavam a briga, sorridentes, e Gineto chegou-se também, fazendo coro. Foi então que alguém gritou: – Aí vêm os guardas!

Instigado por estas palavras, que lhe lembraram os guardas das quintas, Gineto aproveitou a confusão e arrastou Malesso para a barraca mais perto, onde se esconderam.

Era uma barraca escura na rua das tascas, “Restaurante das Andorinhas” – chamavam-lhe no letreiro berrante. Mesas e bancos encardidos, sobre chão de terra; cretones baratos a tapar os gabinetes ao fundo; a frigideira enorme das miombas, entre ramos de salsa e postas de peixe. Um cheiro pestilento, viscoso, parecia ressumar da cozinha velha e das mulheres que esperavam fregueses, ao balcão.

Mas o Malesso agitou a barraca. – Vinho! Quero vinho! – As mulheres vieram encher os copos e mostrar os dentes podres. Gineto nem lhes sentiu o calor dos seios fartos, roçagantes.

– Malesso, anda embora.

– Larga-me...

Um palavrão acabou a frase. Gineto teve ganas de lhe bater; mas resolveu deixá-lo. À porta, ainda disse para as mulheres: – Olhem que o gajo não tem cheta.

– Não tem... não tem... – repetiu Malesso com voz pastosa. Rebuscou nos bolsos e mostrou a mão com alguns níqueis.

– Quatro mil réis – contou uma das mulheres, fitando depois as mesas desertas e os gabinetes à espera. Quatro mil réis... Era a sua estreia, nessa noite. E encostou-se ao rapaz.



O Gaitinhas avistou Gineto logo à entrada da Feira. Noutros tempos, não lhe teria falado. Mas agora, que deixara a escola, reconheceu-se seu igual em condição.

– Gineto...

– Olá... Vens comprar um clarinete?

– O teu pai quer-te bater. Chegou agora.

– Que tens tu co'isso?

– Nada. Vim avisar-te.

A resposta confundiu Gineto, que perguntou, já com ar de amigo: – Quem to disse?

– Ouvi eu, na estrada. Diz que fugiste coa féria, há dois dias, e que te rebenta com pancadas.

– Não te rales, que o meu pai não me caça. – E propôs ao Gaitinhas uma volta no carrossel.

– Mas eu não tenho dinheiro...

– Pago eu.

Pararam junto dos carrosséis, que eram dois. O maior, iluminado por lâmpadas multicores, tentava os olhos. Tinha cavalinhos com as patas no ar, fogosos como corcéis de carne e osso; galos de crista alta; bichos variados, sobre um tapete rolante que oscilava como os barcos no rio. O outro, pouco e mal iluminado, só tinha cavalinhos.

– Qual queres? – perguntou Gineto.

Gaitinhas demorou a resposta. Olhou o carrossel velho, sem ninguém, e os cavalinhos tristes, parados. A voz rouca do dono parecia chamá-lo. – Vai andar... Vai andar...

– Vamos neste – disse Gaitinhas.

Gineto entregou os dez tostões que Sagui lhe emprestara para ele comprar mais um sorriso de Rosete. As luzes encheram-se de brilho; a campainha anunciou a corrida e chamou mais gente.

– Vai andar... – E andou, ao som do realejo estafado do motor que roncava, arquejante, enquanto um homem pálido procurava bater pratos a compasso.

– Linda música – exclamou Gaitinhas. Talvez fosse a música do carrossel grande que abafava tudo. Mas de um ou de outro, era linda. Fazia-o esquecer a doença da mãe e os sapatos rotos. O cavalo galopava no espaço, através das estrelas, e ele levava um sorriso nos lábios e a carta de exame para mostrar ao pai...

Gineto fizera-se Tom Mix em pensamento e cravava esporas no cavalo, a que chamou Malacara. Dentes cerrados e o lenço ondulando ao vento, cingia nos braços a pálida da Rosete, arrebatada aos bandidos. O cavalo saltava muros e esteiros, sem parar. E o Malesso, o Sagui e todos os companheiros do telhal acenavam ao longe, muito ao longe...

O carrossel parou. Mas a alegria da viagem ficou ainda a bailar nos olhos de Gineto e nos lábios do Gaitinhas.

– Obrigado, pá – disse este.

– Agora vamos ver coisas.

Gaitinhas ia a atalhar para as barracas de tiro; mas Gineto não quis, por já não ter dinheiro. Meteram à rua das loiças e bugigangas, sempre cheia de gente. Os pais do Gineto também ali andavam, de lado para lado, rondando as barracas.

– Aquela jarrita, ó Manel...

– Tás doida.

– É só pra ver...

– Pega-se às mãos, como grude.

– Quando arranjar trabalho – sonhava o namorado da Deolinda, a falar-lhe ao ouvido – compro-te uns brincos como aqueles.

De lado para lado, rondando as barracas, os olhos do povo compravam tudo. Também Gaitinhas parou a ver as gaitas de beijos, encantado, tal como no coreto, em dias de concerto.

– Queres uma? – perguntou Gineto.

– Se queria! Nem que fosse só pra exp’rimentar.

– Atão pede ao gajo que te mostre aquele boneco...

– Qual?

– O que tá no cimo de tudo.

Gaitinhas assim fez. O homem foi dizendo que custava quinze mil réis; mas ainda não lhe deitara a mão, e já a mão de Gineto surripiava uma gaita de beijos. Passos andados, deu a prenda ao amigo, que ficou pasmado.

– Roubaste?

– Atão...

Gaitinhas não queria aceitar. Lembrava-se das prédicas do Sr. Professor, na aula. “Quem rouba, merece castigo exemplar...”

– Não sejas parvo – insistiu Gineto. – Uma a mais ou a menos... – E acrescentou em desculpa: – Se eu tivesse dinheiro, comprava.

Gaitinhas guardou a gaita de beijos, enquanto pensava na explicação a dar à mãe. Depois lembrou-se que eram horas de regressar a casa.

– Vou-me embora, Gineto.

– Inda é cedo, pá. Anda daí aos bolos.

No largo dos tabuleiros, encontraram o Sagui de conversa com o Guedelhas.

– Vamos aos bolos? – propôs Gineto.

Os outros disseram que sim, e escolheram a vítima numa clareira de gente.

– Quem vai à frente?

– Eu – disse Guedelhas.

Caminhou de mãos nos bolsos, fingindo-se desatento; depois, empurrou o tabuleiro com o corpo e pôs-se em fuga.

– Ah! malvado dum raio! – bradou a mulher, atrás dele. – Se te apanho... patife!

Sagui e Gineto atafalharam os bolsos às mãos-cheias, e aquele casquinou ainda: – Agarre esse maroto, Ti Maria!

De longe, Gaitinhas ria da maroteira. Só teve pena quando viu a cara desolada da mulher.

– Coitada! – disse para os outros. – Isso não se faz.

Os companheiros encolheram os ombros. – A gente tem fome... – Sagui tinha sempre fome. Também o estômago de Gaitinhas, desde manhã sem trato, reclamava quinhão. Repartidos os bolos, o grupo dispersou-se e Gaitinhas regressou a casa, na companhia do Guedelhas.

– Por onde andaste, João? Então isto são horas de vires jantar?

– Fui à Feira com o Arturinho.

– Falaste no emprego?

Como não previra a pergunta, desculpou-se: – Falo amanhã... – E entregou à mãe os bolos que não comeu.

Gineto ficou na Feira com o Sagui, a fazer horas para os roubos, quando os feirantes cabeceassem de sono e fadiga. Mas a chuva veio, alta noite, encharcar ruas e barracas. Junto à carroça em que os dois garotos

se abrigaram, alguém carpiu-se: – Já nem o chão serve pra cama. – Uma criança chorou. – Vê se te calas! – ouviu-se a mesma voz. – Já basta esta maldita chuva. – Voltou o silêncio, entrecortado apenas pelas bátegas, nos toldos. Depois, uma voz dorida de mulher: – Nem me trouxeste a sopa...

– Ia roubá-la, não? O rapaz fugiu sem pagar, já to disse.

Gineto lembrou-se do homem do torpedo.

– E agora? – insistiu a mulher.

– É atrelar o burro, e pronto.

Ao longe, para lá da lezíria, manchas de luz levantaram a névoa. A chuva parara. E no largo da Feira, aqui e além, braços cansados levantavam as tendas.

## IV

1 de novembro. Dia de Todos os Santos e de “pão por Deus”. As crianças espalham-se pelas ruas e batem às portas. – Pão... por Deus...

Nas arcas há nozes e castanhas e figos secos... A tradição manda que não se encham bornais com “tenha paciência”. Os pobres tiram o pão da boca para os filhos dos pobres. E os ricos sacodem as migalhas, em nome de Deus.

Dia de Todos os Santos – dia de todos os pobres.



Sagui quase que não pregou olho toda a noite. Pelo colmo do palheiro que fora do guarda das vinhas via ele as estrelas tremer com sono ou frio. Sono, decerto, porque, segundo a sua teoria, mal o sol anunciava o dia, elas fechavam os olhos.

– Gineto: descobri que as estrelas dormem de dia.

– És parvo.

Se bem que escarnecido, Sagui manteve a afirmação. Tinha muita admiração pelo Gineto, que tudo resolvia; mas, naquilo de estrelas, ele não percebia mesmo nada.

– Atão porque é que elas nã se veem agora?

Ninguém explicou. O Coca, que tinha pena de não saber ler, ainda disse: – Se eu andasse na escola, sabia.

Dias depois, Sagui fez a mesma pergunta a um aluno da 4ª classe, e, como o menino se calou também, ficou desde então convencido de que as estrelas dormiam de dia. Gostava delas, o Sagui. Chegava a entristecer-se quando alguma riscava o céu e desaparecia para sempre, num rasto de luz.

Mas não foi pelas estrelas que ele passou a noite em claro. É que, mal despontasse a aurora, iria mendigar “pão por Deus”. Pão que seria mão-cheia de nozes, peras e castanhas... A ansiedade afugentara-lhe o

sono, tornara mais duro o chão da cabana. A seu lado, o saquitol das dádivas atormentava-o, pois, sob o afago da mão, Sagui calculara-lhe o tamanho e achara-o pequeno. Com a camisa não contava, porque estava rota, e os bolsos eram pouco fundos... Através do teto esburacado, as estrelas pareciam rir-se da sua afeição. Tentou dormir. Que duro, o chão! As estrelas riam, riam... e os companheiros também, porque se levantaram mais cedo e já iam a meio da vila...

Mas foi sonho, apenas. Sagui chegou ao Mirante ainda primeiro do que o Gaitinhas, que morava a dois passos, mas receara as suspeitas da mãe. Depois é que apareceram os outros componentes do grupo. Sagui tremia de impaciência. – É tarde, pá.

– Inda não tocaram as buzas – observou Malesso com os olhos ramelosos.

Como generais concebendo ofensiva, os rapazes combinaram, frente à vila, a dispersão do assalto.

– E o Gineto? – lembrou um.

– Não aparece... que se arranje.

Às oito horas, partiram. Magrizelas, cobertas de trapos, outras crianças saíam aos pares das casas e formavam legião nas ruas. Na serenidade baça da manhã, as suas vozes langorosas tinham entonações de cântico sagrado.

– Pão... por Deus. – Ao longe como um eco: – ... por Deus.

Lentamente, as vozes fundiam-se numa só voz angustiosa, que abafava as últimas palavras.

– Pão...

O Sagui desesperava-se. – Diz isso doutra maneira, Maquineta.

Sabia lá. A voz já não era a sua. Era a voz de todas as crianças que, àquela hora, andavam de porta em porta, nas ruas de todas as vilas e aldeias.

– Tem alguma coisa que saber, pá? – recriminavam os companheiros. – É pedir como os pobres.

– Eu cá nunca pedi... – lamentava-se Gaitinhas, que também não se ajeitava.

Ah! que se a mãe soubesse que ele andava ali!... Ele, que por vontade do pai devia ser doutor, a bater às portas como um mendigo.

Junto do jardim do Sr. Castro, o Coca, que se julgava a pedir nos outros dias do ano, lamuriou:

– Uma esmolinha, menino...

– A mamã diz que só dá ao sábado.

– Vês o que arranjaste, meu palerma? – segredou Malessó. E corrigiu, afinando a voz: – Pão, por Deus. Hoje toda a gente dá.

Atrás do portão, Gaitinhas, corado de vergonha, espreitava o jardim em que não mais brincaria, e uma sombra de tristeza embaciava-lhe os olhos. Entretanto, Arturinho reapareceu no cimo da escada.

– Eh! Agarrem lá isto. – E, risonho, foi atirando, uma a uma, algumas nozes que os garotos apanharam do chão.

– Quantas? – perguntou o Coca, que não se curvara por ser coxo.

– Sete.

– Ora gaita! Se hoje fosse sábado...

Então Maquineta voltou atrás. – Eh, menino! Esta noz é chocha. – E atirou uma pedra ao Arturinho, que ficou a chorar.

De rua em rua, a ladainha continuou às portas de batentes e campainhas. Que nas outras o pão era escasso e os moradores estavam fora a ganhá-lo. Assediado também, o Sr. Castro enxotou-os do passeio:

– Vão trabalhar, que já têm bom corpo.

Os moços ficaram quietos e mudos a vê-lo afastar-se. Trabalhar... era bom de dizer. Há mais de um mês que os telhais tinham parado, e, de

trabalho, os moços só encontravam promessas. Se o amigo Gineto ali estivesse – pensou Gaitinhas – era capaz de insultar o Sr. Castro, mesmo nas bochechas. Mas Gineto não quisera pedir “pão por Deus”, e andava agora a roubar a uns e a outros e a correr todos à pedrada.

– Gineto: ãã me tires os figos que são para a minha avó – suplicou Pirica.

– A tua avó é velha, já comeu muitos.

– Gineto...

– Larga, se não levas um estalo.

Quando os rapazes andavam em magote, escondia-se numa esquina e atirava-lhes pedras. Depois, dispersos, abordava um por um.

– Reparte comigo depressa. E caluda, ouviste?...

Foi numa ocasião destas que Gaitinhas o encontrou.

– Deixa o rapaz.

– Põe-te a mexer, Gaitinhas...

– Se o deixares, dou-te estas nozes e figos.

Gineto parou a fitá-lo, embasbacado. Ainda nenhum repartira com ele, sem pesar. E pela segunda vez Gaitinhas lhe desarmava a maldade. Foi na Feira, quando o avisou de que o pai lhe queria bater, e agora, ali...

– Obrigado – murmurou, largando o outro garoto.

Subiram os dois a ladeira do Mirante e foram sentar-se no morro.

– Toma figos – ofereceu Gaitinhas.

– Eu tenho.

– Então para que roubavas?

– Sei lá.

Gineto não quis confessar que não pedia porque o escorraçavam das portas, chamando-lhe ladrão e vadio. Nunca mais esqueceria a tarefa que, há um ano, apanhara das mãos do Sr. Castro. Entrara confiante no jardim: – Pão, por Deus...

– Toma lá, rapaz... E as pancadas deixaram-lhe marcas no corpo, apenas porque apedrejara o caseiro quando fora assaltar a Quinta Alta.

Talvez por isso, por esse castigo cobarde e tardio, é que ele andava assim a escorraçar os garotos com mais sorte.

– Gaitinhas: és meu amigo?

– Sou, pois.

Gineto sorriu. Nunca tivera um amigo assim. Os outros adulavam-no por medo, bem sabia. A não ser o Sagui, todos lhe queriam mal, embora o respeitassem.

Gaitinhas tirou do bolso a gaita de beijos e pôs-se a tocar uma canção em voga, que o companheiro ouviu, embevecido. Não percebia nada de música; mas aquela canção era, decerto, a mais bela do mundo. Sumia-lhe as cicatrizes que o pai do Arturinho lhe deixara no corpo e na alma e levava-o para braços amigos que jamais conhecera.

– É bestial, pá! – foi só o que soube dizer, quando Gaitinhas findou.

Pela ladeira do Mirante, a noite ia descendo, devagar. E, devagar, um sentimento bom despontava no peito do Gineto. O silêncio da tarde convidava a confidências. Contaram-nas. Como velhos amigos, descreveram a história das suas vidas curtas, sem história. Gaitinhas confessou a mágoa de ter renunciado à escola, porque a mãe adoecera.

– E o teu pai? – perguntou Gineto.

O filho de Madalena olhou a névoa que ensombrava o horizonte. – Está muito longe – murmurou. E a medo, como se revelasse um crime: – Queria que eu fosse doutor.

A voz do Gaitinhas era de lágrimas cristalizadas. E Gineto teve pena que ser doutor não fosse coisa que se roubasse.

Na estrada aquosa do Tejo, deslizavam barcos, mansamente. Gaitinhas desejou ser barqueiro para levar um barco ao porto de destino de seu pai. Também Gineto reparou neles, mas lamentou-se: – Qualquer dia vou prò mar. O meu pai já disse que me prende no bote...

– Eu gostava de ir.

– Pois eu só se ñã puder é que ñã fujo.

– E depois?

– Cá me arranjarei.

Calaram-se. Barcos, pombas e poente, toda a paisagem daquele fim da tarde, entravam pelos olhos dentro do Gaitinhas, extasiado. Gineto, porém, só via os esteiros longos dos telhais, como dedos de mão arrepanhando águas. Os esteiros e as chaminés esguias das fábricas, que o crepúsculo enegrecia mais.

– Vamo-nos embora?

Despediram-se. As pombas recolheram aos ninhos, e os dois amigos também. Só na estrada do rio os barcos deslizavam ainda, a procurar porto de abrigo ou de trabalhos.



No palheiro esburacado que fora do guarda da vinha, Sagui sorria às estrelas, suas amigas. Pousara ao lado o saquitel que não se enchera de dádivas, e dormia. Os bolsos, pouco fundos, não tinham sido precisos; mas o dia fora farto. Recusas, apenas a daquela senhora velha que se esquecera do dia de Todos os Santos e de todos os pobres.

O Sagui batera à porta, batera.

– Tem paciência – repontara a senhora.

– Pão, por Deus...

– Já te disse!

Então Sagui deitara a língua de fora e gritara: – De paciência trago eu a pança cheia. Sovina!

Pois, não contente, a velha veio ainda, noite velha, estender os dedos aduncos para o saco das provisões. Tão feia era, que as estrelas tremeram de medo, e o coração do Sagui bateu com tal força que ele acordou estremunhado...

Depois sorriu às estrelas, num sono sem pesadelos.

## V

Madrugada de fim de outono, frio e nevoento, a anunciar inverno farto de águas e de fome.

Maria do Bote levantou-se, pé ante pé, não fossem os garotos acordar. Abriu o postigo para ver se a madrugada despontava nos campos da outra margem. Mas a noite estava escura como vida de pobre. Chuviscava.

– Que horas serão? – murmurou. – Faz-me bem falta um despertador.

Era um sonho de há muitos anos, a posse de um relógio que a despertasse a horas certas, como serviçal zelosa em casa de gente rica. Havia de pedir ao Costa Ourives que lhe vendesse um, a prestações. Talvez arranjasse maneira de juntar dois ou três mil réis por semana. Deitou contas – as contas de todos os dias.

Entretanto, pusera ao lume a panela da sopa que ficara da véspera. O fogareiro de barro amornava o ambiente do cubículo e derramava frouxos de luz no pavimento de terra batida, enquanto os móveis permaneciam na sombra, envergonhados. A um canto, derreada por gerações, a cama de ferro em que dormia o casal e a filha de colo; a meio da casa, a mesa de pinho que Manuel do Bote atamancara; noutro canto, as enxergas de Deolinda e dos rapazes, separadas pela cómoda, que se enchera de caruncho, à espera do bragal.

Manuel do Bote pôs-se a pé também. – Tens o café quente? – perguntou baixo à mulher.

– Café? Nem uns poses.

– Raios parta a sorte! E saiu porta fora, direito ao esteiro, vazadouro de lixo e dejetos. Depois poisou a vista no bote e estendeu-a rio abaixo. Deviam ser horas. O preia-mar deitava lá para as cinco, e as águas da maré já lambiam a ponta do esteiro, numa carícia tímida. Manuel do Bote chapinhou de água o rosto tostado e voltou à cabana.

– Chico... – sacudiu o filho adormecido. – Eh, rapaz!

Respondeu-lhe um regougo de outro mundo: – Nhor...

– Levanta-te. Ouviste?

Gineto limpou as trevas dos olhos às mãos, molengas; mas teimava no sono. Quedou assim uns instantes sobre a ponte que vai da noite ao dia. Uma figura esguia e negra, à sua frente, pareceu-lhe o caseiro da Quinta Alta. Estaria ainda a sonhar? Mas já a voz rouca do pai o despertava de todo.

– Salta do ninho, que tenho pressa. São horas.

“Horas de quê?”, apeteceu-lhe perguntar. De olhos esbugalhados para as sombras que rodopiavam no chão, foi enfiando as calças, sem dar por isso. “Que lhe queria o pai?” Pressentimentos aziagos iam-se aposando de si. O irmão tombara-lhe sobre as costas; empurrou-o. E o garoto pôs-se a choramingar.

– Chiu... – fez a mãe lá ao canto.

O irmão calou-se, e o silêncio ficou maior. “Para que o chamava ele tão cedo?” De repente, foi como se lhe desvendassem os olhos, quando brincava à cabra-cega. Viu tudo: ia para o bote.

– Pai... – O som nem chegou a ser voz. “Pedir o quê?... Não, não suplicaria uma recusa certa.” Com modos bruscos e falseados, chegou-se ao lume. A mãe entregou-lhe o caldo requentado e ele comeu. Depois, procurou o boné sem pala, atirou para as costas o saco dos aviamentos que o pai lhe estendera, e foi-lhe na cola, sem palavra.

Sob os seus passos entorpecidos, a junça orvalhada do esteiro rangia. O barco, ao largo, parecia um navio fantasma de certa fita do cinema. E as estrelas do Sagui lucilavam no céu, como pirilampos em noite de agosto. “Tinha sorte, o Sagui. Dormia a sono solto, fazia o que lhe dava na gana... Enquanto ele, a horas mortas, morto de sono, ia a caminho da prisão.” O frio enregelava-lhe o corpo e a vontade.

– Pega nos remos pra aquecer – ordenou o pai.

Poisou os aviamentos, sentou-se, e a bateira deslizou mansamente, direita ao bote, embora aos braços vencidos do Gineto faltasse jeito e ânimo. Nos toletes, os remos feriam as águas e o silêncio – gemiam por ele... Por fim atracaram. O rapaz pôs pé no bote; mas o olhar ficou-lhe cá fora, em busca da liberdade perdida. Todo o seu ser cativo, menos os olhos.

– Tás a dormir em pé? Iça aí a vela.

No navio-fantasma, o capitão era o pai. Onde o levaria ele? Voltaria à cidade., como da outra vez em que andara embarcado?...”

Não tardou que o vento enfunasse as velas e a camisa dos tripulantes, e que o sol viesse chapinhar no rio. O barco foi encostar ao cais numa manobra hábil.

– Eh, Gineto!

Viu o Malesso a rir-se, à beira do cais.

– Vais pràs Áfricas, pá?

Fez que não ouvia e foi puxando a corda. O outro calou-se. Mas Gineto, às furtadelas, bem lhe via o riso trocista estampado no carão disforme. Se não estivesse ali preso, já lhe teria quebrado a troça. Assim, esperou que o pai lhe pedisse a amarra para a atirar sobre o Malesso, que, desequilibrado, caiu de borco no lodo. Gineto encheu o cais de gargalhadas.

– Ti Manel... – queixou-se o outro, lá em baixo. Mas o pai do Gineto riu também.

Depois, as sereias das fábricas abafaram os risos, movimentaram a vila e o cais.

Maria do Bote, que não pregara olho desde que o marido se levantara, receosa de chegar tarde aos teares, fechou a porta aos filhos taminhos e saiu com Deolinda. “Se tivesse o despertador...” Voltou à ideia grata, a mesma de sempre, quando o marido saía com estrelas, ou o corpo

moído lhe pedia repouso. “Mas desta vez não ficaria na rua, a rondar a montra do Costa Ourives...”

Engolido na taberna o trago de aguardente, os descarregadores vieram-se chegando para o cais. Traziam ainda os olhos saudosos da cama; das bocas, silenciosas, saíam-lhes baforadas de álcool; e as sacas do trabalho pendiam-lhes das mãos. Pareciam cansados. Mas, quando a sereia fez a última chamada, distenderam logo os músculos, agigantaram-se. Ai de quem não tivesse passo ligeiro sob a saca de cem quilos! Que o vaivém não parava – não podia parar – do celeiro para os barcos, dos barcos para o celeiro.

O *Boa Sorte* foi dos primeiros que meteu carga. Os homens de terra e mar iam fazendo prodígios de equilíbrio sobre a prancha e aliviavam as costas na amurada.

– Olá, Gineto...

Saudavam o filho de Manuel do Bote, que no fundo do barco se esfalfava na arrumação do trigo.

– Já não há uvas?...

Os homens de terra e mar chalaceavam e riam; ainda tinham risos e chalaças. Só o novo camarada do *Boa Sorte* perdera tudo, até as forças. Ele, que era um homem valente como os *cow-boys*, não mexia uma saca tombada. Arquejante e suado, mordía os beiços, mas não chorava.

– Aí, seu teso! – comentava o pai do Malesso.

– Custa mais qu’assubir às árvores, não?...

As falas dos homens é que o retinham ali, mais do que as vistas do pai. Duas vezes esboçara a fuga – e desistira. Fincava-se no orgulho de homem perante homens. E mordía os beiços. E a caverna do bote não tinha fundo...

– É com’a pança do patrão – comentou alguém.

Agora, as chalaças rareavam, e as forças também. Dos peitos oprimidos, já os bafos não tresandavam a álcool, porque o suor escorria do cais.

– Vamos co’isso! É andar... – Mas os homens de terra e mar eram homens como os mais.

– Leva tempo, o malvado... – E, como aquele, muitos outros esperavam, hiantes, a carga preciosa.

Por fim, o *Boa Sorte* largou. O vento empurrou-lhe, rio abaixo, a carcaça meio submersa, abarrotada de trigo e fadigas. Do bojo às velas, todo ele inchara.

Já o Gineto se havia deixado cair, esgotado, sobre as sacas. E ainda faltava cobri-las com os oleados, que o tempo não estava fixe – dissera o pai. Bem lhe apetecia dormir. Apagar a visão dos homens derreados ao jugo de não sabia quem, e também do seu próprio corpo. Dormir, sonhar com as “suas” quintas e as ruas livres, onde os companheiros brincavam. Agora, nem ânimo tinha para fugir. A vila ficara para trás dos seus olhos, e os telhais sumiam-se aos poucos. Via ainda a ponta dos esteiros como dedos de mãos sapudas, mãos que não se estendiam para si, em pleno outono. Ao longe, montes acavalados sobre montes tocavam o céu. Mas Gineto já não mirava o céu, como em pequeno, quando subia aos cumes para espalmar a mão de encontro à abóbada azulada.

Sobre o dorso do rio, o barco deixara de ser navio-fantasma, parecia berço embalado. Só o capitão era o mesmo, agarrado ao leme, rosto duro e olhar vigilante.

– Atão os oleados? Se o trigo se molhar...

Agora, que cerrara os olhos, que se julgava menino em berço de fantasia... vinha o pai lembrar-lhe deveres de tripulante. Entregou ao trabalho o resto das forças, e, ainda por cima, bátegas repentinas ensoparam-lhe a camisa e crispavam o rio.

– Vamos ter mar picado – previu o capitão, que tudo sabia. Metera a quilha do barco rente à terra, fugindo aos escolhos e golpes de vento.

Gineto ajudou a reforçar o velame. Que os embalos já não adormentavam – faziam temor – e o rio era mar de vagas. A luz da tarde foi-se diluindo na chuva. Em volta, tudo baço. Veio até ali o apito de um comboio que passou ao longe, arrastando luzes, deixando trevas. Mais trevas e saudades para Gineto, que o seguiu com os olhos. “Se pudesse ir ali...” Àquela hora, deviam estar os companheiros em qualquer portal, contando histórias.

– Tens fome? – perguntou o pai.

Disse que sim e desceu ao beliche, donde tirou pão e carapaus fritos. Comeram. Gineto bebeu ainda um gole de vinho que o pai lhe ofereceu, e animou-se ao ouvi-lo dizer: – Tamos perto. Inda vamos ficar hoje a Lisboa.

Chegaram lá de noite, à hora em que uma chusma de estrelas parecia a Gineto ter caído sobre a cidade iluminada. Adormeceu a pensar em maravilhas, no fundo do bote. E de manhã desejou desvendar o mistério das ruas esplendentes de sol, animadas de gente. Mulheres – e que lindas! Se elas o vissem tresmalhar um toiro...

– Pai: a gente ñã sai do bote?

– Tás parvo.

Prendeu-se na ideia de que encontraria Rosete entre aquelas mulheres. O pai chamou-o à realidade:

– Deixa-te de cantigas. Vamos a isto.

Teve ganas de se atirar a ele, que nem sonhar deixava. Mas a descarga começou. A grua estendeu o braço articulado, enorme, e aliviou logo o barco em centenas de quilos. Também Gineto se sentiu aliviado, porque não tinha piadas de descarregadores a atazaná-lo, e o trabalho era mais brando. Mesmo assim, souou. E tanto, que o pai, sempre parco de afagos, lhe bateu nas costas, sorridente: – Se continuares assim, apanhas um fato prò mês que vem.

Nem quis crer no que ouviu.

– Um fato novo?!...

– Sim, home.

Como se o tivesse já vestido, pulou, assobiou, e até se esqueceu de Rosete. “Os companheiros, quando soubessem, morder-se-iam de inveja. Quem lhe dera regressar depressa! Ir num daqueles vapores de chaminés grossas como pinheiros e que roncavam mais do que as buzas das fábricas.”

Mas nem por voltar no bote moderou a alegria. Disse adeus aos camaradas do barco que cruzou viagem, rio abaixo; olhou com simpatia os montes escaldados, sem quintas promissoras; e, como o dorso do rio, sentiu nas costas o afago do sol.

Quando saltou em terra, correu logo à Loja do Povo... Já lá não estava o fato azul que tanto namorara antes da Feira; mas escolheria outro – pensou. Depois, andou pelas ruas a dar a novidade.

– Olá, Malesso! Sabes que vou ter farpela nova?

Nem se lembrava da queda do rival, na lama do cais. Malesso não lhe deu fala. Os outros, indiferentes também, corriam atrás das bilhardas, ou davam piparotes nos berlindes. Para eles, Gineto já não era garoto da rua, companheiro de brincadeiras e telhais. Emancipara-se. Camarada num barco, pertencia agora à classe dos homens que entram na taberna e deitam pontas de cigarros para o chão. Pontas de cigarros que só eles, garotos, aproveitam. E o Gineto deixara-os sem aviso. Batera no Malesso, por escárnio, e fora-se.

O recém-chegado agarrou na bilharda que lhe saltara aos pés e perguntou:

– Posso jogar?

– Não.

– Ai, não? Olhem. – E atirou a bilharda para o telhado. Os outros insultaram-no com todos os palavrões sujos que aprenderam nas ruas mais sujas, e Gineto desafiou o grupo: – Um por um. Podem vir... – Levantou o peito, fechou os dedos e esperou a pé firme os adversários. Mas somente o Sagui se adiantou, escudado no seu corpo de raquítico:

– És um merda. Só o que tens é força. – E cara a cara desafiou-o: – Podes bater. Bate...

Gineto quedou-se como estátua; depois, vencido, ameaçou Malesso: – Tu é que mas há de pagar. Andaste a fazer intrigas...

Voltou costas ao grupo e seguiu rua além, abandonado e triste. Fora ali com intuitos de amigo – e perdera os amigos. E viera ele, todo o caminho do rio, ansioso por contar a novidade! Ia ter um fato novo; mas não seria invejado como Malesso e outros, nas alturas da Feira.

À esquina da rua, parou, indeciso. Contra vontade, trocara as ruas de que era senhor, pelo mar que a ninguém pertencia. E agora via-se sozinho, rei destronado, à procura de um destino. “E se entrasse na taberna? O pai tinha-lhe dado dez tostões... Talvez até vendesse os dois canivetes que restaram da Feira.” Entrou.

Àquela hora de fim da tarde, o clube dos pobres abarrotava de gente. Operários de rostos duros como o aço das máquinas; marítimos que traziam nos olhos a inquietação do rio, descarregadores hercúleos com risos de criança. Aqui e além, homens de braços caídos, à espera...

Festejavam a noite que lhes trazia, nas dobras do manto negro, repouso e esquecimento. Noite que era o seu dia. Uns, abancados às mesas encardidas, procuravam no jogo das cartas a sorte que o trabalho lhes negava; outros, escorropichavam copos de vinho, recuperavam forças – iludiam as forças. Que ali tudo era ilusão: amálgama de risos e vozes; melodia indefinível de música que a telefonia jorrava; e, no ar empestado de fumo, à tona de tudo, um vago sonho de ventura...

Gineto aproximou-se do balcão. – Não empurres, moço! – rouquejou alguém à sua frente. Parou de mão no ar.

– Um copo de tinto – berrou. A voz perdeu-se no sussurro das vozes. Deu a volta ao balcão e tentou romper o muro de corpos.

– Ti Manel...

– Espere!

Um encontrão fê-lo recuar. Já se dispunha a desistir, quando lhe agarraram por um braço.

– Olha que marau...

O Cabo de Mar escancarava de riso a boca má. Gineto estremeceu. Tanto fugira daquelas mãos, e agora estava ali caçado como um rato.

– Vens aos melões?...

Gineto não se lembrava a que melões roubados à borda-d'água se referia o Cabo de Mar. Pensava apenas na maneira de se libertar depressa, num esforço de todos os músculos. “Se estivesse mais perto da saída...” O Cabo de Mar arrastava-o para junto do balcão. – Anda cá. Queres um copo? – E as suas gargalhadas cheiravam a aguardente.

– Tás com medo? Vá lá... – A mão sapuda caiu-lhe de leve, sobre a nuca, afogueou-lhe o rosto, menos pela pancada do que por vergonha. Tentou libertar-se, antes que mais risos brotassem das bocas à sua volta.

– Deixe-me! Que mal é que eu lhe fiz?... – A voz traía-lhe a vontade do cérebro e dos músculos.

– Já te não lembras?

Sim, lembrava-se agora. Andara fugido de casa e do telhal, tivera fome, e roubara melões de um barco. Depois, perseguido no cais e no rio, fizera o Cabo de Mar tomar um banho forçado.

– Ladrão... Sem vergonha... – O Cabo de Mar não lhe via as faces esbraseadas. Insultava e batia.

Foi então que Gineto deu fé dos canivetes. Com a mão direita livre tateou a lâmina e, de repente, num sacão, cravou-a no braço que o prendia.



Escorraçado e perseguido como um gineto – Gineto de nome e condição. Garoto da rua, que se perdera das ruas e não chegara a ser homem, porque fugira dos homens. Antes viver como Sagui, sem eira nem beira.

Dormir num palheiro de teto aberto às estrelas e pedir “pão por Deus.” Ser bom e jovial. Não, não podia ser bom. O Sagui perdera os pais, mas ganhara amigos, enquanto ele era órfão no mundo.

Acantado e mais triste, vê em cada esquina uma emboscada e em cada vulto, um inimigo. Por isso, foge. Sobe a ladeira do Mirante e para uns momentos a recordar o encontro que teve ali com o Gaitinhas, naquela tarde em que este se confessara seu amigo. Amigo falso como os outros, que acreditaram nas intrigas do Malesso. Não tem amigos quem anda acoitado como fera em descampado... E, afinal, não quisera ser fera. Contra vontade, jogara a bilharda para o telhado e abriu o canivete na taberna. Porque o desprezaram, quando ele, alegre e sossegado como nunca, ia ter um fato novo? Porquê? Não, não podia ser bom.

Na noite sem lua, ninguém vinha alumiar as trevas do Gineto. E ele ia-se embrenhando na noite pressaga de pensamentos maus. À sua volta, as sombras das árvores pareciam gigantes e bichos alados. Latiu um cão ao longe. E o som repercutiu-se pelas quebradas, deu voz aos bichos e aos gigantes. Gineto abriu os olhos para a noite e arrepiou-se. Estava perto da Quinta Alta, entre muros de vinhas e pomares que suas mãos marcaram. As sombras já não eram de gigantes e bichos, mas de caseiros e guardas. E os latidos aproximavam-se... E a sombra do Sr. Castro movia-se, sorrateira, como num dia de outono – dia de “pão por Deus...”

Então, assustado, voltou para trás. Ainda pensou regressar a casa, à sorte. Mas, no cais, a luz vermelha do farolim recortava as silhuetas dos barcos. Luz que dirigia a porto seguro mareantes sem rumo. Por isso ele, mareante de um dia, desceu ao cais. A prisão, odiada dias antes, convertia-se agora em refúgio embalador. Lá estava o *Boa Sorte*, que, nas águas serenas, parecia berço de criança. Na noite sem lua, só o farolim era estrela... E o bote baloiçava, baloiçava...

O Gineto-criança entrou nele e dormiu.

Inverno

## I

Mãos esquecidas nos bolsos e pés roxos de frio, os garotos cosiam-se com os portais, à espera do caldo ou do sol que pouco aquecia. Senhoras das ruas, abandonaram-nas no ímpeto das águas e do vento, vencidos em luta desigual. E lá se foi o mundo imaginário em que brincavam.

O vento correu de lado a lado, em tropelia doida; sacudiu portas e postigos, e deixou tudo desolado e nu, como as árvores do vale. Depois veio a chuva fazer do rio – carreiro de água negra na valeta – um mar de lama que alagou as ruas. Houve barcos no fundo, castelos desmoronados, jardins emurchecidos... Obras de arte, que eram prodígios de fantasia, perderam-se no dilúvio. Onde fora escarpa pedregosa de monte existia agora lagoa misteriosa, em que se miravam rostos de olhar inquieto, tristonhos.

Cosidos com os portais, à espera do caldo e da primavera...

– Sagui, conta uma história.

– Agora, não.

As histórias contavam-se em noites de verão, enquanto os fornos lambiam mutanos. Havia estrelas no céu, e o telhal, enluarado, era cenário irreal. Então, os moços ficavam encantados em príncipes, e viviam as histórias que o Sagui contava melhor que um letrado: – Era uma vez um príncipe...

Agora já não havia príncipes, nem estrelas.

– Qualquer dia entro prà fábrica... – pôs-se o Maquineta a sonhar alto.

– É o entras.

– Tenho um pedido...

Todos tinham pedidos para a Fábrica Grande. Anseio que passava de pais para filhos, de geração em geração. Gaitinhas lembrou-se do Sr.

Castro, a quem também fizera um pedido, e Malesso lamentou-se: – Pois o meu pai quer que eu vá prò campo.

– E tu vais?

– Atão, não... Dormir junto co'os bois e gradar de sol a sol... Diz qu'até dão porrada.

– Antes isso com pão que barriga vazia – comentou Sagui. – Porrada tamém a gente leva no telhal.

– Tás parvo! Caijo ã se ganha prà bucha. E, se estiveres lá doente, ninguém te vai tratar. Que julgas?

O outro não replicou, e Malesso deixou-se levar pelo pensamento em viagem tormentosa para o campo. Saquitel às costas e botas de fiado nos pés prisioneiros, atravessa o rio e perde-se do mundo, na lezíria que não tem fim. Entra num barracão enorme e soturno. – Ti Manel... – Sabe lá se o companheiro do lado se chama Manel.

– Ninguém nos conhece... – rematou Malesso em voz alta.

– A mim, tanto se me dava.

O Sagui conhecia o mundo. Já pedira esmola de terra em terra, enquanto os outros só mendigaram de porta em porta, nos dias de “pão por Deus”. Conhecia o mundo, menos a sua terra. E nunca encontrara os pais – por mais que andasse.

– Trago cá uma fé... – replicou Maquineta.

Também os outros a traziam. Somente o Coca, desalentado, declarou que iria pedir, apesar de o Sagui teimar que já havia pobreza a mais.

– Deixá-lo. Digo que sou aleijado... – E mostrou a perna bamba, raquítica.

Voltou o silêncio, apenas entrecortado pelo matraquear de dentes contra dentes. Malesso procurou calor numa ponta de cigarro caro, esquecida no bolso.

– Dá-me uma fumaça – pedinchou Guedelhas, até aqui calado.

– Custou muito a arranjar. Andei atrás disto como um cão.

Guedelhas, resignado, pôs-se outra vez a pensar onde havia de obter meias para uma bola de trapos.

– Se eu tivesse uma bola – murmurou –, a gente inda aquecia.

– Traz lá qu’eu faço-a – prontificou-se Maquineta. – Já tive uma que parecia de borracha.

– Não arranjo meias, quanto mais lá.

– Tu ã tens, Gaitinhas?

– Agora, não.

– Talvez o teu pai, ó Malesso...

– Não usa. Só quando vai tourear mas são emprestadas.

– Meias de mulher é que era bom prà gente aquecer – casquinou Sagui.

A conversa descambou então para falsas aventuras com mulheres, em que Malesso era mestre. Até o Coca, que se fingira desinteressado da bola, esqueceu a perna bamba e tagarelou como um homem. E Gaitinhas aprendeu coisas que a escola não lhe ensinara. Depois, a chuva arranhou as carnes seminuas e gelou a conversa.

No portal, à espera do caldo, só o sonho matava a fome. Guedelhas regressara ao campo de jogos, onde havia bolas de couro e borracha, e público numeroso que o vitoriava. Sagui fizera-se caixeiro de mercearia – a loja grande da praça– mais para comer do que para aviar. E Malesso andava a cavalo – calça justa e chapéu largo– entre manadas de toiros.

– Quando eu for lavrador...

– Tu, aldrabão!

– Era alguma coisa doutro mundo?! O Castro tem quintas em barda, e tamém andou no telhal. Disse o meu pai.

– Ah, mas esse...

– Se calhar ñã é feito da mesma massa.

– Tem juízo. Vai gradar primeiro...

Amuado, Malesso já não contou o resto dos anseios.

– Inda se as vinhas tivessem uvas...

– Diz que os dióspiros da Poisada já tão madurinhos – informou o Coca.

– Estão agora!

– Quem sabia isso ao certo era o Gineto.

– Esse arranjou bom tacho. – E Malesso acrescentou: – O gajo, quando me vê, inté foge.

– Fugido andou ele do Cabo de Mar. Se o pai ñã pede...

– Que fez ele? – perguntou Gaitinhas, intrigado.

Malesso descreveu a rixa na taberna e a prisão do Gineto, que o pai libertou depois de muito pedir. E riu-se, quando disse que o Cabo de Mar o encontrara no barco encolhido como um rato.

– Se fosses tu, inté te borrvavas todo – troçou Maquineta.

– Tás a defender o gajo, ñão? Eu cá ñão dou facadas.

– Cada um livra-se como pode – disse Gaitinhas, sem convicção, mirando a gaita de beijos que Gineto lhe dera.

– Toca um fadinho – pediu o Coca.

Acedeu, e os outros fizeram coro desafinado, que afugentou o frio. Mas, de repente, uma mulher abriu a porta atrás deles.

– Não quero barulho. Girem daqui para fora.

– Faz algum mal? – refilou Sagui. – Já nem os portais dão abrigo.

A mulher viu as caras enraivecidas dos rapazes e explicou:

– É que o meu filho está muito doente.

Deixaram a porta, que se fechou como tampa de túmulo; mas cá fora ficou ainda a voz da mulher, mais chorosa que o vento. Para espairecer, Maquineta propôs que jogassem às tampas. Era o jogo de recurso, no inverno, quando as bolas faltavam e a chuva arrefecia entusiasmos. Gaitinhas não quis jogar. A voz da mulher entrara-lhe pelo peito dentro, como faca de dois gumes; lembrou-lhe a mãe doente e friorenta.

Os outros bateram as tampas de caixas de fósforos na parede. – Caras ou cunhos?

– Caras – palpitou Maquineta.

– Ganhei. Já deves dois tostões.

– Quando entrar prà fábrica, pago-te.

Malesso encolheu os ombros. – Nunca mais recebo...

– Vais ver.

O sonho de Maquineta criara raízes fundas, que a inverneira não abalava.



Na casa de Madalena, já o inverno entrara, há meses. Mas só agora é que a humidade começou a escorrer pelas paredes e o pó tomou conta das prateleiras.

Caíra de cama. A caverna do peito queria sol e remédios – o sol que ao beco não chegava. O médico veio um dia por sacrifício de Rosa Coxa, que teimara na visita. Auscultou-a, franziu os lábios, e depois, de lápis na mão, circunvagou a vista pelo cubículo estreito. Em volta, naquele ambiente de ausência que confrangia como o retrato de Pedro na parede nua, apenas o rosto de Madalena tinha alvura de neve...

– O senhor doutor não repare na falta de arrumação...

Estava habituado a ver faltas de tudo. Apontou o retrato: – É o seu marido?

A doente disse que sim e indicou o paradeiro de Pedro.

– Já sei. – Acenou a cabeça e ponderou: – Se tivesse juízo...

Mas susteve logo a censura. Também ele, quando estudante, concebera grandes planos, defendera princípios. “A vida é a luta pelo ideal...” “A medicina deve ser um sacerdócio...” Depois o ideal foi luta pela vida própria, naquela terra provinciana de gente humilde, e os planos ficaram pregados na porta do consultório, tabelados pelos colegas.

– É o destino... – limitou-se a acrescentar.

Madalena cerrou os lábios. Bem sabia ela que o destino era a vontade dos homens.

– Bom. Tome este remédio às refeições. É do Montepio?

– Já não sou, senhor doutor. Atrasei-me nas cotas...

– Bom. Se for preciso, voltarei.

Saiu, e o cubículo pareceu mais frio.

– João: vai à farmácia aviar isto. Diz que eu depois pago.

O filho foi e veio, num instante.

– Então?

– Disse que não podia fiar, que o remédio era caro.

De olhos parados, Madalena pôs-se a enrolar a receita nas mãos de cera. João sentou-se no baú. Lá fora, os outros rapazes jogavam e riam – bem os vira; mas preferiu ficar ali, para que a mãe desanuviasse o silêncio que angustiava tudo, até a cara do pai, no retrato em frente. Quietos e mudos, à espera de não sabia quê. Em redor da casa, o inverno apertava o cerco de muitos dias; e, na laje do lume, as cinzas eram resistências vencidas.

– João... – O som parou-lhe nos lábios. “Onde iria o filho arranjar lenha? Só roubada nos montes.” Aconchegou mais ao corpo a roupa escassa. Que horas seriam? “Se a Ti Rosa viesse...” Persistia o silêncio, irmão

das trevas e do frio. E as horas eram iguais a qualquer hora, porque, ali, o dia era noite sem fim.

– Ouviste tocar a buza?

João não entendeu. Estava preocupado com o negócio da gaita de beijos que o Malesso havia de comprar. “Cinco mil réis, pelo menos. Cinco?... Talvez chegasse para o remédio.”

– João...

Aproximou-se da cama. A mãe enrolava ainda o papel, como que a querer conservar um resto de esperança.

– Vai a casa da Ti Rosa e diz-lhe que me empreste uma mão-cheia de carvão.

“Preciso de apanhar a receita”, pensou Gaitinhas – Quer que volte à farmácia? – interrogou ele, sem desfitar o papel.

– Pra quê?

– Eu volto, mãe.

Tirou-lhe a receita das mãos, e saiu a correr em busca do Malesso, que foi encontrar à beira do cais.

– Ainda queres comprar isto?

O outro já não se interessava pelo negócio; mas experimentou o som do instrumento.

– Quanto?

– Oferece tu...

– Dou... quinze tostões.

Gaitinhas nem quis crer. – Só isso?!

– Atão. Querias alguma fretuna?

– Cinco mil réis.

– Julgas que eu sou parvo, pá? Vai-te encher...

Devagar, mãos pendentes e olhos desolados, Gaitinhas afastou-se. À porta da Ti Rosa, deu o recado e ficou à espera.

– O médico foi lá a casa?

Como o rapaz acenasse que sim, perguntou ainda:

– E não receitou nada?

Gaitinhas mostrou o papel, e ela pôs-se a mirá-lo, como se soubesse ler; depois guardou-o no bolso do avental.

– Toma o carvão. E diz à tua mãe que logo vou por lá.

De regresso a casa, Gaitinhas tocou uma ária alegre no instrumento de que o Malesso desdenhara. Porque a Ti Rosa aviaria a receita; e o carvão ia queimar as trevas – irmãs do frio e do silêncio.



Sozinha em casa, enquanto a mãe urdia teias na fábrica, caiu da cama abaixo e ficou aleijadinha. Foi isto há um ror de anos. Rosa Coxa por alcunha, envelheceu no tear, como a mãe, que se finara.

Ao primeiro toque, já ela se alvoroçava toda. Sempre coisas atrasadas e o lume a não querer pegar... Manca não manca – passo firme, passo incerto –, enchia a casa de suspiros e sobressaltos. E a casa ficava longe da fábrica, no fim da vila. Lume aceso e a panela em cima, batia a porta, aflita. Depois, manca não manca, rua fora que parecia não ter fim, chegava à fábrica com um quartel perdido ou castigo apontado.

– Lá vem a Rosa Coxa.

– Com a pressa, parece que nem coxeia.

Ouvia troças na fábrica e troças na rua. Isto há um ror de anos, antes de o corpo tomar forma esbelta de mulher, que, mesmo assim, nenhum homem desejou em matrimónio. Rosa – mas coxa... E no rosto vermelho um ar de aflição que divertia.

Certo dia Madalena deu-lhe o braço e ajudou-a no caminho. E desde então Rosa Coxa teve uma filha tão carinhosa como aquela que em sonhos solteiros concebera.

Por isso, ali na farmácia, puxou do avental a receita sem avio.

– Avie aqui, que pago no sábado. O preço?...

– Dezoito escudos.

– Quase a féria da semana... – Mas levou o remédio à Madalena, como se, em tarde de sábado, levasse a féria para casa.

– Estás melhor? – perguntou da porta.

A doente fez um aceno de dúvida.

– Afinal, o teu filho não se explicou na farmácia. Aqui tens o remédio.

– Como hei de eu pagar-lhe tantos favores, Ti Rosa?

– A mim? nenhuns, minha filha.

– Eu sei. Não bastavam os ovos, ontem, e o carvão, há bocado...

– Ora. Põe-te boa, que depois fazemos contas.

– Boa... Ti Rosa. Isto está por pouco.

– Tem juízo, rapariga! Que direi eu, mostrengo velho.

Pôs-se a desfiar exemplos de outras doentes, atropelando as palavras, como quem reza. Mas só o lume, ao canto, era promessa de conforto. Tudo o mais enregelava na sombra, como o sorriso de Madalena nos lábios sem cor.

– Prà primavera... verás – teimava Rosa Coxa.

De olhos enleados no retrato, a doente lembrou-se da árvore que Pedro plantara no quintal antigo. Cada inverno mais nua, mais franzina, e sempre à espera que a primavera lhe trouxesse novas seivas e flores. As-

sim ela também. Tossiu, e o branco das faces fez-se vermelho, por instantes. Tosse funda que lhe estoirava o peito.

– Toma o remédio – acudiu a amiga.

Rosa Coxa andava de lado para lado, a pôr jeitos de conforto no desconforto dos trastes. Descoroçada das palavras que não alegravam, pedia às mãos ajuda. Mas era o lume que ajeitava tudo com pálidos fulgores. Gaitinhas acomodou-se também junto dele, enquanto o caldo tardava. Parecia dormir.

– Tens fome? – perguntou-lhe a mãe.

– Não, senhora.

Mentia. Desde manhã só com uma bucha, tinha apetite e sono.

Com voz sumida, Rosa Coxa falou dele à mãe: Que não se fiasse em promessas do Sr. Castro. Um unhas-de-fome... Queria lá saber dos outros. E então lembrando-se de quem o rapaz era filho...

– Mas que hei de eu fazer?... – carpiu-se Madalena, que já não reagia como dantes.

– Ele que vá pedir, nem que seja esmola.

– Pedir esmola? Oh! Ti Rosa...

– Atão. Vergonha é roubar.

Não via o desgosto estampado no rosto de Madalena. Sempre discordara daquela ideia de o rapaz andar na escola, em vez de aprender um ofício.

– Tem a mãe doente... pede. Outros que não precisam andam aí pelas portas.

Pior era passar desdenhada a vida inteira, manca não manca, no ganha-pão que era sempre duro, porque sabia a mágoa sem remédio. Isto pensou; mas apenas repetiu: – Vergonha é roubar, rapariga.

Madalena permaneceu calada. Descansou os olhos embaciados no retrato, como se no olhar lhe fosse a vida toda, e, mudamente, disse ao marido o que Rosa Coxa não podia entender.

## II

No cais, mastros despidos de velas, os barcos dormitam.

O rio está deserto. Há quase uma semana que a chuva cai, em bátegas grossas como as amarras que seguram os barcos.

– Por este jeito, Ti Manel...

– É a fome.

– Pode ser que abrande. O vento tá a querer virar...

– O vento é com'a gente. Tão depressa endireita como entorta.

– Só entorta, home. Gente de mar traz sempre a proa debaixo d'auga.

– Diz que lá pra cima vem uma enxurrada dos diabos. Enche-se pr'aí tudo de miséria.

– Só se for disso. Que do mais fica-se vazio que nem panela sem fundo.

No cais, braços caídos, os homens esperam. O rio é mar de vagas e de anseios. Saem as falas das bocas, mas é para ele que os olhos se voltam. Olhos de animal que perdoa.

– Se eu pudesse, inda virava de rumo – diz Manuel do Bote.

Mas são palavras para o rio ouvir. Deixa-se andar ali a rondar o cais, beata esquecida nos beiços, mãos arrastadas de anfíbio.

– E se a gente molhasse a goela? Assim com'assim...

Alguns vão. Sentam-se nos bancos encardidos e bebem.

As cartas andam de mão em mão, e os copos, das mãos para as bocas, desentarameladas. Mas a taberna fica à beira do cais – e o rio espreita à porta. Pode o Chico Lindinho gargantear todos os fados, que é o rio quem se ouve.

Manuel do Bote entra dentro do barco. Ajeita os oleados, alivia os cabos, como se fosse partir em breve. Tal e qual o pai do Guedelhas, que, mesmo desempregado, corre as ruas como quem leva destino.



A mulher tomou-lhe a entrada da casa, boca aberta de risos e embrulho nas mãos.

– Adivinha o que tenho aqui.

Manuel do Bote deu de ombros ao mistério.

– Sei lá. Carne de vaca...

Ela afrouxou o riso. – Que ideia! – Abriu o embrulho e pousou na cómoda o relógio niquelado. – Olha. É lindo, não é?

Apesar de já o ter colocado em melhor sítio, mudou-o mais uma vez. Depois, pôs-se a contemplá-lo de longe, como beata frente a altar.

– Gostas, Manel?

Não respondeu logo. O relógio enchia de brilho a casa toda, parecia o farol do cais. Mas a imagem lembrou-lhe o barco vazio, à beira do rio deserto de velas.

– Que me adianta isso? – disse por entre dentes. – É pra m’acordar ao meio-dia?

– Credo, home! O inverno não dura sempre.

– Prà gente, nunca acaba.

De repelão, ela voltou-lhe as costas. “Tantas economias e sacrifícios, para ouvir daquelas, no fim! Semanas e semanas a viver para o relógio, como se um filho fosse nascer. Deu-lhe gana de perguntar donde saíram os três mil réis que todos os sábados ia entregar ao Costa Ourives, às escondidas”. Calou-se, porém. Manuel do Bote exigia respeito, governava a casa e o bote, a pulso firme. Já andava pelos cantos, mexendo aqui, remexendo ali, insatisfeito.

– O fato de oleado... Onde está o fato?

– Sei lá. De manhã levaste-o.

– Raios parta isto!

No barco, andava tudo em ordem, sabia onde guardava as coisas... Ali... até o ar escasseava. Entediado, sentou-se junto do lume, remoendo arrelias. Mais uma semana de mãos pendentes, sem jeito, e o Lopes da loja a bater-lhe à porta com o resto da conta. Antes não fizesse o conserto, como aconselhara o Ti Bento, que, em artes de mar, tudo sabia.

– Inda aganta o inverno, Manel...

– Isso é o que bomecê diz.

Razão tinha ele. Mas também quem adivinhava três anos a fio de cheias e temporais como nunca se vira? Não quis crer, e agora o barco estava no cais em exposição.

– Se pudesse, inda mudava de rumo.

Agora já não eram palavras para o rio ouvir: era o desespero de não ser ouvido.

O filho mais novo enroscou-se-lhe nas pernas, choroso, porque a mãe dera nele o sopapo que destinava à Deolinda, com quem ralhava. Mas a sopa veio para a mesa, e os ralhos serenavam nas bocas, sôfregas. O tiquetaque do relógio fez-se música nos ouvidos de Maria do Bote, transmitiu melhor sabor à sopa requentada. Deolinda ouvia a chuva a trepidar no teto sem forro, e pensava que decerto o namorado não viria tagarelar à janela, nessa noite.

– Que tempo malvado! – murmurou.

Manuel do Bote levantou os olhos para a filha, que lhe adivinhara o pensamento, e lamentou-se também:

– Assim, nem a ceia dá sustento.

Uma lufada de vento alvoroçou o sossego da casa. Era Gineto que entrava esbaforido, a pingar água.

– Isto é que são horas? Fidalgo... – rouquejou o pai.

Maria do Bote atentou nos ponteiros com enlevo. – Oito e dez...

– Do barco não queres tu saber. Julgas que o trabalho se acabou?

O moço não respondeu. O pai falava, porque tinha o barco a enferrujar, e não se ajeitava em terra. Ele, não. Fizera-se marítimo por promessa de um fato novo; mas estava farto. O fato escolhido desaparecera da montra, substituído por outros e outros, enquanto o seu sucumbia ao frio, no fio.

– Chove muito, Chico? – segredou a irmã.

Acenou que sim, sem tirar os olhos do prato. O pai continuava sarrazina, na vazão da maré alta de tormentos que o asfixiava.

– O Cabo de Mar não tas perdoa. Arranja outra tunantice, que não sou eu quem te livra da cadeia.

“Nã me ralo”, pensou Gineto. Prisão pior era a caverna do barco, com trabalhos forçados toda a vida. Por isso, voltara às suas quintas.. Não ia passar o inverno a vigiar o cais como o pai à espera de fretes que nem um fato davam, enquanto as laranjas amarelavam nos pomares. Não, daquele negócio não percebiam os marítimos.

O pai saiu mal-encarado, e Deolinda foi para o postigo ouvir os pingos de água dos beirais a imitar passos do namorado.

– Vai-me lavar a loiça, rapariga!

– Já vou. Inda é cedo.

– São nove horas.

Maria do Bote pusera sobre a mesa, mais perto da cama, o relógio despertador. Quase o beijara quando lhe tirou as dedadas com o bafo, e agora, enquanto engalhava a filha de colo, rabugenta, via o ponteiro grande rodar obediente e serviçal.

De costas na enxerga, Gineto dava vulto à ideia da véspera. Começaria pela Quinta Alta, que lhe era familiar, embora mais arriscada, pois o

caseiro guardava-a como cão fiel, ou melhor ainda. Por artimanha, até mantinha o muro sem vidros, junto da casa. O canzarrão!... Gineto sorriu, confiante em si, e desviou o pensamento para a venda das laranjas. “Precisava de alguém que não despertasse suspeitas. O Sagui... Talvez o Gaitinhas.” E adormeceu a passar em revista os companheiros de rua.

Entretanto, a mãe deu corda ao despertador, como ensinara o Costa Ourives, e apagou o candeeiro. Deolinda ficou ainda ao postigo.

– Vem-te deitar – berrou Maria do Bote. – De manhã, não há quem te arranque da cama.

A filha não respondeu. Deixara de ouvir os pingos nos beirais, e, contente, oferecia o busto às mãos do namorado.

De madrugada, o relógio despertou a casa toda.

– Cala-me essa gaita! – rosou Manuel do Bote, que recolhera tarde por temor das cheias.

Os filhos acordaram sobressaltados, e o mais novo desatou a chorar. Só a mulher ouviu o relógio como num sonho delicioso – o sonho de muitos anos. Por isso o deixou gastar a corda até ao fim, apesar dos protestos do marido.

– Tu não ouves? Se me levanto, dou cabo disso.

– Era o que faltava – repontou ela, pondo os pés fora da cama. – Se calhar não queres que eu vá prá fábrica. Tás rico?

Manuel do Bote ficou-se a espiar a luz que se coava pelas telhas desunidas. “Até a mulher lhe censurava a inação, como se fosse culpado. Qualquer dia ainda o acusava de viver à custa dela. Não; assim não era vida. Custasse o que custasse, levaria o barco para o porto de trabalho, mesmo que para isso tivesse de meter a proa pelas cheias dentro, através dos campos submersos.” E, sem uma palavra, levantou-se também.



As cheias cobriram de água os olhos dos camponeses. Perdidas as margens, o rio fez-se mar – mar de aflições.

Mas ali do Mirante, sobranceiro à casa do Gaitinhas, a gente que veio da cidade, em automóveis, não via angústias, nem olhos rasos de água. Assentou binóculos sobre a lezíria, e as lentes aproximaram telhados de casas submersas, telheiros desmantelados, copas esguias de choupos como dedos de naufrago. Ao longe, dentro da capela bloqueada, a Senhora de Alcamé decerto bradava aos Céus.

– Que formidável espetáculo!

– E não querias tu vir...

– As águas ainda subirão mais? – perguntou alguém.

Um homem daqueles sítios disse que sim. – O cabeça d'água é só depois de amanhã...

Via-se a torre cimeira da capela. E o sino calado, impotente...

– Gostava de cá voltar, quando o rio estivesse mais cheio – confes- sou uma senhora que ouvira a resposta do homem.

O marido discordou. – Não vale a pena. O panorama é surpreenden- te, mas monótono.

Um bando de patos-bravos alvoroçou olhares, formou nuvem que se alongava e sumia na neblina da manhã. No valado, que fora limite de margem e agora era carreiro sem destino, um renque de oliveiras emergia das águas as copas glaucas.

– Que engraçado – ouviu-se uma voz feminina –, as oliveiras pare- cem cogumelos monstruosos.

– São uma nota áacre numa paisagem sem cor – respondeu um ra- paz magro, de monóculo. – Como disse Amiel, a paisagem é um estado de alma.

Risos.

– Você vê tudo com olhos de poeta.

– São os poetas que dão beleza à vida – ripostou com ênfase. E repôs o monóculo.

Depois, voltando-se para os companheiros, disse no mesmo tom: – A propósito: vocês leram o artigo do Silveira acerca das cheias? É fraco, pouco burilado...

O caudal barrento do rio arrastava fardos de palha, animais e lágrimas. E o homem daqueles sítios, alheio às conversas, nada mais via do que luto à sua frente.

O claxon de um automóvel repercutiu-se sobre a vila. Gente partia, outra chegava.

Agora era um senhor gordo, com máquina fotográfica a tiracolo, quem apreciava o panorama.

– Afinal, onde está a maravilha?

– É grandioso, há de concordar.

– Um lago, meu amigo; um lago; e menos pitoresco que o dos Quatro Cantões – Mordiscou o charuto. – Inundações sérias vi eu na América. O Mississípi...

O amigo interrompeu a digressão. – Em todo o caso há prejuízos de milhares de contos...

– Sim, convenho que é um rombo, em lavoura pobre como a nossa.

– O Meneses de Sá, coitado, perde mais de setecentos contos. Diz-se até que vai vender o palacete do Estoril.

O sujeito gordo calou-se por instantes. Apareceu, junto do valado, um barco de vela branca que lembrava mortalha. Os patos-bravos roçavam a água, pareciam pousar sobre um cepo informe que descia na corrente, aos baldões. Mas o sujeito gordo não via o cepo, nem o barco. Pensava salvar das cheias o amigo proprietário, comprando-lhe o palacete.

– Coitado do Meneses! Setecentos contos...

– O Estado deve ajudá-lo – explicou o outro. – Fala-se numa grande reunião de lavradores.

Ao lado, indiferentes à gente da cidade, outros homens falavam das cheias, em voz lenta.

– Diz que lá pra cima, nã m’alembra onde, aluíram setenta casas.

– Palhotas, se calhar...

– Não; casas, mesmo. A auga deu em minar o barro das paredes...

– E agora?

O homem que contava encolheu os ombros; os outros olharam os campos alagados. E, porque não tinham binóculos, não viram beleza na paisagem. Também para eles o rio era sepultura de anseios.

– O meu irmão perdeu roupas e enxada... tudo. Veio do campo co’as mãos a abanar.

– Inda ter safo os braços...

– Para quê? A mulher já anda na esmola mailos filhos...

Uma voz feminina vibrou de entusiasmo.

– Veja, mamã! Estão três bois sobre aquela nesga de terra.

O binóculo devassou o horizonte. – E não tentam salvá-los?

– É impossível – explicou alguém.

A senhora idosa encheu-se de tristeza e regressou ao automóvel. O Coca, que subira a ladeira nesse instante, ainda lamuriou à passagem: – Uma esmolinha... – mas o carro partiu, veloz, e o Coca não pôde dizer à gente da cidade que era aleijadinho e que o pai perdera tudo nas cheias.

Também o senhor gordo abandonara o Mirante, depois de deitar fora a ponta de um charuto que Saguí apanhou para vender ao Malesso. O garoto viera ao morro na crença de ver os telhais arrasados pela enchente. Afinal, os fornos permaneciam de pé, como fortalezas em meio de deserto. O vento levava telhas e coberturas; a chuva derruíra tijolos; as águas

alagaram barreiros e almajares. Mas os telhais resistiam ao tempo e crispavam no rio as unhas dos esteiros submersos, para que ele deixasse ali o nateiro roubado à lezíria.

Só o Sagui mantinha a mesma crença. – Às três é de vez. Este ano vai tudo raso!

– Gaitinhas? Anda ver a cheia.

– Não preciso. Já aqui chegou...

A enxurrada descia a ladeira em catadupas, cachoava no beco. Água que não lavava a tristeza das paredes nuas. Da cama, Madalena lamentara-se:

– A água chegou cá dentro, João. Tapa esses buracos.

Barrara a porta, e agora, encharcado até aos ossos, abria sulco fundo na encosta pedregosa. Mas a torrente furtava-se ao caminho que o Gaitinhas lhe oferecia, arrastando pedras e lixo, até se espriar na rua, ao fundo.

– Sagui... Eh! Ajuda aqui.

– Deixa-te disso. Quando acabares, é verão.

Condoeu-se, porém. – Se arranjasses tijolos...

– Servem pedras? Tijolos, não tenho.

– Nos telhais, há muitos.

Gaitinhas sorriu. – Há, mas têm dono.

– Dono é a gente, que os fazemos. Queres vir? Aí com dez... vedo-te a porta que é um ar.

– Não. Roubar, não!

Sagui soltou uma gargalhada. – Injinho! Quando fores pròs telhais ñã falas assim.

E desceu o beco com a ponta do charuto, apagada, na boca.

Gaitinhas emudeceu, e, sem um gesto, deixou que a água esboroasse o barro da porta. “Quando fores pròs telhais... Iria mesmo?” Tudo lhe dizia que sim: o beco sem luz, as paredes denegridas, e a enxurrada, que parecia não mais parar. Em casa, tinha a mãe doente; e no baú, cada vez mais desmaiadas, as cartas que o pai escrevera.

Com lágrimas nos olhos e água pelos joelhos, correu as ruas em busca de alguém que o ajudasse a calafetar a porta. Só não foi à estação, onde Maquineta e outros andavam a oferecer o dorso aos senhores que chegavam no comboio de Lisboa.

– Levo-o às cavalitas até casa...

– Não pode passar. As ruas têm caíjo um metro d’auga.

– Mais de dois – afirmava Guedelhas.

O Coca ria à socapa e suplicava uma esmola. – Perdi tudo na cheia, meu senhor...

– Tudo, o quê?

Punha-se a pensar em coisas que não tinha e perdia a esmola.

O Pirica, mais forte que os outros, arranjou freguês – um sujeito barrigudo que agitava na mão uma pasta de cabedal, à laia de chicote.

– Faz-me lembrar as corridas de jumentos – disse este, às gargalhadas.

– Olha que eu moro longe – advertiu outro homem ao Guedelhas.

– Não faz mal; eu posso.

Mas quando chegou à praça, as pernas tremiam-lhe como vimes. – Tenho que arriar, nhor...

– E eu que me molhe? Não sei: aguenta-te.

O moço deu mais dois passos, cambaleou, e estatelaram-se ambos na água.

– Grande besta! – vociferou o homem, ameaçador, enquanto o Guedelhas se escapulia a rir, apesar dos cinco tostões que não recebeu.

O pai, que o viu, mandou-o tomar conta dos irmãos e seguiu por entre a cheia, com o mesmo jeito estugado de alguém que leva destino. Ser-  
ra na mão e lápis atrás da orelha, oferecia pelas portas os seus préstimos:

– Quer que sarre alguma tábuia? Precisa de ajuda?...

Gaitinhas deixara-o afastar-se, à primeira vez; mas depois dirigiu-se-lhe, titubeante: – Se o senhor fosse à minha casa... Eu sou amigo do seu filho...

– Vou, pois – interrompeu o carpinteiro. – Ando aqui para isso. Tenho quatro crianças...

Mas olhou para Gaitinhas, criança também, e calou-se.

A enxurrada chegara às pontas do cobertor com que Madalena se aquecia. Foi preciso tapar os buracos da porta com ripas que as vizinhas deram e esgotar depois o quarto, que, mesmo assim, ficou cheio de lama. Por fim, o pai do Guedelhas disse que estava tudo vedado.

– Precisa de mais alguma coisa? – E fixou em Madalena os olhos mansos e aguados de boi que espera ração.

– Obrigado, senhor... Nem sei o seu nome.

– Joaquim.

– Eu queria pagar-lhe, Sr. Joaquim; mas...

Ele compôs o lápis na orelha, num disfarce, e respondeu que não valia a pena. Saiu. E, na rua, retomou a mesma pressa de quem tem trabalho certo.

– Inda chove muito? – perguntou Madalena ao filho.

– Não, senhora. Parece que vamos ter sol.

Mentia, porque no beco era sempre noite. No entanto, Madalena animou-se como se o sol ainda lhe trouxesse remédio. Quanto mais piora-

va, mais se iludia de esperanças. – Na primavera... – dizia. Agarrada à terra como certas árvores decrépitas que deitam rebentos antes de morrer. Às vezes, até fazia projetos. E a Rosa Coxa, ouvindo-a, chorava por ela.

Vinha todos os sábados, a Ti Rosa. Rosto aflito e saco na mão, corria os teares a pedinchar esmola para a Madalena, que andara lá na fábrica e agora estava tuberculosa. Todas davam.

A princípio, a doente não quisera aceitar. Chorara. – Ti Rosa, tenho vergonha. Elas ganham tão pouco... – Depois conformou-se.

– Então, estás melhor? – perguntava a velhota, por hábito.

– Hoje não tossi tanto. Na primavera, sempre me levanto, Ti Rosa.

E interrompia a conversa para esconder, no lenço, um escarro vermelho.



O pai disse ao Gineto: – Anda daí. Vamos aos salvados.

Contente, entrou na bateira e quis remar sozinho.

– Larga isso, moço – opôs-se o pai. – O mar não tá pra graças.

Sentou-se em frente. Os remos chiavam nos toletes, e o vento, nas vagas que empinavam o barco. A corrente arrastava-o para jusante, e Manuel do Bote concentrava todos os músculos na remada, opondo a força consciente à força bruta das águas. Um remo partido – e a bateira seria impelida rio abaixo, como o tronco de árvore que vinha perto.

– Cuidado, pai. Olhe aquele toro.

Uma guinada forte, e o barco safou-se. Gineto sorriu. Assim, entre perigos, gostava de andar embarcado. Vida com risco de vida e cheia de imprevistos, diferente daquela que levava quando o rio era mar de nata.

Manuel do Bote seguiu o toro com o olhar. – Tanta lenha perdida... – murmurou.

– Nã se apanha, pai? Com um barco grande...

O rosto de Manuel do Bote ensombrou-se. O barco grande enferrujava no cais, junto de muitos outros, com aspeto triste de coisa abandonada: velas arriadas e mastros apontando o céu inacessível, sem brilho de astros.

– Pega na fateixa – ordenou o remador.

Estavam agora a meio do rio. A um lado e outro do barco passavam laranjas, restos de palheiros e coelhos de barriga inchada, entre molhos desfeitos de caniço.

– Tanta laranja, pai! Vou pescá-las.

– Tem tempo. Faz o que te mando.

Gineto lembrara-se do negócio em perspetiva. Ali não havia muros nem caseiros... Mas um vulto estranho vinha ao longe a rolar.

– Temos obra – disse Manuel do Bote. – Puxa-o pra fora da linha d’auga.

A fateixa roçou o tambor de gasolina, vazio, e fixou-se-lhe no bojo.

– Força, rapaz!

Não era preciso o pai dizê-lo. Pernas retesadas contra a amurada e mãos como tenazes no cabo da fateixa, doíam-lhe as canelas, rangeu os dentes; mas o rio foi cedendo na luta. O tambor encalhou no barco e os dois marítimos içaram-no a poder de braço.

– Bom trabalho! – comentou Manuel do Bote.

Gineto sorriu com orgulho, limpando à manga da camisa a testa suada. Passeou o olhar pelo cais distante, onde gente sem barco recolhia salvados que a corrente espraiava. Para lá do casario, no Mirante, outra gente saía de carros luzidios e contemplava o rio. “Viram-me decerto”, pensou o rapaz. E encheu o peito de ar, como se a máquina fotográfica do senhor gordo estivesse em frente dele.

– Já posso apanhar as laranjas?

O pai acenou que sim, enquanto calculava o valor do salvado. Com pressa, como se o caseiro da Quinta Alta viesse ali, Gineto pôs-se a recolher a fruta.

– Inda baldeias pela borda fora...

Moderou o afã. – Se apanhasse tudo de um folgo, atirava-me ó mar.

O pai disfarçou um sorriso. – Tinha de te puxar com'ó tambor...

– Nã sou capaz?! – E tirou fora das calças a fralda da camisa.

A voz rouca do pai susteve-o. – Tás maluco, pá? Nã vim pr'aqui laurrear.

Outros restos de derrocadas aproximavam-se. O gemido dos remos tornou-se maior na solidão do rio.

– Olhe acolá, pai!

Em cima de um fardo de palha, empoleirado, um galo remira o mar.

– Vai longe – observou o marítimo. – Já não o caçamos.

– Vire a proa do barco para a lezíria.

Sobre o valado – ilha perdida no oceano das Lezírias – rastejavam lagartos e cobras; nas oliveiras, piavam pássaros; e rãs assustadas sumiram-se nas ervas, aos pulos. Além, nas aluviões arrasadas, outros bichos deviam estar assim, sobre a erva dos valados, à espera... Olhariam talvez a capela da Santa de Alcamé – Senhora das cheias. Mas o sino da torre não tocava... E o rebocador, único que ali ia, custa cem mil por hora...

O barco de vela branca, que lembrava mortalha, vinha rente ao valado, carregado de gente. Quando cruzou com a bateira, Manuel do Bote saudou: – Boa viagem!

Viagem triste. Barco ajoujado de carga, que ia ficar em qualquer cais, sem abrigo. Por isso, o remador escutou apenas o eco da própria voz. E Gineto lembrou-se de certo navio com lenços na amurada e costado branco como peito de gaivota, a quem desejava também boa viagem.

A tarde agonizava. No mar de luto, deslizavam sombras e restos de vida por salvar...

– Larga a fateixa. Tou farto d’auga – disse Manuel do Bote com voz dolente.

Meteu proa à terra e atracou.

### III

A água baixou nos campos e as notícias dos jornais sobre os prejuízos das cheias foram rareando também. Dera seus frutos a reunião dos lavradores, que puderam assim consertar os valados. O Meneses de Sá não vendeu o palacete do Estoril. E o senhor gordo, que fumava charutos caros, ficou à espera de outra oportunidade.

Só o Coca se lamentava ainda: – Tou tramado co negócio, pá! Cada vez anda mais gente à esmola.

O Sogui riu-se. – Eu não te dizia?...

– Inda se fossem gajos fracos com’ a mim... Mas homes...

– Amanhã já andam menos – disse o Malesso. – Vai muita malta prò campo.

Olhou o dedo do pé que riscava arabescos na lama e acrescentou: – Eu cá também abalo. Venho dizer adeus a vocêsês.

Os outros ficaram embasbacados. – Diziais que ã punhas lá os butes...

– Pois sim, mas o mê pai ã ganha nada no cais, a gente semos sete em casa.

– Também na minha semos.

– Atã, porque ã vens? Aquilo, com gajos conhecidos, era melhor.

Guedelhas recusou-se com acenos de cabeça. E Gineto, até aí calado, afirmou que não ia nem que o matassem. Só no verão, mas pra apañhar pássaros.

– Isso dizes tu, que tens tacho garantido. Se o mê pai fosse dono de um barco...

– De que servia? O nosso tá parado no cais...

– Eu cá inda tenho uma fé... – começou Maquineta.

Mas Sagui não o deixou acabar. – A gente já sabe. Vais prà Fábrica Grande.

Os outros escarneceram-no também, e Maquineta embatucou.

– Quanto te pagam? – perguntou Gaitinhas ao Malesso.

– Quatro mil réis.

O filho de Madalena ficou um instante pensativo; depois revelou a ideia que o inquietava: – Se fosse trabalho para mim, ia contigo.

– Atão nã é, pá! – exclamou Malesso, animado. – Acartar terra nos coches, toda a gente sabe.

Mas Gineto arrefeceu entusiasmos. – Cala a boca! É preciso ter corpo e folgo. Ó fim dum dia, este injinho rebentava.

Gaitinhas olhava para um e outro, indeciso.

– Vem daí, Gaitinhas. Olha que quatro mil réis é dinheiro...

– Se a minha mãe deixar... Por quanto tempo é?

Malesso distendeu o lábio. – Coisa de cinco semanas. Mas é perto. Inté vês de lá a tua casa.

– É nos valados do Castro? – inquiriu um dos rapazes.

Gaitinhas estremeceu. Lembrou-se do Arturinho e da escola, como de um sonho apagado na memória. “Antes trabalhar por conta d’outrem.”

– Se quiseres – avisou Malesso – resolve hoje, que eu inda faço o pedido. A gente abala amanhã.

O pedido... – pensou Gaitinhas. O Sr. Castro também tinha um pedido seu para a Fábrica Grande – e nem resposta dera.

Estendeu a mão ao companheiro que partia, e os outros, pesarosos, fizeram o mesmo.

– Adeus, Malesso. Boa sorte! – disse Gineto, abraçando o antigo contendor.

– Quando o gajo voltar, enche pr’áí tudo de aldrabices – zombou o Coca.

Mas nenhum achou graça. Gaitinhas e Gineto entabularam conversa em voz baixa. Maquineta desaparecera. E Sagui retomou o carro de mão desconjuntado, cheio de argila apanhada nos montes.

– Deixa-te disso – observou-lhe Guedelhas, desdenhoso de negócios.

– Pois sim, enquanto houver panelas encardidas, cá me vou ajeitando.

E pôs-se a alarmar a rua com o pregão de todos os dias: – Pó d’arear! Dois tostões cada lata!



Gineto premeditara o assalto para aquela semana, quando o pai saísse com o barco. Faltava-lhe apenas arranjar duas sacas e convencer Gaitinhas, que recusava ser ladrão de fruta.

À tarde, porém, o pai chamou-o ao cais. Já alguns barcos haviam largado para outras paragens; os carregadores formigavam nas pranchas; e o *Boa Sorte*, atracado de banda, recebia carga.

– Saímos hoje – informou Manuel do Bote, risonho. – Arranjei um frete prò Montijo, pago à ponta da prancha.

Gineto permaneceu mudo, a olhar de esquelha o rio agitado.

– Tás com medo? Um home...

– Não senhor – interrompeu o filho. – É que eu tinha cá um biscate... Vomecê ganhava por um lado... e eu por outro.

– Ah... largas-me de mão?!...

Coçou devagar a barba de três dias, a dar tempo ao raciocínio, pois já sabia que à bruta nada lucrava.

– E eu a dezer há bocado, pra quem quis ouvir, que tu ias sem medo nem que fosse pròs Brasis.

– Pois ia, pai; mas...

Esfregava as mãos nas calças, como que a segurar a vontade abalada.

– Mas não vais. Ouviste contar que as cheias meteram fragatas no fundo – e não vais.

O pai de Malesso, que baldeara a última saca, interveio também: – Deixas o teu pai ficar mal, rapaz?! Nestas ocasiões é que se querem ver os arraises.

– Tem medo – escarneceu Manuel do Bote, pousando-lhe as mãos nos cabelos revoltos. – Desta vez, dava-te o fato...

Gineto encolheu os ombros e Manuel do Bote julgou que era por dúvida.

– À certa. Nem que passasse fome.

O filho esboçou um sorriso. Fome passava ele desde que o inverno apontara...

– Então, Manel? – perguntou o Cabo de Mar, que se aproximara. – Tás à espera que o barco fique no chão?

Manuel do Bote ia a responder, mas o filho exclamou logo: – Eu vou, pai; mas ã é pelo fato...

Saltaram para a coberta da proa. – Iça o estai! – ordenou o arrais, enquanto recolhia as amarras. A vela, empapada de água, deslizou sobre as adriças como bandeira de guerra; o arrais deitou mão à cana do leme; e as defesas roçaram a borda do cais, em despedida.

O Ti Bento chegou-se ainda, agoirento:

– Olha que vai haver trabuzana! Pròs lados da barra tá a ficar feio...

Manuel do Bote estendeu-lhe o braço, num adeus, e disse quaisquer palavras que só o vento ouviu. Sob o – cavername, o rio bramia contra a quilha que lhe cortava as águas altas. Parecia que o barco se ia partir em dois, de momento a momento; mas a vela grande, bojuda, impe lia-o para a frente.

Gineto recolhia as sensações daquela viagem temerosa e sorria. Talvez o pai julgasse que ele estava ali pelo engodo do fato novo. “Havia de lhe explicar o motivo, mas no fim da viagem, quando se despedisse do bote para sempre.”

Uma gaivota voou perto, em luta com o vento, e Manuel do Bote seguiu-a com o olhar, até a ver sumir-se na neblina que se aproximava. Ia-se coando aos poucos a pálida claridade do sol encoberto. Mão firme no leme, indiferente aos salpicos gelados das vagas, o arrais atentava na força dos elementos. Avançavam nuvens negras como corcéis, e, ao longe, a ramaria das oliveiras pedia paz ao vento, que redobrava de furor.

– “Bem avisara o Ti Bento. Vamos ter trabuzana grossa...” Torceu o leme, e o bote guinou todo a terra.

– Arreia as velas, Chico!

Mas era tarde. Um golpe de vento rasgou de repente a vela grande e atirou Gineto contra o guincho.

– Agarra-te! – gritou o pai, dobrado sobre a cana do leme.

Uma vaga alta açoitou o barco, da proa à popa, outra vaga lambeu os oleados e penetrou nas cavernas. Gineto deslizou aos baldões até junto do timoneiro, que tentava agora colher a bateira.

– Pai: eu não tenho medo.

– Depressa! Salta...

– Vou buscar as roupas.

Ia a voltar à proa; mas o arrais segurou-o. – Salta... senão morremos aqui!

Gineto entrou na bateira seguido do pai. As vagas subiam até aos cadernais; o barco adornara, envolto na poalha das águas, densa como o fumo. As estilhas das velas tinham voado, como gaivotas assustadas. E, no meio do vendaval, ereto como marco indestrutível, o mastro nu apontava o céu.

– Aganta esse remo! – gritou Manuel do Bote, enquanto encaixava o outro no tolete. Mas, no meio do temporal, só os gestos eram voz. A baleeira andava ao sabor dos elementos, ora empinada como peixe voador, ora escondida na cava das ondas.

Entre dois baldões, o arrais viu o bote submergir-se num instante.

– Ah! Ladrão... – soluçou. E arrepelou os cabelos, impotente. O remo safara-se-lhe das mãos, e ele, esquecido do perigo, olhava o calcês do mastro fora de água, como se esperasse ainda a emersão do *Boa Sorte*.

Gineto sacudiu-o por um braço, a incutir-lhe coragem. O vento parecia querer abrandar; mas a bateira ia-se enchendo de água.

Atrás de uma onda, outra onda, e o céu cada vez mais baço. Num breve momento, o moço procurou saber se chorava, ou se era o vapor da água, acerado como alfinetes, que lhe embaciava as pupilas.

De súbito, o barco desfez-se de encontro a terra, num baque surdo. Entre destroços, um braço tateava salvação. Gineto deu um grito angustioso, e atirou-se de peito às vagas. – Pai! – Mergulhou uma, duas vezes, até que pôde agarrar o corpo inanimado.

Tudo se passou num instante, entre o fluxo e o refluxo da mesma onda. Depois, foi a luta que parecia demorar séculos: terra a três metros das mãos – e os metros a fazerem-se em léguas. Mais força – mais cansaço. O corpo do pai a querer fugir-lhe – e o ânimo também. Uma vaga enorme encapelava-se na sua frente. Era a morte...

... E foi a salvação. Sobre o valado, exaustos, pai e filho formavam um corpo só. Assim permaneceram muito tempo até que Gineto cobrou alento, para logo se debruçar sobre o rosto cadavérico do pai, do qual escorria um fio de sangue que lhe avermelhava a camisa.

– Pai... meu paizinho! – Pôs-se a chorar. O corpo tremia-lhe de frio e desespero. Lembrou-se que uma vez por chorar, lhe chamaram maricas. Mas ali, ele era apenas a criança que se via perdida e sozinha. Até medo sentia!

Agora, livre do rio, tinha medo do silêncio – um silêncio solto do bramido das águas e dos olhos paternos, semicerrados.

Entretanto o vento amainava, e Gineto ouviu gritos entrecortados. Correu pelo valado que se afilava entre a água e gritou também por socorro. Em qualquer moita bloqueada, devia haver gente em perigo. “Se pudesse distinguir o terreno, tentaria salvá-la e salvar-se. E o pai?...” Voltou para trás, aflito, e encontrou-o a gemer o seu nome, choroso como criança de colo. Reviram-se, olhos nos olhos, e depois, abraçados, disseram um ao outro, mudamente, a alegria de se verem de novo, como se cada minuto que passou contasse anos de ausência.

– Onde estamos? – perguntou Manuel do Bote.

– Não sei. Há bocado ouvi gritos daquela banda...

Os olhos devassavam o nevoeiro, cerrado como a noite.

A própria noite, porque o sol morrera decerto no temporal.

– Olha – apontou o pai! – uma luz, além...

– São os faróis dum automove.

Farol que não indicava aos mareantes o seu porto de abrigo. Manuel do Bote levantou-se, trôpego. – Vamos gritar. O vento quer virar a travessio; pode ser que nos oiçam.

Gritaram. Vozes angustiadas responderam-lhes, perto. Gineto julgou conhecer uma delas. – Malesso!... tás aí, Malesso?

– Tou. Traz aqui o barco, Gineto!

Outras pessoas suplicaram aos dois náufragos que as salvassem. Vozes agudas de mulheres; choro intermitente de uma criança.

– Não posso! – berrou. – A bateira perdeu-se.

Deixou-se escorregar pelo valado, a sondar as águas que marulhavam em baixo.

– Há aqui um fundão, pai, e a corrente puxa muito.

– É uma boca que ficou das cheias.

Agora sabiam que estavam na Ilhota, junto do baixio de lama que o rio inundara. Do outro lado, a emposta do Castro. E, sobre o telhado do barracão da palha, valadores e gaibéus, o pessoal de todo o ano e as famílias...

Surpreendidos pelo temporal, recolheram-se no sótão da pousada, sem susto nem atropelos. Era costume, todos os anos... Dois guardadores andaram ainda a pôr o gado a salvo, não fosse o patrão despedi-los, pelo seu relaxo. E lá se perderam, atolados na lama ou arrastados pela corrente.

A mulher de um deles pôs-se a chorar baixinho; mas o abegão mandou-a calar.

– Deixa tar que coisa ruim ñã tem perigo.

– Caguinchas... – disse o irmão do Malesso para a animar. – Pareces uma menina da cedade.

Pouco a pouco, porém, as falas deram lugar aos soluços. As águas subiam, subiam, e o vento redobrava de violência.

Uma mulher gemeu. – É o fim do mundo... – E logo o pavor entrou de roldão no velho sótão. As crianças choravam nos braços das mães, acooradas a um canto. E o Malesso, que nunca trabalhara no campo, arregalava os olhos para a atitude serena de alguns homens, e tentava em vão parar os dentes, medrosos.

Um velho, corcovado por anos e fadigas, avisou o abegão de que a pousada era mais velha do que ele. – Vai prò chão, ñã tarda...

Momentos após, a habitação estremeceu toda. – Passemos prò barracão da palha! – mandou o capataz. – Primeiro as mulheres e as crianças...

Amparadas aos homens, com água pelas coxas, lá atravessaram o pátio. – Coragem! Ali tamos a salvo.

Subiram quase sem forças pelos fardos acima e, de olhos esgazeados, ficaram a ver a cobertura de zinco que voava em pedaços, e a cheia que subia, subia sempre...

Foi quando o vento tomou fôlego e os dois náufragos gritaram por socorro. Todos olharam, frementes, na direção da vila, que decerto dormia de todo, pois nem uma luz se acendera ainda. E o céu sem promessas de estrelas!

– Santinha de Alcamé... – rezou uma velhota. Mas a senhora das cheias e do campo estava também bloqueada.

– Alma até Almeida, gente! – animavam os homens. Mas também eles iam fraquejando. Mais um farol de um carro – mais uma esperança que se sumia. Assim, tempo sem conta.

– Que horas serão? – murmurou Manuel do Bote.

O filho não respondeu. O tempo ali contava-se pelos baques do coração.

Gineto pensava agora nos companheiros de rua e dos telhais. Batera nalguns, fora mau, e, no entanto, confiava que eles viriam buscá-lo. Depois Gaitinhas tocaria na gaita de beijos aquela canção que lhe ouvira no Mirante; Sagui contaria uma história de príncipes; e o Pirica... “Mas porque se lembraria do Pirica?”... roubara-lhe os figos que eram para a avó, no dia de “pão por Deus”. Havia de lhe dar entrada na quadilha. E aos outros também, por que era amigo de todos, até do Malesso, que tremia ali a dois passos. O Malesso! Nunca aprendera a nadar de braçada, e nas corridas do esteiro – agora se recordava – fora sempre o último. Ainda vinha a morrer de susto, coitado!

Num impulso, correu pelo carril fora, e foi berrar no extremo da Ilhota, como se dali os companheiros escutassem o seu brado.

O vento respondeu-lhe no mesmo tom; obrigou-o a retroceder.

– Se pega de travesso – profetizou Manuel do Bote – tamos perdidos.

Já mal se sustinham de pé no carril. – Deita-te deste lado, Chico.

Estenderam-se na rampa do valado, ao abrigo da ventania. A água começou por lhes lambe os pés, lenta, friamente; depois, ferrou-se-lhes nas pernas.

– Segure-se a esta junça, pai.

De vez em quando, os salpicos das vagas, sobre as costas, semelhavam pontas de punhais. Mais do que as águas, porém, a noite enregelava os corpos.

– Mete o pequeno por dentro da camisa – lembrou ao marido uma rapariga que segurava outra criança de peito. Mas os olhos infantis abriam-se para a noite, e o frio trespassava as roupas. Fora-se toda a cobertura do barracão. Agarrados às traves, os homens sustinham os corpos débeis; Manuel do Bote e o filho cravavam unhas na terra do valado, porque a junça partira-se. E a cavalgada do vento não parava!

O arrais lamentou-se: – Na poisada, inda vá; sempre há revessa...

Gineto mal lhe percebeu as palavras. De repente, um estrondo medonho sobrepôs-se ao rugido do temporal. A pousada aluíra de encontro ao barracão, que se partira em dois, arrastando gente e vigamentos.

Baques... Estertor de vidas... E um grito alucinante, entre dezenas de gritos:

– Toino! Toi...no. – Gorgolejar de água como goela insaciável. Relinchos de cavalos, ao longe. O rodopio do vigamento sobre o campo, até chocar com o valado do sul... E depois o silêncio das bocas num esgar, e o esgar das bocas que receiam romper o silêncio.

Uma voz, a custo: – Rosalina... o nosso filho?

E outra: – Felipe...

Malesso agarrou-se às pernas do irmão: – Ah! tou aqui...

Queixumes, choro brando daqueles que não ouvem vozes irmãos... A pouca distância, brados de alguém que vai na corrente, talvez sobre esteira que adormeceu fadigas. Mas as vagas, altas como montanhas em movimento, impõem o silêncio da morte. Só um boi muge tristemente, depois cala-se também.

Entre cada onda que o tapa, Malesso revê os olhos espantados de duas cabeças entaladas nas vigas. Quer pedir que cerrem as pálpebras – e não pode. Pergunta a si próprio se ainda terão vida, e fecha os olhos. Mas elas então avançam, e são caveiras como aquelas que viu, há anos, no cemitério. Os braços fraquejam-lhe; treme-lhe o corpo todo. Já não consegue firmar os dentes, que matraqueiam de frio e medo – mais de frio, porque tem água pelo peito. Levanta a fronte para o irmão; abre a boca numa súplica mas uma onda atabafa-o... As mãos resvalam-lhe lentamente.

Hirto, suspenso num barroto, o irmão do Malesso nada vê, nem sente alívio de peso nas pernas enregeladas. A tempestade começa a cansar-se. Para a cheia.

– Reparem – diz alguém. – Parece que vem uma luz acolá...

– É mesmo!

– Gritemos todos juntos.

Elevam as vozes, e outras vozes chegam até eles.

– Mais força!

– Não posso. Já, tou rouco...

– Mais!...

A luz ziguezagueava nas trevas, e de novo o clamor distante se aproximou dos sobreviventes. No outro valado, Gineto pôs-se a gritar também quanto pôde. Tinha as unhas ensanguentadas e meio corpo submerso. Apesar disso, estremecia mais ao contacto viscoso das cobras e ralos que lhe roçavam a cara.

– Não serve de nada chamar – observou o pai, daí a instantes.– A gente ouve-os a eles, mas eles não, porque o vento atravessou-se.

– Mas abrandou, pai.

– Não serve de nada.

A voz foi-se sumindo, sumindo... A noite foi mais noite de incerteza. E Gineto desatou a soluçar.



No cais, mãos enclavinhadas e olhos a querer trespassar a cerração, homens e mulheres atormentam-se à espera. Alguns têm as casas alagadas e os trastes a cair; mas ficam ali, com os pés na água, impotentes.

– Então o rebocador?

– Diz que já foi um prò campo.

– Foi nada. O carro inda nem teve tempo de chegar a Lisboa...

Calam-se e aceleram o carro, em pensamento.

Maria do Bote chora baixinho, e os filhos, agarrados às saias fazem coro. O Cabo de Mar reaparece.

– Atão, Mestre Antoino?

– Deixem-me! Já tomei providências.

E volta para a taberna. Mas também lá o atazanam.

– Mestre Toino...

Todos os olhares se fixam na fronte encanecida do homem, que escorropicha o copo e fica a olhar-lhe o fundo, sem palavra.

Pensa que em dezenas de anos nunca vira temporal assim. Fácil lhe fora resolver contendas e manter a ordem no cais. Mas agora... Volta-se para os marítimos. – Que posso eu fazer? Digam-me?... – E cruza os braços trémulos.

– Mestre Toino... Requisite o rebocador...

– Já requisitei!

–... A gente vamos todos. Leva-se uma lancha e bateiras.

Os marítimos explicam o que fariam, se pudessem. E o Cabo de Mar enterra o boné na cabeça e foge dali. Ele sabe que o rebocador só virá depois de o temporal se desmanchar, quando em Lisboa não for preciso – no entanto, toca ao portão da Quinta Alta, sobe a escadaria, que as águas não inundaram.

– Sr. Castro, aquela gente...

– Homem, não tomemos a nuvem por Juno!

O marítimo amarrota o boné, sem compreender.

– Evidentemente que não é agradável passar uma noite ao relento. Mas os barracões são altos, que diabo...

Senta-se numa poltrona, mal-humorado, vê as horas e boceja. Todo o dia estivera preso à conferência – trabalho de responsabilidade, em que iria refutar todas as investigações anteriores sobre a natureza das cheias. Deitara-se preocupado com os prejuízos na emposta. E vinham agora acordá-lo, à meia-noite!

– Lá em baixo vai um mar de lágrimas, Sr. Castro.

– Pieguices.

– Deitam as culpas para cima de mim...

O homem suspende a frase, sem coragem de revelar o que dizem do lavrador. Mas este adivinha o resto.

– Você não é a autoridade? Imponha-se. No fundo trata-se de agitação perigosa, a que urge pôr cobro. Se for necessário, requisite a polícia.

– Requisitei um rebocador, Sr. Castro: mas demora... – Torce mais o boné e acrescenta: – O senhor é que podia alugar...

– Eu? Era o que faltava!

Todavia, reconsidera. “Umas dezenas de cabeças de gado talvez valessem o frete elevado do rebocador. Mas àquela hora...”

Levanta-se. Põe a mão sapuda no ombro do Cabo de Mar e diz:

– Evidentemente que me interessa pela sorte daquela gente. Mas é tarde; quem morreu já não se salva. Bebe um cálice de porto, mestre?

– Muito obrigado.

– Bem. Diga lá no cais que eu vou tomar providências. Conte comigo.

O Cabo de Mar regressa ao cais, e o Sr. Castro ao leito, na ponta dos pés para não assustar o Arturinho.

Entretanto, o pai do Malesso e outro marítimo metem-se ao temporal, numa chata que candeeiro de petróleo alumia. Vão com eles os olhos viúvos que choram no cais.

– É uma loucura – diz o Ti Bento.

O Cabo de Mar protesta, quando sabe: – Inda mais esta! Depois digam que eu tive a culpa. Cambada de brutos!

Movem-se sombras; a noite adensa boatos e suposições. E a luz do candeeiro zigzagueia na bruma, incerta como o destino dos homens.

Arrais e camaradas vigiam os barcos e reforçam cabos. Um outro recolhe toros e lamuria: – Ah! ladrão... ladrão! É só o que sabe dizer. Da lancha garrida com o nome de *Benvinda* na proa, entre flores, apenas se vê metade do mastro, à boca do cais.

– Deixe os toros, home – diz-lhe alguém. – O seu patrão que os venha buscar.

Mas ele continua curvado e choroso: – Ah! ladrão... Ladrão de mar!

Os rapazes dos telhais também não dormem. Àquela hora, o Arturinho sonha com brinquedos, enquanto eles andam ali, de lado para lado, inquietos.

– Ficas cá toda a noite, Sagui? – pergunta um.

– Atão. O palheiro foi-se abaixo...

– E agora?

– Volto pròs portais.

– Tamém eu, mesmo que quisesse – diz o Guedelhas –, não podia deitar-me. Tenho a cama ensopada em auga.

Gaitinhas lembra-se dos que lutam com as cheias e comenta: – Pior está o Gineto.

– Esse inda sabe nadar; mas o Malesso...

– Serve dalguma coisa saber nadar, pá?

Sagui afirma que sim. – O gajo atravessa o rio de ponta a ponta...

– No verão, até eu.

– Tu? Tem juízo, moço!

A maioria assevera que Gineto é capaz de vencer a fúria das ondas. Depois, Gaitinhas propõe que vão todos na lancha, quando o rebocador chegar. O grupo anima-se. Só o Coca, que é aleijado, suplica, com tremuras de voz, que lhe tragam o irmão mais velho.

Mas as horas passam, e o pai do Malesso regressa desanimado.

– Inda se houvesse luz... – observa alguém.

As estrelas do Sagui tinham-se esquecido de acender os candeeiros nas esquinas.



Alvorecia quando o rebocador saiu com a lancha do Zé Pirica e duas bateiras. Fora-se a tempestade; a maré vazava.

Longe do cais, Gaitinhas e os companheiros saíram um a um do beliche da popa, ante os espantos da tripulação.

– Atão qu' é isso? Quem deu orde dentrar prò barco? Gaitinhas adi-  
antou-se. – Desculpe, não foi por mal.

– A gente tem família no campo – acrescentou Sagui.

– Não quero responsabilidades. Ora os gajos! Voltam prò cais na ba-  
teira, que é um ar.

– Sor Zé...

– Já disse!

Então Pirica implorou ao tio que os deixasse ficar. – Damos ajuda,  
tio.

– Olhem que há prigo...

– A gente ã tem medo.

O arrais sorriu e Gaitinhas também, apesar do medo que sentia. Era  
a sua primeira viagem no rio, cujas águas barrentas, acossadas pelo vento,  
bramiam contra o barco, como feras.

De vez em quando, uma onda fustigava a cara dos rapazes, que to-  
davia permaneciam atentos ao desmanchar da bruma, enquanto a ma-  
drugada era ainda noite de incerteza.

– Olhem, acolá – apontou Maquineta em alvoroço. – É gente...

– Tás cegueta, rapaz? São as árvores derrubadas – explicou o arrais.

Mas Gaitinhas logo cochichou: – Ouves?...

– O quê? É o vento.

– Parecem gemidos. Quem sabe se o Gineto já nos viu...

Os outros apuraram o ouvido. Na margem, também os montes se  
debruçavam em muda interrogação sobre a lezíria, baça e amarelada, co-  
mo tez de velha agonizante.

– Tio: a gente pode subir à proa?

– Nã. Tão aí bem.

– Se ele deixasse... até trepava ó mastro.

Ficaram a olhar a névoa, o vulto negro do rebocador, o rio sem limites. E julgaram-se gajeiros de navio que demandava paragens estranhas, entre perigos e escolhos.

De súbito, o apito grave do rebocador acordou tudo.

E, como por encanto, os barracões desmantelados da Ilhota surgiram das águas, ao longe. Gaitinhas esfregou com as mãos o pasmo dos olhos; os companheiros sondaram a névoa. E de novo o som do apito rolou de valado em valado, lugubrememente. Uma gaivota bateu asas ao vento. Tornou-se maior o silêncio.

– Morreram todos – murmurou Guedelhas.

Os companheiros tremeram de angústia, e Zé Pirica, que dera sinal de paragem, foi distendendo o cabo de reboque, enquanto a lancha se aproximava de terra. Impacientes, os rapazes agarraram-se aos barrote limosos do velho cais em cima. Porém, transposta a rampa do valado, quiseram retroceder. Gaitinhas começou a chorar.

– Foi pra isso que vocês vieram? – repreendeu o arrais, mas também ele parou, estarrecido. Sobre resto de telhado e montão de destroços, jaziam corpos enrodilhados. Seminus uns; outros levantaram para o céu o rosto inerte e pareciam dormir. Mais além, bois e cavalos de barriga inchada e troncos de árvores sem copa, tristes como ciprestes. Boiavam esteiras na água. E de pé, sobre restinga enxuta, um cavalo castanho procurava talvez reconhecer o prado em que pastara.

– Puxem a bateira! – ordenou Zé Pirica, com voz pouco firme. – Depressa...

Os rapazes fincaram mãos no barco. Troncos dobrados, pernas a afundarem-se no lodo, os marítimos animavam.

– Agora é que se quer ver os homens. Força nesses braços!

A bateira emperrava; a ansiedade oprimia os peitos.

– Se eu pudesse fincar os pés... – lamentou-se o Guedelhas, que se julgava atleta.

– Mais um arranco. Tá caijo...

E chegaram ao cimo, arquejantes e suados, apesar das bâtegas geladas da chuva que começou a cair.

– Agora é melhor montar um vaivém – disse o arrais, que voltara atrás a buscar espias. – Quem não souber nadar fica aqui.

Gaitinhas sentou-se no chão, junto do Maquineta, indiferente à chuva, olhos postos na espia, que deslizava como cobra de água. Pôs-se a contar as remadas e depois os corpos que eram levados para a bateira. “Algum deles seria o Malesso? E o Gineto, onde estaria?”

As falas distantes dos companheiros não respondiam às suas interrogações, nem às do Maquineta, que, trémulo de impaciência, meditava num vaivém mais rápido e seguro. Mas a bateira voltou.

– Vivos, Sor Zé?...

O arrais limpou os olhos com as costas da mão e respondeu: – Mais mortos que vivos.

Foram retirando os corpos. Ao contacto gelado das mãos, Gaitinhas arrepiou-se. Maquineta atentou nas coxas magrizelas e roxas de duas meninas; mas desviou logo o olhar, arrependido. De tanto tremer, uma mulher parecia embalar ainda a criança fria que tinha nos braços. O irmão do Malesso rolava os olhos nas órbitas assombradas à procura da luz que as águas lhe roubaram.

– O teu irmão? – perguntou-lhe Gaitinhas, em voz baixa.

Contraíu o rosto, por instantes, e permaneceu mudo, estranho a tudo.

Depois, enquanto a lancha levou aquela gente para o rebocador, outra veio, e outra. Cansados, os rapazes deixaram escorregar um corpo pelo valado, e Zé Pirica zangou-se.

– Tá morto... – disse em desculpa Gaitinhas. Mas desatou a chorar, como se o tivesse maculado.

Por fim o rebocador partiu, e os homens da lancha e os rapazes contornaram a ilha em busca de mais gente.

O dia clareava. Já se distinguiam melhor as ruínas da pousada, de que restava apenas um canto das paredes, e a chaminé inutilmente intacta. Em volta, alfaias agrícolas, fardos de palha e a mancha negra de um saveiro que a cheia arrastara até ali.

O arrais entrou no beliche e trouxe pão e dois nacos de linguiça, que distribuiu pelos rapazes. – Vocês não perderam o apetite...

– Nem me lembrava disso – respondeu Sagui.

Os outros tentaram afugentar a tristeza. – Lambão! Eras capaz de comer um boi...

– Vai-se buscar já um – gracejou Zé Pirica.

A visão dos cadáveres secou o riso e a fome. Gaitinhas sentiu-se agoniado. E Sagui lembrou-se do cavalo que sobrevivera ao temporal.

– Sor Zé, a gente podíamos ir salvar o cavalo... Aquele que ficou no meio da auga.

– Tás doido. O dono que o venha buscar.

– Agora ã tem dono. É de quem o salvar.

– Atão ã é... Roubavas o cavalo, e o Castro metia-te na cadeia.

Os rapazes ficaram na dúvida. – Eu só queria... – dizia Sagui a insistir.

Ficou a frase em meio, porque o Gaitinhas deu um grito e indicou o valado, onde se viam dois corpos estendidos.

– É o Gineto?

Num instante, saltaram para a bateira e desembarcaram com água pela cintura. Pálido, a morder os dedos, Gaitinhas nem teve ânimo para deixar a lancha.

Viraram os corpos dos naufragos, que jaziam de borco com as mãos cravadas na terra, até aos pulsos. Gineto gemeu; o pai descerrou as pálpebras.

– Inda têm vida, rapazes!

E foi como se, entre ciprestes, dois corpos ressuscitassem.

A angústia voltou depois, na pousada, quando recolheram mais mortos, e foi maior ainda no cais, à hora do regresso.

Maré alta de lágrimas e de gritos... Olhos aflitos de quem espera ainda... Palavras que nada valem...

O pai do Malesso segura o braço dos rapazes, chega-se a um e a outro: – O meu Felipe?... Porque não trouxeram o meu filho?

Maria do Bote chora, chora, sem já saber porquê. A um canto do cais, Ti Bento remói pragas e rouqueja: – Agora deem as culpas prò mar. Tontos...

## IV

Pálido e ainda com sombras de tragédia nos olhos, mas já capaz de outra – como dissera o médico –, Gineto saiu do hospital.

O enfermeiro bateu-lhe nas costas, afável. – Adeus, morto-vivo. – Eriu-se.

– Obrigado por tudo, sor enfermeiro...

Mas os abraços de gratidão foram para os companheiros, que não mais esqueceria.

– Se vocês não me vão buscar...

– Tu é que foste teso. Até veio no jornal.

– Diz que salvaste duas vezes o té pai...

Gineto sorriu sem vaidade. Os amigos rodearam-no como a um herói e pediram-lhe que contasse a proeza. Recusou.

– Mais tarde conto.

Sagui lembrou-se da discussão na noite do temporal e increpou Gai-tinhas. – Eu ã te dizia que ele safava-se?...

O outro calou-se. Gineto olhava para todos, como se não os tivesse conhecido. Aqueles não eram os rapazes com quem tanto brigara e discutira. Ou talvez fosse ele quem mudou. Porque até a rua lhe parecia diferente, menos sombria.

– Tenho aqui uma coisa pra vocês – disse. Tirou a mão do bolso e ofereceu cigarros.

– Ena! Estes são dos caros... – exclamou Guedelhas.

– Tás rico, pá?

– Foi umas senhoras que andaram lá no hospital a dar dinheiro.

O maço andou de mão em mão, e Gineto guardou o resto dos cigarros, explicando que eram para o Malesso. Os companheiros entreolharam-se e um deles disse:

– Atão tu não sabes?...

– O quê?

– O Malesso morreu lá no campo.

Gineto abriu a boca, mas as palavras secaram-lhe na garganta. Foi Guedelhas quem rompeu o silêncio, comentando: – Queria ser lavrador... e nem a capataz chegou.

– É a sorte – murmurou Gaitinhas, a pensar que também quisera ir para o campo.

– O pai anda como doido à procura dele. E o irmão parece que fica cego, de tanta auga que lhe bateu nos olhos.

Sagui dispôs-se a contar o que ouvira. – Diz que todas as noites aparece uma luz no sítio onde o Malesso morreu. Se calhar é a alma penada dele...

O grupo arrepiou-se, mas Gineto classificou de indecentes invenções, daquelas em que Sagui era useiro e vezeiro. Este, porém, afiançou: – Pela minha saúde, como ouvi contar no cais. Diz que até foram lá numa lancha, mas que a luz desapareceu.

Calaram-se e Gaitinhas, impressionado, perguntou: – Já viste alguma alma penada, Sagui?

– Vi, pois. Uma vez, quando eu andava num circo...

E os companheiros, em silêncio, ouviram recontar a aventura do Sagui vagabundo. Depois a chuva desviou atenções e um dos rapazes suspirou: – Tomara já cá o verão.

– Tens soidades dos telhais...

– Não; mas ao menos ganha-se alguma coisa. E há fruta para encher a barriga.

Guedelhas falou no emprego prometido para depois do campeonato de futebol. – Vou jogar à experiência – disse. – Se agradar, arranjam-me trabalho.

– Tens lá corpo pra jogar – contestou Pirica com inveja. – Se apanhas um pinhão, até boas.

– Não há medo. Assim eles me deem o imprego.

– Quem anda já na Fábrica Grande é o Maquineta – gracejou Sagui. – Faz de sopeira.

A malta riu da alusão ao cabaz da comida que Maquineta levava agora ao tio, todos os dias, na mira de contemplar as máquinas. Muito antes do meio-dia, já ele sarrazinava o porteiro: – Deixe-me intrar...

– Espera que toque a buza.

– Deixe... Minha mãe disse para eu ã me demorar...

Transpunha o portão e esquecia a mãe e o almoço, tonto de entusiasmo pelos tornos, veios e engrenagens em movimento. Quando o tio trabalhava no turno da noite, Maquineta então delirava com a profusão das luzes e o barulho maior dos motores. E depois, na enxerga húmida adormecia a remexer em pensamento naquilo tudo, feliz.

Os amigos, porém, não davam trégua às surriadas.

– O que ele leva no cabaz é a ferramenta de serralheiro.

Maquineta respondeu com palavrões e atitudes obscenas. – A ferramenta tá aqui. Queres vê-la?...

Mas Gineto pôs fim à contenda, revelando os planos do roubo de laranjas, a que os companheiros se associaram logo, entusiasmados. Só Gaitinhas manteve o mesmo desapego do primeiro convite.

– E tu, Gaitinhas?

Ficou um instante a pensar na mãe doente e no emprego que tardava.

– Talvez vá, mas...

– Tens medo? Caguinchas!

As faces ruborizaram-se-lhe. – Não; mas tenho vergonha de ser ladrão.

– É só fruta...

– Tudo é roubar – contestou. – As laranjas têm dono. E se ele nos caça...

Gineto redobrou de argumentos: – O dono é o Castro e outros com’a ele, que são uns unhas de fome. Olha lá se o gajo deu alguma coisa ao Coca, que ficou sem o irmão e anda por’i na esmola.

Gaitinhas hesitava ainda. Veio-lhe à ideia o desprezo do Arturinho; a falsa promessa do Sr. Castro; as palavras de revolta, no cais, quando chegaram os mortos. E hesitava.

– Talvez a gente arranje trabalho...

– Arranjas, no telhal, prò verão – desdenhou Guedelhas.

Gineto insistiu. – Afinal tens pena dos gajos; mas da tua mãe, não. És um merda.

– Eu vou, então – disse baixo. E, sem saber se por causa da mãe, se de si próprio, rasaram-se-lhe de lágrimas os olhos.



Era uma noite sem lua, morrinhenta e fria, só para vagabundos como o vento. Por isso Gineto a escolheu, entre outras. Andara uma semana a rondar o vale e a lua, matreiro, sem pressas. Os companheiros chegavam-se a ele, impacientes: – Atão? Tás à espera que acabem as laranjas?

Respondia como chefe: – Eu cá m’intendo. Esperem.

E naquela noite, mal o sol se finou, preveniu todos:

– À meia-noite, no Mirante.

Gaitinhas deixou a porta no trinco, a roupa aos pés da cama, e deitou-se. O coração batia-lhe tanto, que até receou que a mãe o ouvisse, no silêncio do cubículo. Ficou atento à respiração dela e às badaladas na torre. Contou as onze horas. A mãe tossiu cavamente. “Seriam doze?”, pensou. Há tanto tempo que esperava... Resolveu vestir as calças sob a roupa da cama. “E se a mãe o visse abrir a porta?” Vacilou. Contara onze... Mas o receio de chegar tarde e ser tido por cobarde pô-lo de pé. Ia a meio da casa, quando a mãe falou.

- Levantas-te, João?
- Vou ali fora...
- Vê se te agasalhas...
- Pois sim, mãe.

Abotoou melhor a camisa e meteu-se ao relento. Da vila, vinham barulho de vozes e acordes de música de alguma taberna ainda aberta. Enquanto subia a ladeira, Gaitinhas arrependeu-se de sair tão cedo, pois o Mirante estava ermo e o céu sem estrelas. Chegando ao cimo, perscrutou as sombras. Ninguém. Afinal, eram onze horas. Nisto, ouviu perguntar: – Quem é que chegou?

Estremeceu. Parecia-lhe a voz do Sagui... Este saltou o parapeito e veio-lhe ao encontro.

- Assustei-te, pá?
- Vieste cedo – observou Gaitinhas.
- Tar aqui ou lá em baixo, tanto faz.
- Onde dormes agora?

- Na capela velha. Sou santinho... – Riu-se, e Gaitinhas ficou-se a admirar o companheiro, mais pequeno do que ele, talvez mais novo, mas que não receava a noite e sorria da miséria. Depois atentaram na mancha negra da lezíria ou do rio sem limites, riscada de longe a longe por múltiplos luzeiros.

– Será alguma daquelas a luz do Malesso?

– Não. Aquelas são da pesca – explicou Sagui. – A do Malesso vê-se de madrugada, à hora a que ele morreu.

Apesar do medo que sentia, Gaitinhas ouviu com atenção outras histórias de fantasmas e duendes. Entretanto, as badaladas da meia-noite soaram na torre, como dobre a finados. E os vultos dos companheiros que vinham chegando, pareceram-lhe os fantasmas do Sagui.

Gineto, que trazia duas sacas na mão, escalonou o bando. Um dos rapazes perguntou: – Onde é que vamos?

– À Quinta Alta.

– O caseiro tem espingarda, Gineto...

– Deixá-lo. A gente há de roubar ao Castro as laranjas todas. – Apontou para o Maquineta: – Tu, mailo Gaitinhas, ficam de guarda à estrada e ó portão. Um em cada banda...

– Eu antes queria ir lá dentro – repontou Maquineta.

Também Gaitinhas, na contingência de ficar sozinho, preferia arriscar-se no pomar. Mas o chefe manteve a ordem, afirmando:

– Vocês ainda ã têm prática.

Seguiram. O negrume escorregava dos montes e convertia o vale em floresta de sombras. O vento afinava púcaros de barro nas velas dos moinhos. E a humidade adería aos corpos, como visco.

Gaitinhas, receando ficar para trás, estugou o passo. Quis entabular conversa com os amigos; mas Gineto impôs silêncio. “Se pudesse ao menos assobiar ao medo...”

A certa altura, pararam. Gineto deu uma das sacas ao Sagui. – Esconde-a na vinha – segredou. – Se ouvires o sinal, já sabes...

O miúdo sumiu-se nas trevas, à frente do Pirica, enquanto ele atirava a outra saca para cima do muro.

– Saltemos pelo canto que não tem vidros – observou.

– É p’rigoso. O caseiro põe lá a ratoeira.

Gineto subiu para os ombros do companheiro e guindou depois com as mãos.

“Se os vidros cortam a saca...”, pensou Gaitinhas. Mas o amigo desapareceu atrás do muro. Guedelhas fez-lhe sinal a que desse também ajuda. Dobrou as costas, e as pernas vacilaram sob o peso do outro.

– Não posso... – gemeu, desesperado de vergonha.

– Tens de poder!

Firmou-se contra o muro, rangeu os dentes. Uma dor funda crava-se-lhe nos rins; tremia; mas susteve-se enquanto foi preciso. Depois, ficou sozinho a devassar as trevas, com os olhos esbugalhados. O medo pegava-se-lhe à pele, como a humidade ao fato. Só agora notava aqueles gemidos tristes, monótonos, que desciam do monte: “Seria o vento?” Lembrou-se dos fantasmas que espantavam o Sagui quando este corria mundo.

Lentamente, levou o pensamento a fixar-se em factos agradáveis. Reviu-se no fim do primeiro exame, quando o Sr. Mesquita dissera ao inspetor: “Há de ir longe, este rapaz...” Mas um cão uivou e outros cães imitaram-no. O coaxo intermitente de uma rã enguiçava a noite. E o pensamento do Gaitinhas fugiu da escola, prendeu-se nas árvores que ensombravam a estrada. Árvores que se partiam pela copa e eram cadáveres no meio da lezíria inundada... “Ah! que se pudesse ao menos assobiar ao medo...”

Mas o assobio era sinal de perigo para os companheiros, que se confiaram à sua guarda. Também eles tremiam das sombras. Até mesmo o Gineto rastejava pela horta, com a respiração suspensa, inquieto, como se aquele assalto não fosse igual a tantos outros. “Roubar laranjas para comer ou para vender, vinha a dar o mesmo” – pensava. Diferente, só a noite, rala de estrelas, e a terra empapada de água, peganhenta, a tolher-lhe os movimentos. O Sagui, por entre as cepas, ia decerto de cócoras, e não

se via. Ele, porém, tinha de andar assim, como um sapo... A camisa subira-lhe em rodilha até ao peito; sentia as calças resvalar nas ancas, apesar do barço que as prendia. Que saudades do verão, quando a relva húmida roçava a pele. Cantavam ralos e grilos; o perfume das flores penetrava-lhe nas narinas e nos poros; a terra cálida era ventre de mulher... Valia a pena rastejar como sapo, no verão. Mandavam-se para o diabo cães e caseiros, e entregava-se o corpo àquele lento prazer, que o perigo duplicava.

Também Guedelhas – barriga ao léu e mãos enlameadas – remoía agora imprecações:

– Nem mesmo uma gaja boa me aquecia... – lamentou-se.

Gineto pôs-lhe a mão suja na boca e apontou-lhe o vulto que, a dois passos do pomar, impedia a passagem. Pararam trementes.

O vulto não se mexia, mas era de homem, com certeza. Chapéu derubado, pernas abertas, em atitude firme de quem espera...

Guedelhas julgou distinguir-lhe até as feições duras, de barba hirsuta.

– Que fazer? – interrogaram-se com um olhar. – Voltar para trás?... E os companheiros? – Gineto pensou que não podia deixá-los entregues a si próprios como dantes, porque, na quadrilha, riscos e lucros eram repartidos por igual. Mais do que o dever de gratidão para com aqueles que lhe salvaram a vida, o dever de chefe impunha-lhe que não fugisse. Agora compreendia por que aquele assalto não era igual a tantos outros.

O vulto permanecia estático e mudo, a barrar o caminho do pomar. Já os moços desesperavam, quando um rasgo de nuvens clareou a noite, por instantes. Gineto sorriu e o companheiro respirou fundo. Afinal, o vulto era espanta-pardais em talhão de horta semeada.

– Depressa... O Sagui e o Pirica já devem ter a saca meia.

Embrenharam-se no pomar, silencioso como claustro ao abandono.

– Não apanhes todas na mesma árvore... – avisou Gineto, que ia enchendo o fole da camisa. De vez em quando despejava as laranjas na saca

e fazia ronda ao pomar. Só se ouvia o sussurro dos ramos vergados pelas mãos nervosas do Guedelhas.

– A saca tá acaijo cheia... Avia-te.

Gineto, porém, gostaria de ficar ali toda a noite, saboreando o perigo, mais do que as laranjas depois.

Para as bandas da moradia, um cão de guarda latiu, farejando os rapazes, e as sombras vieram fazer dança de dia no laranjal. O medo estalou ramos.

– Foge! Vem aí o canzarrão – exclamou Guedelhas, correndo por entre as árvores. – Ajuda aqui, pá!... Agarraram-se os dois à saca, que foi a rojar pelo chão, tombando cepas. Os latidos aproximavam-se.

Cá fora, na estrada, Gaitinhas media o pavor dos companheiros pelo seu, quando brincava no jardim do Arturinho e o lobo d’alsácia se aproximava a rosñar, desconfiado do seu fato ruço...

Guedelhas sentia-se fraquejar. – Larguemos a saca, Gineto!

As cepas pareciam-lhe dentes caninos a resvalar sobre as pernas. Tropeçou numa e estatelou-se no charco da horta. A rã calou-se, mas o enguiço da noite persistiu. Arrastado também na queda, Gineto abafou pragas de fúria. No outro extremo do pomar, houve restolhada de vozes, açular de cães: – Boca lá, Rex...

Logo a seguir, um tiro estremunhou todo o vale. Um galo enganou-se nas horas e cantou. E o eco do estrondo, de quebrada em quebrada, pareceu ao Gaitinhas a descarga de muitas espingardas. Espavorido, o pensamento fugiu-lhe de novo para os campos alagados em que boiavam cadáveres, cujos rostos lívidos tomavam as feições dos amigos. Ao longe, as velas dos moinhos executavam a sinfonia lúgubre do vento, entrecortada por ladros e ruídos...

Gaitinhas pôs-se a chorar baixinho, como menino perdido. Nesse momento Pirica e Sagui chegavam à estrada.

– Agarra nisto, Gaitinhas, que eu já ã posso mais – pediu aquele.

O moço pôs a saca às costas e seguiu-os, mudo e cabisbaixo, para não denunciar a comoção.

Pouco depois, Guedelhas e Maquineta apareceram também, esbaforidos, e os companheiros perguntaram, à uma:

– O Gineto? Então o Gineto?...

– Foi buscar a saca que ficou na vinha.

– E se o caçam?

– Eu bem o avisei. Mas ele disse que as laranjas faziam falta à gente...

Sentaram-se à espera do chefe, e Sagui contou-lhes a fuga, como se fosse uma história

– ... Quando o canzarrão vinha já em cima de mim, dei-lhe a côdea. Ele deu um urro, abocou-a, e eu, saltei o muro.

– Tás a mentir, Sagui.

– Verdade, pá. Pergunta ao Pirica.

Este sorriu, bonacheirão, e Gaitinhas observou:

– Não gosta de pão. Comia era carne que o Arturinho lhe dava.

– Pode lá ser!

Sagui interrompeu a história, para invejar cão de raça que desdenhava côdeas, e nunca rebuscara sobras de cozinha nos caixotes do lixo.

# Primavera

# I

Flocos de nuvens no céu, como o bando de pombas brancas que roçavam no Mirante. Nuvem de flores nas coras do vale. Céu a desbotar azul no rio calmo, sem remorsos das cheias, de que já pouca gente se lembra.

O Coca ainda pedincha pelas portas: “– Dê-me alguma coisinha... O meu irmão morreu nas cheias...” Mas qualquer dia ingressa na quadrilha do Gineto.

Há homens que vestem fatos pretos e justos, e andam nas ruas como se fosse domingo. Não tardará, porém, que voltem para o campo. Que o Castro já falou em consertar as bocas dos valados e reconstruir a pousada.

– E tu vais? – pergunta um.

– Que remédio. Anda-se pr’àqui de costa direita...

– Eu cá quando m’alembro...

Suspende a frase para não se lembrar. Os galhos das árvores que o temporal quebrou querem revivescer. E os homens também. Só o irmão do Malesso conserva para sempre nos olhos aquela noite de inverno e angústia... E a mulher a quem morreu o filho de colo não perde o jeito de embalar que traz nos braços. Chamam-lhe doida por isso.



Manuel do Bote serrou as tábuas colhidas no rio e pôs-se a tapar buracos na casa de madeira e lata que a ventania derruía.

Naqueles dias, levantava-se com estrelas, antes de o relógio tocar, como se o barco estivesse com carga, à sua espera.

– Para que te levantas tão cedo, home?

– Tou farto de cama.

A mulher calava-se para não o contrariar, e ele descia ao cais, por entre a neblina que esbatia nomes e cores dos barcos atracados, dando-lhe a ilusão de que o *Boa Sorte* viera de noite encostar-se à muralha. Depois, quando o sol definia contornos, voltava para casa, a passo lento.

A mulher e Deolinda teciam na fábrica; os filhos patinhavam no esteiro; e ele, sozinho, carpinteirava todo o dia, a sonhar de olhos abertos que a casa era o bote, em conserto no estaleiro.

Quando o trabalho findou, construiu ainda um brinquedo para o Tonecas e foi-lho levar ao esteiro.

– Toma um barco.

Admirado, fitando as mãos felpudas de quem só lhe dera tabefes, o filho não se mexeu.

– É pra ti, palerma.

Segurou o barco com mão trémula, medroso... A irmã parou de amassar lama, fez beicinho.

– Tamém qué'e...

– Não! É meu...

Manuel do Bote teve de intervir na contenda dos pequenos. Sentou-se com eles à beira da água, e ficaram os três a fazer ondas, para que o barco singrasse.

Por fim, tombaram-lhe as mãos inativas. Andava-lhe o ânimo como o rio ao sabor da maré, ora a subir em projetos de sorte, ora a vazar em desfalecimentos.

– Home! – disse o Zé Pirica –, isso não é vida. Queres tu vir prò meu barco?

Sacudiu a cabeça em negativa. “Antes cavar de sol a sol, com enxada sua, nas quintas do vale.”

Assim pensava, mas não saía do cais. Deambulava por ali em zigue-zague, dando mão a pranchas e amarras, ou ruminando esperanças.

– Se souberes de barco que precise de arrais, lá na Outra Banda...

– Fica descansado – respondia-lhe o amigo. Uma fragata vinha, outra largava.

– Trata-me daquilo, ó Zé...

– Não esquece. Logo que eu saiba...

Ti Bento deu-lhe de mão ao ouvir-lhe lamentos e desânimos.

– Sendes uns lesmas, agora. Quem cai ao mar agarra-se o que calha.

Manuel do Bote espraçou a vista pelo cais sem replicar à arenga do velho. “Quem cai ao mar...” Também assim dissera em telhais e valados e cavas de vinha. Afinal, perdeu tudo numa noite, e mais a fé no trabalho.

No entanto, à hora da ceia, o caldo pareceu-lhe amargo como purga. “Viver às sopas da mulher...”

Os filhos raparam o fundo aos pratos e pediram mais um nadinha.

– Não há quem os vede. Arre! – lamentou-se a mãe.

Tonecas arremessou o prato e repetiu baixo todos os nomes feios que aprendera; a irmã desatou num berreiro.

– Pega-me nessa criança, Deolinda! Vocês fazem de mim burra de carga, mas qualquer dia estoiro.

Gineto fitou a barriga prenhe da mãe e sorriu. Manuel do Bote tomou para si os ralhos da companheira, baixou a fronte sobre o prato. “Caldo amargo, aquele...”

No dia seguinte, pedinchou a vaga deixada pelo pai do Malesso, que abalara do cais, e fez-se descarregador de mar e terra. Novo rumo, que exigia pulso firme e peito de aço.

À noite, saca de apoio pendente dos braços, meteu-se na Taberna dos Arraises, ali à borda do rio, a ouvir melopeias da ressaca e fados do Chico Lindinho.

– Vai um copo Manel?

– Obrigado. Dois e meio à comida, e basta.

– Home, pago eu.

Tinha a boca seca e a respiração opressa. Aceitou. Chico Lindinho cantou com voz pastosa uns versos de elogio ao vinho. O taberneiro sorriu e despejou mais uma rodada. Pouco depois, outros fregueses entraram de roldão abraçados à Doida, desgrenhada e bêbeda.

– Venha vinho! Esta gaja vai cantar o fado, ó Lindinho.

Ela enchia a casa de gritos. Pálida, ossuda, corpo bamboleante sob a roupa de luto, babava-se de vinho e insultos.

Zé Pirica pousou nela os olhos tristes e disse: – Esta vida não vale um chavelho.

– Vamos à deita, Manel?

Saíram, e o ar fresco da noite aliviou Manuel do Bote das tonturas do vinho. Todavia, à porta de casa, implicou com Deolinda por namorar àquela hora da noite. A mulher mandou-o calar, para que não acordasse os pequenos. Refilou:

– Caluda, digo eu. Quem manda aqui? Quem é?...

Aquela noite foi prenúncio de barulhos e lágrimas, a que só Gineto punha cobro. Metia-se de permeio e segurava o pai cambaleante, que se carpia então com voz chorosa:

– Também tu?... Salvaste-me a vida e viras-te a mim...

– Vá-se deitar, pai.

– O *Boa Sorte* tá carregado no cais... Quero dormir nele...

Gineto lembrava-se da luta com as ondas. Via o pai fincado no leme, de peito às vagas, e agora, ali, a cair de bêbedo. Tinha pena dele. Levava-o amparado para a enxerga, como no carril da Ilhota, na noite do temporal. Depois, ia ter com os amigos ao Mirante.

A primavera insuflava energias e promessas, e, porque o negócio das laranjas prosperava, todos os garotos andavam contentes. Madalena parecia remoçar como a pereira anã no quintal da velha casa em que morara, e Gaitinhas já não sumia olhares sobre a lezíria, saudoso do pai e da escola. Voltava-se para o vale, que semelhava o jardim do Sr. Castro. Trigais verdejantes ondulavam na encosta; as amendoeiras eram nuvens tombadas do céu, muito alto, na cumeada sinuosa dos montes. Ao longe, como realejos de corda, os moinhos tocavam uma melodia igual à que o Gaitinhas ouvira, certa tarde, em casa do Arturinho.

Quando não havia assalto, os rapazes reuniam-se nas ruínas da capela, em que morava o Sagui.

– É entrar, meus senhores, é entrar! – gracejava este, tomando atitudes que aprendera no circo.

– Onde tá o roubo d’onte?

– Roubo! Aqui mora gente séria, sor Gineto.

E ria, enquanto guiava os companheiros no labirinto de pedras e entulho.

A contagem das laranjas era feita pelo Gaitinhas, que sabia os números todos até mil, segundo afiançara Sagui, o que causava a admiração dos companheiros.

Desconfiado e invejoso, Pirica ainda quis destroná-lo. – Eu conto – disse uma vez.

– Olha que tão aqui mais de cem laranjas...

– Eu conto até milhentas, se quiser.

Mas, quando chegou a trinta e nove, teve de desistir. Desde então, Gaitinhas subiu de posto na quadrilha: repartia o dinheiro, conferia as sobras da fruta, e até escreveu uma carta para o Guedelhas mandar à namorada.

– Que queres tu que eu diga? – perguntara mais atrapalhado do que em dia de exame.

– Sei lá... Que eu tou embeijado por ela... E que no domingo vá-me ver jogar.

– Mas ela sabe ler, Guedelhas?

– Não. Mas não faz mal.

Gastou uma tarde inteira e duas folhas de papel; mas findou com um beijo, em letra bem legível, e a caneta rilhada na ponta.



Certa noite, Sagui acordou em sobressalto, ao barulho de alguém que resmungava. Mirrou-se mais contra as pedras, tapou a cabeça com a manta de retalhos. Mas a voz trespassava a roupa, tanto como os baques do coração sob a caverna do peito. “Quem seria, àquela hora?... Talvez ladrão que descobrira o esconderijo da fruta, ou espião mandado pelo Sr. Castro.”

A voz, aguda e áspera, parecia de mulher. “Se calhar, era algum dos companheiros, disfarçado, por brincadeira...” Espreitou por um rasgão da manta. A fraca claridade da Lua definia um vulto escuro, estendido sobre monte de caliça, como que à espreita também. Sagui sentiu saudades da palhota da vinha em que dantes dormia, e onde nada mais chegava que latidos de cães.

“... E se aquele vulto fosse de cão raivoso?” Um calafrio gelou-lhe o corpo e as pedras da cama. Não. A voz era de mulher. Ouvia agora gemidos abafados e palavras sem nexos... Depois, o silêncio pesou-lhe nas pálpebras. Fechou os olhos, esquecido; mas logo voltou a fitá-los no vulto imóvel. Por fim, cansado, adormeceu profundamente.

Quando acordou, o dia dormitava ainda, e o vulto também. Aproximou-se dele. Era a Doida. Ao primeiro impulso, pensou em fugir, antes que ela tivesse algum daqueles ataques em que corria, à pedrada e aos gritos, os garotos da rua. Mas viu-lhe o rosto pálido, empastado de sangue. Lembrou-se da mulher que veio na lancha, chorosa, a embalar o menino morto – e apiedou-se.

Levemente, estancou-lhe a ferida com um trapo molhado. Ela abriu para ele os olhos tontos, susteve-o nos braços, chamou-lhe meu menino. Sagui quis libertar-se daquelas mãos frias que o afagavam; mas, por medo, deixou-se embalar como criança de colo, fitando a Doida, de esguelha. Pelo decote da blusa via-lhe o seio muito branco e uma nódoa negra no pescoço.

– Estás tão crescido, meu menino...

O sorriso dela era um esgar de amargura. Silenciosamente esboçou uma carícia que se perdeu no ar e voltou mais o rosto para o lado. Os olhos, porém, continuaram hipnotizados pela nesga do seio. Contra vontade, a mão prendeu-se também no decote, trémula e suplicante. A doida beijou-o. Esqueceu-se que era menino ao colo da mãe...

No dia seguinte, Sagui não vendeu fruta. Mas os companheiros andaram pelas portas como de costume.

– Quer laranjas? Uma dúzia. Dez tostões...

– Se calhar são roubadas...

Gaitinhas corava sempre, enquanto os companheiros protestavam.

– Não sou ladrão. Fui comprá-las às areias.

Guedelhas palmilhava três quilómetros de estrada para vender a fruta toda noutra vila, de manhã. Depois ia treinar-se com bolas de trapos, crente de que em breve lhe dariam a admissão no clube desportivo. Os outros acompanhavam-no, ou então jogavam o chinquilha no mirante.

Foi lá que Sagui lhes falou, embaraçado, com olheiras profundas no rosto.

– Hoje ã vendi nada...

– Tás doente, pá?

– Não. Andaram uns gajos a ver a capela.

O bando assustou-se.

– Disseram-te alguma coisa?

– Perguntaram só se eu morava ali. O melhor é arrecadar as laranjas noutro sítio.

– Aonde?

– No telhal do Zé Vicente.

– Tás parvo. Qualquer dia vão para lá arranjar o forno...

Gineto pós termo à discussão.

Mudam-se logo à noite, pronto.

– É melhor de dia – contestou Sagui. – Se os gajos desconfiaram, são capazes de lá aparecer logo, outra vez.

Gineto começou a duvidar das palavras atabalhoadas do pequeno companheiro. “Outra história”, pensou.

Seguiu-lhe as passadas toda a tarde. Viu-o entrar na capela com embrulhos misteriosos, e depois correr as ruas como que à procura de alguém. Entusiasmado pela perseguição, escondeu-se atrás de umas pedras, entre ruínas, e, enquanto esperava, desejou ser polícia, mais do que ladrão de fruta. Um polícia assim como o Rei dos Cowboys, que fazia justiça por suas mãos, nas fitas de cinema.

Mas Sagui apareceu com a Doida, que ria e gesticulava. Da boca de Gineto quase se desprende um assobio de pasmo. Tão longe estava daquele desfecho.

“Ai o gajo!... Misturado com a Doida, sem dizer nada aos amigos...”  
– riu-se. – “E a comer com ela as laranjas da quadrilha!”

Não sossegou enquanto não falou ao Sagui.

– Atão tu, grande impostor! Inganchaste-te na doida e vens para cá enganar a gente?

– Eu...

– Nã te faças de novas que eu vi vocês dois na capela.

Sagui embatucou por momentos.

– Tive medo que tu lhe fizesses mal... A gaja até faz pena. Olha que às vezes nem parece que é maluca.

– Eu só quero é brincar também. Já sabes... – disse Gineto, impaciente.

– Mas não digas aos outros...

– Digo nada.

Uma semana depois, todos os componentes da quadrilha gastavam os lucros do negócio em prendas para a Doida.



Nunca a vida lhes fora tão risonha. Nem quando as primeiras chuvas de outono anunciavam pausa de canseiras no telhal e folguedos na Feira.

Gaitinhas já não entregava à mãe o dinheiro das laranjas, e fugia de casa para não ouvir ralhos e lamentos.

– Agora não trabalhas, João?

Ele baixava os olhos, por vergonha, e mentia: – A obra já acabou...

– Se eu já me pudesse levantar... A Ti Rosa, coitada, está farta de gastar dinheiro connosco.

Tossia, e ficava depois sem ânimo de mandar o filho pedir esmola.

Este condoía-se; jurava a si próprio tomar emenda. Mas chegava à capela e esquecia-se da cara triste da mãe e da sua voz cansada.

– Gaitinhas, vai buscar vinho.

– Só se me deres um cigarro...

Os outros apoderavam-se também do maço que Gineto arranjava, não se sabia como.

– E forfes? Gaitinhas, traz uma caixa.

Viravam o fundo aos bolsos e à garrafa do vinho.

– É uma cuba este Pirica...

– Atão, todos os homens bebem.

Perante o argumento, os outros calavam-se e bebiam também. Depois, distribuíam cartas e entretinham-se na bisca, enquanto a Doida não regressava dos seus passeios tontos pela vila.

Os assaltos às quintas foram assim rareando. A muito custo, quando o dinheiro escasseava, é que eles se dispunham a rastejar sobre a erva húmida dos laranjais. Fora disso, só a Doida os tirava dali.

Certa noite, Sagui chegou esbaforido, quase sem voz.

– Sabem? Um gajo bateu na Doida e levou-a.

– Quando foi?

– Agora mesmo, ali na taberna.

Largaram as cartas, num repente, e perseguiram o homem, até que deram com ele à beira dos esteiros.

– Eh! Largue lá a Doida – impôs Gineto, depois de os outros fazerem roda. A dois passos, o homem media os contendores, como lobo acochado. Pirica escudava-se no corpo do Gaitinhas, que tremia de medo, perante aquele gigante que lhe parecia invencível. Mas já o Gineto, dando um salto de peixe, aplicava valente cabeçada no peito do rival, que tombou na água.

Entretanto a Doida fugira, aos tombos. E os rapazes, como láparos, esgueiraram-se também para a toca da capela.

A aventura deu assunto para risos e chacota, durante muitos dias. Bebeu-se pelo Gineto, que derrubava homens, como o Tom Mix. E no domingo foram ao cinema rever-se no herói.

Juntaram capitais, em frente ao cartaz enorme colado na parede, no qual um cowboy, de lenço vermelho ao vento e revólver no cinturão, dominava um feroso cavalo de patas no ar, sobre desfiladeiro temível. De-

pois de muito soletrar, Gaitinhas avisou que era o Tim Macacoi em Cavaleiro sem medo.

Gosto mais do Tom Mix – disse Gineto. Mas Guedelhas afiançou que a fita era bestial.

Atrás deles, outros garotos ouviam sofregamente os comentários.

– Deixa-me intrar contigo, Gineto – pediu um.

– O porteiro ñ dá licença...

Pirica reparou-lhe no corpo de criança enfezada e gracejou: – Leva-o ao colo.

A campainha abafou risos de uns e pesares de outros.

Vinha chegando gente. Junto do segundo cartaz, rapazes engravados discutiam a beleza de Greta Garbo. Senhoras passavam, exalando perfumes, que as narinas dos garotos sorviam avidamente.

– Que cheirinho, pá!

– Dê-me uma entradinha...

– Arreda-te, pequeno!

O guarda chegou-se e mandou abrir alas, para que Arturinho entrasse, seguido do Sr. Castro e da mamã.

– Uma entradinha... – repetiu o Coca.

– Só me falta cinco tostões...

– Pra trás! – bramou o guarda. – Aqui ñ é sítio para pedir esmola. Quero a entrada livre.

Os gaiatos, em semicírculo, continuavam a enfadar quem passava. Ousado, um deles tentou esgueirar-se por entre as pernas das pessoas que entravam; mas o guarda trouxe-o para a rua, pelas orelhas.

O grupo do Gineto aproximou-se também, com alarido.

– Pouco barulho! – berrou um dos porteiros. – Inda vai tudo preso, daqui a nada.

– A gente tem bilhete.

– Então, entrem. Eh... Tu, não, que estás sem casaco.

– Prà galeria não faz mal. Deixe-me entrar...

– Já disse que não.

Gineto voltou para trás, furioso. Veio-lhe à ideia o fato azul que o pai lhe prometera no inverno, e lágrimas de raiva afloraram-lhe aos olhos. Se o guarda não estivesse ali de pistola à cinta, havia de entrar, nem que fosse a golpes de canivete.

A criança raquítica bateu-lhe no ombro.

– Eu empresto-te este casaco, Gineto. Mas óspois contas-me a fita?...

Prometeu que sim. No seu corpo, o casaco parecia jaleca de campino; mas ele apresentou-se à porta do cinema, como se levasse na mão bilhete de camarote. Os porteiros riram-se. E os companheiros, lá dentro, tiveram pretexto para a primeira algazarra, que, apesar das imposições de silêncio, só terminou quando Gaitinhas e outros começaram a ler em voz alta as legendas, para que os analfabetos ouvissem.

Era um sussurro monótono a descer das galerias até à geral, que ficava à frente das cadeiras.

– Mais devagar! – berrou um rapaz, fraco em letras.

Também Gaitinhas, deslumbrado com imagens e música, ia perdendo a fama de letrado.

– Atão ñã lês, Gaitinhas?

– A fita anda muito depressa...

Pouco a pouco, inquietos pela chegada dos cowboys, os rapazes foram-se desinteressando da Greta Garbo. Não entendiam o motivo por que

aquela cortesã sem vergonha que, ali em frente de todos, já beijara dez vezes Armando Duval, recusava agora o amor do moço enamorado. Por isso Gineto cantou de galo na galeria, o que provocou muitos protestos das senhoras chorosas, como se fossem elas a Margarida Gautier.

Na rua, a criança enfezada que emprestara o casaco tremia de frio. O Coca abordava os retardatários e insistia: – Deixe-me entrar consigo. Deixe.

Quando a fita acabou os rapazes fizeram comentários soezes e escolheram melhor lugar. Gaitinhas escondeu-se atrás deles, para que o Arturinho, empertigado no camarote, não lhe visse os rasgões do fato. Teve desejos de lhe desmanchar o cabelo nédio com uma das bolas de papel que Gineto atirava da galeria. Mas as luzes extinguíram-se, e Tim McCoy foi recebido com salvas de palmas.

Voltou o sussurro, como ladainha de fiéis. Todos compreendiam agora por que o cowboy arrebatara aos bandidos a menina da diligência. Gineto lembrou-se de Rosete e os companheiros desejaram a Doida. De vez em quando, estrugiam palmas e berros de entusiasmo, que os garotos da rua ouviam lá fora, atrás da porta fechada.

Aproximava-se o momento culminante em que o herói ia defrontar o chefe dos bandoleiros. Os rapazes mexiam-se nas cadeiras, sustinham a respiração, Gaitinhas roía as unhas, e, sem saber porquê, tomava partido pelos bandidos, ao contrário do Sagui, que não desfitava o cowboy. Este descia a rua, em cuja esquina estava o outro, de revólver em punho. Mais um passo, e era a morte certa... Sagui, angustiado, pôs-se de pé na cadeira e soltou um berro, que se ouviu em todo o cinema:

– Cuidado, Macacoi, que o gajo tá na esquina!

Logo após, palmas e assobios reboaram na sala, pois o bandido fora dominado. E o miúdo sorriu-se por ter avisado a tempo o Cavaleiro sem Medo.



Dias venturosos aqueles. Havia laranjas para vender e promessas de outros frutos nas árvores do vale. Fora-se o mau tempo. Os rapazes aspiravam o ar, mais puro e cálido, como se nova vida surgisse com a primavera. A Doida estancava a seiva que borbilhava no sangue, e a sombra fagueira da capela, em ruínas, bania do pensamento as sombras vivas do lar.

Um dia, porém, a Doida desapareceu sem deixar rasto. Nos pomares, as laranjas foram apanhadas. E a quadrilha voltou à vida incerta das ruas tristes, sem luz. Gineto assustou garotos com tropelias, como dantes; derrubou barcos nas valetas e castelos de pedras; bateu a esmo.

– Deixa os pequenos – repreendia Gaitinhas. Mas ele permanecia estranho a todos os rogos.

Guedelhas regressou aos treinos de futebol, cioso do emprego que tardava. E Pirica, indolente, deu em beber vinho à toa, para afogar saudades da Doida.

## II

Maquineta chegou esbaforido, aos pulos, e desfechou, agitando os braços de contente: – Eh pá! Amanhã é que é... Amanhã... –

Tomou fôlego.

– Amanhã, o quê? – perguntou Gaitinhas.

– Arranjei trabalho! Vou pràs máquinas!

O rosto fuinha inundou-se-lhe de um riso aberto de prazer e orgulho.

– Na Fábrica Grande? – insistiu o outro.

Sem esperar resposta, Sagui comentou:

– Deixa falar. É aldrabice.

– Pela minha saúde como é certo.

Jurou, é que falava verdade.

– Eh Gineto! O Maquineta vai prà Fábrica.

O brado ecoou na rua sonolenta.

– O quê...

Largaram as bilhardas. O círculo dos rapazes formou-se, apertado, em volta do companheiro. Maquineta permanecia de riso alarve na boca mal talhada, baboso, a gozar o efeito. Há quantos anos esperava aquele momento! Agora já não fariam troça dele, não.

Mas o magote estreitava-se, aos empurrões. Choviam perguntas. – Quem?

– Vá ver, pouca lambança – ordenou Gineto. – Quem fala é ele.

Calaram-se e Maquineta contou:

– A minha mãe tinha feito o pedido há uma data de tempo. Parece que foi mesmo ao diretor. Não. Foi à mulher dele.

Parou a reconsiderar. Não sabia mais nada... aquilo não tinha história. Ou talvez lhe faltasse o jeito de contar, como tinha o Sagui.

– O que é certo é que o Má-Cara mandou recado... para eu chegar amanhã – rematou num fôlego.

– E é mesmo pràs máquinas? – inquiriu Pirica, despeitado.

– Atão. Minha mãe até disse qu’eu tinha jeiteira pra serralheiro...

Olhou em volta a cara dos companheiros. Não, desta vez ninguém se rira.

Sentou-se na soleira de uma porta, e os outros imitaram-no. Gineto acendeu uma ponta enfezada de cigarro.

– E quanto vais ganhar? – perguntou.

– Ah, isso ã sei. Talvez dez milreizitos.

– Que sorte, pá! – murmurou Gaitinhas, cabisbaixo a pensar no que poderia fazer com dez mil réis por dia.

– Mais seis e quinhentos que no telhal – acrescentou Sagui.

Então, fez-se silêncio. Os garotos avivavam aspirações mais uma vez recalçadas. E a tristeza anichava-se entre o grupo, roubando o lugar ao sonho. Esvaía-se aos poucos a confiança no pedido que cada um fizera para a Fábrica Grande. A quadrilha sentia-se vencida.

Gineto impusera: – “O que é pra um é pra todos.2 – Agora, chupando a beata, pensava com desgosto: – “É pra todos, menos pra um.”

Era a primeira deserção.

Também Maquineta estava triste, sem saber que dizer. Tentando reagir, Gaitinhas gracejou:

– Não pagas nada?

Os outros riram e o companheiro animou-se.

– Pago, pois. Quando receber a “fera”, vamos todos ao Ramadas.

– Ao Ramadas? Atão ñã vais...

Maquineta embuchou. Na taberna melhor da vila entravam os rapazes que trabalhavam, que eram como homens.

Levantou-se constrangido. – Adeus. Vou arranjar as minhas coisas pr’amanhã – balbuciou em desculpa.

Lá foi, rua fora, sem coisas que arranjar.

Voltou o silêncio. Caiu a tarde. As sombras das casas chegaram timidamente e apagaram as rodas das bilhardas esquecidas, que mãos sem trato desenharam na rua.



Maquineta não tinha sono. A mãe dissera-lhe: – Vai dormir, Toino, que o trabalho começa às seis horas.

Deitara-se. À luz de um coto de vela, a mãe cosia os botões do seu melhor fato, aquele que estreara há três anos, na Feira. E Maquineta pensava: “As botas ainda lhe serviam? Não podia ir descalço para as oficinas. Que pena não ter um fato-macaco. E um cinto com chaves, como usam os serralheiros...”

“Deixá-lo. Daí a um mês...” Pôs-se a fazer contas mentalmente; mas não atinou com os números. Sempre iria ganhar dez milreizitos? A dúvida assomou-lhe de súbito ao espírito. “Mas por que diabo ferravam às seis horas? O Má-Cara também mandaria nas oficinas?” – Ó mãe, como se chama o Má-Cara?

– É Enriques.

O moço continuou a desenlear pensamentos. “Chego lá e digo: – Sor Anriques, eu sou o rapaz que a patroa do diretor mandou pràs oficinas. O gajo havia de o receber bem. Sempre era um pedido da patroa...”

A mãe apagou o coto de vela, prestes a extinguir-se, não fosse a luz faltar de madrugada, para o pequeno se vestir. As trevas trouxeram mais frio para o cubículo miserável. Sobre a sua cabeça, Maquineta sentiu a mãe tatear a enxerga. Ficou ainda a sonhar, de alma acordada para as emoções daquele dia sem igual. Momentos depois, teve a impressão de que o ruído compassado das máquinas já lhe afagava os ouvidos, tanto como os fados plangentes que Gaitinhas aprendera na telefonia das tabernas. Linda música! E adormeceu embalado pelos sibilos do vento, que pernoitava ali mesmo.

Alta noite, Maquineta acordou estremunhado, olhos abertos para a escuridão do quarto. Ia a levantar-se, porém, a mãe sossegou-o. – Inda é cedo, Toino. Dorme.

Enrolou-se de novo na manta de retalhos. “Que horas seriam?” Pareceu-lhe que o tempo adormecera Mas daí a bocado...

– Menino! Eh Toino: são horas.

Levantou-se num pulo. Custou-lhe a calçar as botas sem uso.

“Mas nas oficinas – pensou – as voltas a dar eram poucas.”

– Até logo, mãe.

– A bucha está aí, na prateleira.

É verdade, já se esquecia do naco de pão seco.

Saiu. No céu, as estrelas catrapiscavam de sono.

O sol devia andar ainda para lá do rio, a colorir a charneca amoderada. Mas dentro de Maquineta já despontara alvorada de alegrias.

Junto do portão da fábrica, vários homens formavam grupo e conversavam em voz baixa. Caras tisonadas e ensombradas, corpos angulosos e alquebrados por fadigas mal vencidas, à espera também da sua alvorada...

Um vulto assomou às grades do portão.

– Podem entrar.

Era o Má-Cara.

Maquineta, mais afastado, deu tempo a que os homens transpusessem o portão. Ia para falar.

– Sor... – Estremeceu. Não se lembrava do nome. – Má-Cara... Má-Cara... Gaita! – murmurou enervado.

– Então, entras ou ficas? Começas cedo na retranca – vociferou o capataz.

Seguiu atrás dos outros. “Má-Cara... Sor...” Que raiva!

Tomaram-lhe nota do nome; meteram-lhe um cesto nas mãos; e ele sempre a recordar o nome do homem.

O grupo parou ao fim da fábrica, junto do rio. Maquineta cobrou ânimo.

– Como se chama o gajo? – perguntou baixo ao camarada mais próximo, indicando o capataz.

O outro teve um sorriso trocista.

– Atão nã sabes? É Má-Cara.

Nisto, a voz deste ressoou imperiosa: – Eh! Vocês, os dos cestos. Descem por esta prancha, sobem por aquela, e despejam o carvão nas vagonetas. (Fez um gesto largo de mando.) Vamos, formem bicha.

Só então Maquineta caiu na realidade. Lançou em volta um olhar estranho, interrogativo, como que a procurar a ilusão fugitiva. As máquinas ficavam lá para trás, nos barracões sombrios, altos como muralhas. Ali não chegava a sinfonia dos motores, dos martelos e bigornas, das correias e tambores. Era a desolação do cais. Águas quebradas sob pontões improvisados; negros barcos sem velas, lado a lado, balouçando na babugem as quilhas prenes de carga farrusquenta. Ao longe, a campina enevoadada; perto, o rio indiferente, sonâmbulo. Paisagem – solidão.

Maquineta ia a fitar mais uma vez a fábrica distante; mas já o camarada de trás o empurrava para o pontão.

– Anda, moço!

Começou a descarga. Cesto virado, cesto cheio... pernas vergadas ao peso do carregamento, pé lesto e com jeito na palma da prancha, que o trambolhão era de respeito – o formigueiro humano não parou mais. No pontão, o capataz vigiava a descarga; nos barcos, os homens de confiança não davam confiança às pás.

– Andem-me com isso de cagulo!

Cesto virado, cesto cheio... As vagonetas deslizavam nos carris e o carvão já formava monte no terreiro.

– Ó tu, papo-seco dum raio! Que estás à espera.

A exclamação escarninha era para Maquineta. Papo-seco... Nem se lembrara de tirar o casaco, que estreara há três anos pela Feira. E agora, mascarrado e roto, enrodilhava-se nos braços, dava-lhe ao corpo feição de espanta-pardais.

Cesto virado, cesto cheio... O Maquineta ia e vinha arquejante e suado, pés com jeito na palma da prancha, que as botas escorregavam como em sebo e apertavam-lhe os pés.

Na fábrica, a buza apitou demoradamente. Oito horas. O coração de Maquineta bateu com mais força sob o peito oprimido. Iam entrar nas oficinas.

“... Chego lá e digo: – Sor Anriques, eu sou o rapaz que a patroa mandou...” É verdade. Era Anriques o nome do capataz. Mas já de nada valia lembrar-se.

Má-Cara notou a atitude abatida do pequeno trabalhador e increpou-o, colérico:

– Langão dum raio! Já atrasaste um caminho. Se andas a dormir, eu estou com os olhos abertos.

E, não contente, virou-se para os homens do batelão: – Tomem-me conta deste cesto. Carreguem-lhe no peso, ouviram?

Maquineta deitou um olhar suplicante para os camaradas das pás. Eles, porém, eram homens de confiança, sabiam que o chefe estava com os olhos abertos...

Então o moço, humilhado e vencido, sentindo-se sozinho no meio daquela gente que não reparava no seu jeito para serralheiro, deixou que as lágrimas fizessem um sulco longo nas faces mascarradas.

Um camarada tocou-lhe no ombro.

– Não chores, pá! Olha que o gajo tá-se a rir de ti.

Encheu-se de brio; cerrou os lábios. “Nem que rebentasse, daria en-sejo a troça...” Mas os cestos pesavam mais e mais. Já não sabia se as gotas que lhe escorriam pelas faces eram de pranto ou de suor. O capataz a rir-se no pontão... e os pés em suplício, prisioneiros das botas, como ele todo dos olhares felinos do Má-Cara.

Fez rodilha do casaco e descalçou um pé, antes que lhe apontassem o cesto. Mas os braços dos homens eram como êmbolos de máquina.

– Avia-te, moço...

Lá foi, prancha acima – pé nu e pé calçado –, sob a chacota do capataz, mais dura do que o carrego. Ia-se-lhe o pensamento para a buza alta-neira, que limitava cansaços na fábrica e se esquecia dele, ali, junto ao rio. Como se o tempo fosse outro Má-Cara, a reger aquela empreitada de fadigas.

E o batelão que não tinha fundo!... “Mas nem que rebentasse, arriaria. Havia de calcar o cesto aos pés, no fim do trabalho. E depois, ao passar pelo capataz, direito e natural, como se o corpo ainda guardasse forças para dar e vender, cuspiria para o lado com desprezo.”

A voz de comando estalou no ar, como chicotadas:

– Larga de conversa! É andar.

Aquilo não era com ele. Porque, se abrisse a boca, seria para gritar a sua revolta contra tudo e todos. Por isso, mordida os beiços e sondava a caverna do batelão, sempre negra, sem miragens. O Má-Cara fora tam-

bém lá abaixo trespassar o negrume com o seu olhar felino, e voltara com ar de vencedor. Mais um cesto e outro...

– Desferrem!

Maquineta ficou de braço no ar e cesto às costas, como se não tivesse ouvido.

– Veio-te agora o poder? Poisa lá o cesto.

Fitou de frente o capataz. A boca seca, sedenta, não o ajudou a cuspir para o lado com desprezo. Quis endireitar o corpo exausto... Vacilou. O cesto caiu-lhe das mãos... As pernas encaminharam-se para o portão de saída...

E foi a mãe quem recebeu, depois, a féria daquele dia.

### III

Há dois dias que o Gaitinhas não punha pé na rua, desde que o médico viera auscultar a mãe, a rogo da Rosa. Ficou ainda à espera que ele rabiscasse no papel a receita que depois iria aviar, num pulo, à farmácia. O médico sacudiu a cabeça duas vezes, e foi-se como viera. Ti Rosa escondeu lágrimas no avental, e Gaitinhas pressentiu então uma grande desgraça.

A mãe tinha a cara mais pálida do que os lençóis; tossia muito; e as mãos afiladas, quase diáfanas, mal podiam levar o lenço à boca. Só os olhos mantinham o mesmo brilho molhado de febre e amargura.

– Queres um caldinho, Madalena?

Respondeu que não, com voz impercetível.

– Eu volto às cinco. Mas, se for preciso, o João que me vá chamar.

E à porta avisou:

– Não saias daqui, menino.

Gaitinhas sentou-se em frente da mãe, cujo olhar profundo se fixara, ora nele, ora no retrato de Pedro.

Silêncio ali e lá fora. Todo o beco assistia em recolhimento àquela lenta agonia, e até o sol veio debruçar-se nos beirais, pálido e triste.

– João...

O moço encostou-se à enxerga. Iria a mãe falar-lhe no emprego? Talvez a Ti Rosa, que o vira vender laranjas, tivesse contado a sua vadiagem com o Gineto.

– Vou-te deixar, meu filho. Estás um homem...

A tosse sufocou-lhe as palavras. Reagiu:

– Faz por trabalhar. O teu pai volta qualquer dia...

Virou os olhos para o retrato de quem não mais veria e chorou.

– Diz-lhe...

De novo a tosse lhe arrancou restos de vida. Gaitinhas caiu-lhe ao lado, cabeça escondida na roupa a soluçar. “Estás um homem...” Ouvira isto num dia de outono, a chorar também de desespero por não voltar para a escola. As botas perderam-se, sem conserto, já nem sabia onde; depois pedira esmola; roubara fruta na quinta do Arturinho. “Estás um homem... Já podes ajudar a tua mãe.” Mas não ajudou, nem se fez homem, porque estava ali a chorar – e o Gineto dizia que um homem não chora, nem que rebente. Gastara o dinheiro em prendas para a Doida – e a mãe, ali ao seu lado, a morrer...

Chorou mais, embora os dedos da mãe, sobre os cabelos dele, fossem gesto de bênção e perdão. Mas, de tão leve, até este afago se deliu na sua dor estreme.

Quando levantou a fronte, a mãe estava imóvel, de olhos cerrados, como que a dormir. Afastou-se nos bicos dos pés. Em frente, na parede encardida, pareceu-lhe que os olhos desolados também, talvez do pai, o seguiam por toda a casa, a pedir-lhe contas do dinheiro mal gasto...

Mudou de ideias e de lugar. Pôs-se a rever os desenhos que fizera na calça do quarto. O maior, que semelhava um cavalo, descobrira-o ele quando estivera doente com sarampo. Um cavalo como aquele que ficara no campo, bloqueado pelas cheias... De relance, fixou-se noutro desenho. Mas o pensamento voltou-lhe para o campo, onde a rã da Quinta Alta coaxava, agoirenta, e os companheiros da rua revolviam corpos, à procura do Malesso. Cadáveres com faces de cera e lábios roxos como...

Conteve um grito de pavor. Teria a mãe morrido? O corpo ficou-lhe em tremuras e soluços brandos. “E a Ti Rosa sem voltar!”

Quando a buza tocou na fábrica, foi como se a mãe se tivesse curado, de repente. Rosa Coxa entrou devagarinho.

– Então?

– Parece que dorme...

A velha aproximou-se; bateu com a mão a testa gelada de Madalena; e caiu em pranto fundo, como se tivesse morrido uma filha.



Foi a enterrar na tarde seguinte, levando atrás de si a Ti Rosa, a coxeira, e os amigos do filho. O Sol escondera-se detrás de uma nuvem. E o Maquineta também não apareceu, porque andava fugido de toda a gente, desde que saíra da fábrica. Enterro obscuro, como a vida que se finara.

Ti Rosa corria os teares, de saca na mão, conforme o hábito. Só teve de mudar duas palavras... – Prà Madalena, que morreu ontem.

– Morreu? Coitada!

– Ora! Mal de quem cá fica – lamentou-se uma rapariga magra, que tinha três filhos tamanhos.

– A gente fala; mas...

A poalha das lãs enovelava as vozes, abria tosses teimosas nos peitos. E os olhos do contramestre, mesmo de longe, tresmalhavam conversas e fios, nos teares.

Também Gaitinhas, ajudado pelo Coca, corria a vila com meia folha de papel almaço na mão.

– Dê alguma coisinha prò enterro da minha mãe... – e mostrou a toda a gente o papel da subscrição.

De regresso do cemitério, Rosa Coxa juntou os poucos trastes de Madalena, que nem davam para a renda da casa em atraso, e disse ao Gaitinhas:

– Agora, é como se fosses meu neto. Vais viver comigo, queres?

Sabia lá. Seguiu atrás dela, mudo e triste, com os pensamentos em desalinho. Não quis cear. E, no escuro da noite, empapou de lágrimas o travesseiro estranho.

Passaram-se dias sem que ele aparecesse aos amigos. Ia para o Mirante, como quando era pequeno, e ficava ali a ver correr o tempo e as fragatas de velas tensas. Agora, mais do que nunca, desejava partir num barco assim, à procura do pai, distante como um sonho.

Gineto desesperava-se:

– Foi-se embora o Maquineta; o Gaitinhas tá de luto... Ora bolas!

– Tamém agora já não há laranjas...

– Não há o quê? No jardim do Castro, ainda ontem vi duas laranjeiras carregadinhas.

– Tem juízo. Co’ a casa e o cão ó pé, quem é que vai lá.

– Ia eu. A questã era vocês ajudarem.

Sagui não achou em si coragem bastante para animar o companheiro. A primavera insuflara-lhe outros anseios, novo rumo à vida. Estava farto de pedir esmola e vender fruta de porta em porta, o que era pedir também. Ele, como os outros, sentia-se às vezes dominado por inexplicável tristeza, de que se libertava depois, mais insatisfeito.

– Qualquer dia aboo daqui para fora.

– Pra onde?

– Sei cá. Por essas estradas, a ver mundo.

– Voltas prò circo...

Vinha-lhe à memória a infância tormentosa, e calava-se, a rabiscar no chão garatujas indecifráveis.

– Não te rales, que daqui a pouco abrem os telhais.

– Tomara já.

E os telhais surgiam-lhe no pensamento, como uma libertação.



Rosa Coxa repetiu que uma desgraça nunca vem só. Outras choraram. Ao coro estridente das buzas não se juntou naquele dia a garrulice das tecedeiras, à hora da saída.

Detiveram-se ali no átrio em grupos silenciosos, algumas ainda à espera de contraordem.

– Saem ou não? – disse o porteiro em voz alta. – Parece que querem cá dormir hoje... Ficas comigo, Luísa?

Mas nenhuma achou graça. Foram saindo com passo de enterro, a limpar amarguras à ponta das batas azuladas. Flocos de lanugem nos cabelos acentuavam-lhes a velhice precoce.

– Que vai ser da gente, agora? A semana não me chegava, que fará três dias...

– Nem dá prà renda da casa...

– Inda tu tens o teu home, que ganha. Mas eu...

– Devíamos ir falar ao gerente – propôs Maria do Bote. – Ele não punha todas na rua.

– De que valia isso? Diz que é por causa da guerra...

– Sabe-se lá. A gente é que não se aguenta assim.

Mas iam recolhendo aos lares, dispostas a aguentar-se.

Maria do Bote abriu a porta, e tudo em casa lhe pareceu mais sombrio e nu. Apenas, sobre a cómoda carunchosa, o despertador alardeava brilho, mantinha a mesma cadência das horas que não vivia. A dona olhou-o, melancólica, como a um traste inútil; depois, em súbita resolução, pô-lo debaixo do xaile, e dirigiu-se ao escritório do Rodrigues.

À entrada ainda hesitou. Mas o penhorista chegou-se logo com modos animosos.

– Faz favor de entrar. Um seu criado, minha senhora. – E esfregava, uma na outra, as mãos peganhentas.

– Sr. Rodrigues. Eu trago aqui...

Pousou com cuidado, sobre a mesa, o relógio niquelado, e acrescentou: – Queria empenhá-lo, mas por pouco tempo.

O penhorista sorriu-se.

– E quanto pretende vossemecê por isto?

– Sei lá, Sr. Rodrigues. Aí uns vinte escudos...

– Ora valha-a Deus. Isto não vale nada. Antes trouxesse roupas.

– Não vale?! Custou-me trinta e cinco mil réis.

– Entrego-lhe cinco, se quiser. E, olhe que é por muito favor.

– Mal de quem precisa! – suspirou Maria do Bote.

Fitou mais uma vez o seu rico relógio; ouviu-lhe o tiquetaque melodioso; e saiu com cinco escudos no bolso e lágrimas nos olhos.

Quando reentrou em casa, Gineto perguntou-lhe: – O relógio, mãe?

– Desfiz-me dele. A fábrica vai trabalhar só três dias, e o teu pai tudo o que ganha é pra vinho...

Gineto notou-lhe o desalento da voz, as rugas mais fundas.

– Não se aflija – disse. – Eu hei de ganhar alguma coisa.

Nessa noite, quando tudo dormia profundamente, foi sozinho assaltar as laranjeiras da Quinta Alta.

Dias depois, também pela calada da noite, Deolinda saiu de casa para os braços do namorado, farta de aturar rezinguices da mãe e bebedeiras do pai. A vizinhança murmurou: – Ora vejam lá! Um fedelho daqueles... Daqui a pouco está pr'aí cuma ninhada de filhos, sem ter sequer leite pra lhes dar.

Maria do Bote, porém, não chorou de desgosto. Tinha de acontecer, tarde ou cedo... E a rapariga agora nem ganhava prò que comia.

O pai, por mágoa, é que apanhou uma bebedeira que o ia matando.



Gaitinhas viu a Rosa Coxa traçar o xaile e sair.

– Vai prà esmola – pensou. E ele a comer-lhe as sopas, à boa vida. Não. Tinha de se resolver pela ideia que lhe andava a fervilhar na cabeça. Ali, tudo lhe era estranho e pesado. A velha vivia agora sempre aos ais, como se arrastasse grande carregó. Falava amiúde na defunta. – A tua mãe... – E ele, se ia a levar o caldo à boca, perdia o apetite.

Por isso, depois de muito pensar, pegou no lápis e escreveu o bilhete que havia de deixar sobre a mesa, bem à vista:

«Ti Rosa, não fique zangada. Eu voume imhora. Obrigado por tudo.  
Um dia inda lhe eide pagar

João da Fonseca.»

E, porque se esquecera que a Ti Rosa não sabia ler, foi descansado habitar com o Sagui nas ruínas da capela.

## IV

Andou por ali, entre destroços, mãos atrás das costas e cabeça pendente.

Cobriria-se a eira de flores brancas e amarelas; as charcas fizeram-se lagos; e, no maninho dos esteiros, as touças de caniço aphilharam. Mas, ao Zé Vicente, a primavera só lembrava despesas. Os fornos a ameaçarem ruína; barreiros arrasados; cacos por toda a banda. “E o Sr. Castro à espera...”

O pai deixara-lhe aquilo no bom tempo, e ele julgara-se um lorde. Jaqueta branca e chapéu à Mazantini, montado num hispano-árabe que causava inveja nas esperas de toiros, ombreava com fidalgos e lavradores. Nunca faltava a ferras e touradas. Sem preocupações pelo futuro, fez cinco filhos à mulher que escolhera, depois de muitas estroinices com coristas e meretrizes. Confiara no telhal como mina inesgotável de lucros. Havia lá telha melhor em todo o país! Os moços mourejavam de sol a sol, por uma côdea, e o esteiro grande era um cais cheio de barcos, todo o ano. Nem a fábrica Grande, ali ao lado, lhe fizera sombra. Talvez não tivesse sido por ela. Como não deu pelas fábricas de telha francesa, que inundaram os mercados e desviaram rumo aos barcos.

Mas o telhal apenas foi mina enquanto o bloco de cimento não excedeu o tijolo, e a lei das oito horas – uma das muitas farsas da República, como ele costumava dizer – não arruinou a produção.

Absorto nestas recordações, Zé Vicente deu a volta ao telhal e parou junto do cavalo branco esquelético, que, tonto de sol e erva, que não via há meses, retouçava à beira do rio. De muares, apenas tinha aquele, o mais pileca. E, das arrumas de tijolo, ficaram-lhe umas fiadas que mal davam para barcada de lenha, por troca.

“E a renda por pagar...” Meteu pernas à Quinta Alta e falou:

– Sr. Castro... Eu até já tenho vergonha...

– Sente-se, Zé Vicente.

Sumiu o corpo magro na poltrona e recomeçou o discurso.

– ... Já tenho vergonha de cá vir. V. Exa. sabe que o ano foi mau. Para todos, está claro – acrescentou, torcendo as mãos e o cérebro.

A culpa era da poltrona, funda e larga, que quase lhe levava os joelhos à boca. Não tardaria que o Sr. Castro lhe interrompesse a justificação. “Evidentemente. O ano foi mau...”

Mas o senhorio permanecia mudo e risonho, na sua frente.

“Estou com sorte”, pensou Zé Vicente. Pigarreou e seguiu:

– O temporal deitou-me tudo abaixo; decerto que já sabe. Das arrumas que lá tinha, coisa de trinta milheiros, não aproveitei nem metade. E o prejuízo que isso me deu, Sr. Castro! Agora, com a procura de tijolo para muros e chaminés que o vento escaqueirou...

O lavrador esqueceu-se do sorriso, talvez a pensar no prejuízo da Ilhota, e Zé Vicente tomou isso por enfado.

– Eu sei que V. Exa. não tem nada com a minha vida...

– Não senhor. O Zé Vicente expõe as suas razões. Evidentemente que se eu puder... Você sabe que eu sou seu amigo, Zé Vicente.

– Muito obrigado. Eu não me esqueço que já me atrasei nos dois anos passados, e V. Exa. fez-me o favor de esperar. Até por isso é que me custou mais cá vir. Contava levantar cabeça com uns negócios...

– Mas – que diabo – você sempre devia ter ganhado uns patacos, mesmo assim. O tijolo subiu...

– Subiu nada, Sr. Castro.

Fez uma pausa: compôs o corpo na poltrona, enquanto o senhorio acendia um charuto.

– Eu e os meus colegas tínhamos combinado altear o tijolo e acabar-se com guerras. Um dia, meti proposta para uma fábrica que se está a fazer na Póvoa, e o Meneses vai e oferece dez mil réis mais barato em milheiro. O patife, hem... Daí para cá, tem sido sempre a baixar.

– Homessa! – exclamou o Sr. Castro com falsa admiração.

– O que lhe vale é eu ter cinco filhos por criar. Que se eu não precisasse do telhal como ele...

Recalcou a raiva, com receio de exceder-se, pois o Sr. Castro era amigo do outro.

– Também não é caso para perder a cabeça, Zé Vicente. Negócios são negócios. E quem tem unhas...

Fez menção de se levantar. Zé Vicente deixou também a poltrona, sem saber como reatar o assunto da renda. As unhas pontiagudas do Sr. Castro fincavam-se na borda da secretária, agressivas. A boca, porém, mantinha o mesmo sorriso prometededor.

– Pois se V. Exa. fizer o grande favor de esperar mais algum tempo...

– Homem, trate da sua vida. Não é que a renda não me faça falta, evidentemente. Mas, por um mês a mais ou a menos, não nos havemos de zangar.

– Fico-lhe muito reconhecido, Sr. Castro.

À saída, foi como se a primavera tivesse desapontado naquele instante.

Viu os campos recamados de verdura; o céu limpo de nuvens; o sol brilhante, a querer queimar. “E ainda se dizia que o Sr. Castro era um unhas de fome. Más-línguas! Inveja, nada mais.” Respirou fundo o aroma da quinta e, radiante, regressou ao telhal.

– Eh, Felipe. É preciso pôr as coisas a jeito, que eu quero abrir isto.

– Já, patrão?

– Então não vês o tempo? Abril está quase fora.

– Inda vamos ter muita auga.

– Faz o que te digo.

O mestre tomou ar de rafeiro, mas ainda repontou:

– Tem de se arranjar primeiro o forno, que tá uma lástima.

– Amanhã já vem gente pra dar ajuda. E, se o tempo correr bem, podes contar com o tijolo para arranjar isso. Mas quero pulso firme, hem...

– Fique descansado, patrão.

Agradeceu e afastou-se. Zé Vicente ficou ainda no forno, encostado ao corrimão das escadas, revendo projetos. “O bocado de dinheiro com que contara tapar a boca ao senhorio chegava para a barcada de lenha. E cavalo? No engenho, aquele rebentava. Com certeza trocaria por um macho o resto do tijolo que ficara do ano passado... O tratante do Meneses! E havia quem odiasse o Sr. Castro. Cambada!» A tarde caía em desmaios. Do Norte vinha uma brisa fagueira agitar águas paradas nos esteiros. O rendeiro circunvagou a vista pelo telhal, e pensou ainda: “Quando vierem os valadores (Viagens por conta deles, claro.) E começo com isto no fim de Maio.”



Os valadores embarcaram no comboio-correio, em Alfarelos, depois de um dia inteiro de preparos e recomendações.

– Levas as meias de lã.

– Pra quê?

– Em setembro já faz frio, home.

– Daqui até lá...

Deram voz às courelas, em despedida. Ficava-lhes ali o pensamento.

– Não te esqueças de sulfatar a vinha, ouviste?

– Vai descansado.

A Rita Pinto veio ainda à estação lembrar recados para o marido.

– Diga-lhe que eu ando ralada por mor dele. E que o filho já fala. Muitas saudades...

– Olha lá se escreves, Arlindo – choramingou a rapariga.

– Assim tu te alembres de mim.

Ela virou a cara para o lado, comovida.

– Atão, Micas? Esta vez é a última, bem sabes.

Já assim dissera no outro ano e no outro. Como o comboio que à ida e à vinda sarrazinava sempre: “Pouca terra, pouca terra...” Falava verdade o comboio. A falta de um bocado em que metesse enxada é que o trazia naquele compartimento de 3.<sup>a</sup> classe, entre mantas, pás de valar e sacas de remendos. Que no verão a vida corria mal a todos, pois para os amanhos dos campos chegavam braços de mulher. Mas quem tinha de seu, melhor se ajeitava.

– A modos que vens murcho, ó Arlindo.

– Cá a pensar numa terrazita de milho...

– Deixa lá, que o pai dá-te a cachopa, mesmo assim.

– Isso é o que vomecê diz. Já há cinco anos que ando neste engodo... Tamém, se num for desta, num boto mais ó telhal.

O mais velho da leva riu-se.

– Há trinta anos que digo isso, e cá vou.

Na sua arenga estropiada, o comboio desdenhava de falas e anseios. “Pouca terra, pouca terra...” E os sonhos dos valadores iam ficando para trás, como a paisagem em rodopio, vista através da janela. Campos de milho, noras a tirar água, casas brancas entre pinheiros... Imagens fugazes que os olhos não precisam de fixar, porque os homens traziam-nas no pensamento, desde o berço. Por isso as primeiras léguas de viagem eram dolorosas e tristonhas, faziam vertigens.

– E s’a gente mastigasse? – lembrou um.

– Tamém dizes bem. Trago aqui merenda de truz...

Abriam as taleigas, mataram a fome e o tempo.

– Inda falta muito pra chegar, pai?

– Daqui até lá, num me doa a mim a cabeça. Parece que tens pressa de agarrar na pá...

O moço deixou a janela que a noite fechara lentamente e estendeu-se sobre o banco. “Tanto desejava aquela viagem, e, afinal, tudo era diferente daquilo que vira em sonhos.” Os bancos, mais duros e estreitos que preguiceiras, moíam o corpo. E, no teto, a lâmpada mortiça trazia à lembrança fogachos da lareira. “Tomara já chegar.” Cerrou as pálpebras e dormiu, até que o pai o abanou com força.

– Dianho do moço, nem estranhou a cama.

– É capaz de achar boa a dormida no quartel...

– Quartel, pai?

O capataz sorriu-se.

– Num te aflijas que num vais pra melitar. Quartel é a casa em qu’a gente dorme.

O comboio retardou a marcha, lentamente. Rompia a manhã, e o sol ensaiava novas cores sobre a campina. Diluíam-se sombras no rio ensonado, quieto, semelhante a fita de estrada sem árvores amenas.

Os valadores lembram-se do Mondego, a beijar choupos e milheirais – espelho dos seus desejos. E, quando desceram do comboio, tinham as mãos firmes nas pás que revolviam esteiros e ambições.

Verão

## I

Os saveiros apagam as luzes. Depois – remos em movimento, como asas enormes de pássaros – vêm encostar-se à ponta dos esteiros, enquanto a água vaza. São mais negros do que a noite, negros como a vida de quem neles labuta, noite e dia.

Os pescadores fincam no lodo, à proa e à popa dos barcos, duas estacas tão nodosas como as suas mãos, e adormecem sob o teto de oleado, a sonhar com peixes que não pescaram.

No céu cor de cinza, só a estrela de alva brilha. Fazem-lhe companhia as luzes da Fábrica Grande, mortijas de tanto velar homens e máquinas.

A manhã é ainda um pressentimento, mas já no quartel o despertador anunciara o dia. Os valadores deixaram a tarimba, que não acalenta fadigas; tatearam as pás, ao canto; e, depois de enganarem as bocas com naco de pão mais duro que a tarimba, meteram-se ao esteiro.

– Vamos a isto, antes que a maré suba.

As pernas resvalaram no lodo até aos joelhos, e a humidade arrepiou-as. Chap... Chap... Caíram as primeiras pazadas na terra firme. Movimentos ágeis dos corpos em linha, quebrantados apenas pela modorra da madrugada. A nata do esteiro não se prende ainda às pás: é leve e corre-dia.

As pazadas caem no silêncio, e a campina, além do rio, repete-as com arremedo. Arlindo ouve-lhes o eco e lembra-se do amigo desaparecido aquando das cheias.

– Vomecê escreveu à Rita Pinta, mestre?

– Eu não. Já comecei mas num tive corage prò resto.

As silhuetas dos valadores ondulam no esteiro, como o caniço seco que os rodeia.

– E se ele num morreu? – aventa um.

– Homessa! Pois se estava lá no campo e ninguém mais deu conta dele...

– Coitada da Rita. Um ano inteiro à espera... Má hora em que ele ficou por estas terras dum raio.

– Quem num tem de seu, é assim.

Arlindo pensa na jeira cobiçada e contrai mais as mãos no punho da pá. “Este ano... nem que rebente!”

Mas a nata do esteiro depressa foi valada, e agora o lodo, negro e riço, parece camada de grude. Vão mais fundas as pás e os esforços, mais altos os braços, em arremesso. Já ninguém fala. Que as bocas só se abrem para tomar fôlego, ou morder uma praga, quando os torrões resvalam.

O Sol ergue-se impicante e mordaz, e Zé Vicente veio também dar-dejar olhares sobre os esteiros. “Aquele rapazote...”

– Você, este ano, só trouxe novatos, ó mestre.

– Mas dão conta do recado, patrão. Valem por homes.

As palavras do chefe arrancam novos alentos. Descrevem maior curva no espaço os pedaços de lodo que saem do esteiro, como balas.

“Se uma pazada resvalasse agora...” O filho do mestre treme, só de pensar nisso. Há três dias que o olhar do patrão lhe morde no dorso, mais do que o sol.

– Aquele rapaz, ó mestre...

– É meu filho. Desde garoto que vala, e já tem dezasseis...

Zé Vicente ficou na dúvida. “Se pudesse baixar, um escudo que fosse, àquela gente... Era conta gorda no fim do verão.” O mestre adivinha-lhe os intentos e põe o filho à ilharga, onde o lodo é mais macio.

– Tira aqui mais uma ponta, ó rapaz.

A voz é áspera; mas o filho agradece com um olhar. Faz um buraco na lama, onde a água aflora; molha a pá e as mãos. A faina redobra de violência – e o sol também. Reverbera no metal das pás e no corte das lamas; entonetece. Porém, mais do que a faina e o sol, os olhos de Zé Vicente abrasam o esteiro todo. Sente-os o dorso suado dos valadores, que se curvam mais e mais, como que a pedir sombra e clemência. Mas, ali e em redor, só o corpo do patrão projeta mancha de sombra sobre a terra esaldante.

O cavalo branco aparece atrelado à carroça, em correria forçada, para levar lamas que o calor já gretou. Não teve tempo de tasquinhar a erva toda que a primavera fez brotar na eira e nos valados, e agora, quando trota, parece que os ossos lhe furam a pele. Para à ponta do esteiro e volta olhos mansos para as touças de junça, sempre verdes, pensando que são ervas tenras.

Ouve-se a voz de Zé Vicente:

– Mande um homem pràs lamas!

O mestre hesita, bem queria mandar o filho, que arqueja ali ao lado; mas é preciso mostrar que os moços valem por homens e, por isso, finge não reparar nos olhos súplices do seu rapaz.

– Vá lá vomecê, que é o mais velho, ó Ti Alberto.

O valador tira as pernas dormentes do atoleiro e, cambaleante como bêbedo, vai para junto da carroça.

Um barco entra a bordejar pelo esteiro grande, ajoujado com a rama de pinheiro. Parece bandeira de paz a vela branca que traz enfunada no mastro. Mas a valagem prossegue sob canícula impiedosa.

– Aproveitem o ensejo, que a maré vem aí...

“Deixá-la vir”, pensam os valadores. Só assim mitigariam os ardores do corpo e a fadiga. Mas a maré não vem, que o rio parece charca estagnada. O vento corre contra a barra e contra os valadores: as águas babujam as lamas, mas não sobem.

– Vejam lá se acabam hoje esse esteiro, ó mestre.

– A gente está a fazer por isso...

– Talvez seja melhor levantar um brechão, antes que o rio entre.

Zé Vicente afasta-se. “Se pudesse baixar um escudo a cada um... Cento e vinte dias, a seis – setecentos e vinte escudos... Era dinheiro.”

O mestre tapa a boca do esteiro, retarda afagos da água. O filho do mestre deita a boca sôfrega à bilha, entornando água pelo peito abaixo.

– Chega. Olha lá se te afogas.

– Está mole... – lamenta-se o rapaz. E fica a lambar os lábios sequiosos e a pensar nas fontes cantantes da sua terra.

Nas fábricas, as buzacas anunciam o meio-dia, mandam os homens almoçar. Mas os valadores ficam ainda, porque o seu relógio é o sol ou a maré.

– Nunca mais cá bota, a desalmada...

– Já subiu dois dedos...

– Só dois?... – insiste o filho do mestre, desanimado. “Tomara já entender-me sobre a tarimba, mesmo dura como é.”

– Atão, rapaz, queres-me deixar ficar mal?

Limpa o rosto às mangas da camisa, e retoma o trabalho. Corte a um lado, corte a outro – e a pá, estreita e longa, extrai a leiva que o valador atira para cima do esteiro, a golpe de rins, enquanto as pernas se somem no lodo.

Nos peitos abertos da malta, a maré de cansaços sobe mais depressa do que no rio a água. Arlindo olha em volta as ribanceiras altas como muralhas, e balbucia:

– Isto já num é esteiro: é um poço.

– Uma cova de cemitério – diz outro.

O mestre dá-lhes a mão: – Num t’amofines qu’indaavas os ossos prà tua terra.

Faz que ri; os outros calam-se. Arlindo atenta na nesga do rio, ao fundo, e anseia pelo Mondego.

O patrão aparece com rosto mais prazenteiro. “Dia em cheio, aquele.”

– Rasgue o brechão, ó mestre.

As águas galgam o esteiro, a gorgolejar, e os valadores limpam as pás e as pernas entorpecidas. Depois, à sombra do telheiro, mastigam a bucha e passam de mão em mão a garrafa do vinho.

– Se vocês quisessem ganhar mais umas horas... – propõe Zé Vicente –, iam acartar lamas à padiola.

Eles entreolham-se, titubeiam. O filho do mestre suspira pela tarimba.

– Eu cá, se o patrão não toma a mal... – desculpa-se o valador mais velho.

– É se quiserem. Eu não obrigo. Como só tenho um cavalo, lembreime de vos fazer este jeito.

O mestre vê-lhe nos olhos a cólera que as palavras não mostraram, e treme pelos rapazes. “Você, este ano, só trouxe novatos...” Arlindo pensa no campo de milho e na conversada. “Esta vez é a última, bem...” E despertam energias adormecidas.

Pousam casacos e pás, agarram-se às padiolas. Zé Vicente fustiga o cavalo, como que a incitar os homens também. Mas as pernas, entorpecidas no esteiro, fraquejam.

– A passo de boi, não, isso não...

Abafam uma praga e acertam o passo pelo cavalo, que puxa aos sacões a carroça desconjuntada.

A tarde desfaz-se em cores atrás dos cerros, quando os valadores regressam ao quartel, onde o mais velho do grupo despela batatas para a ceia.

– Atão vomecê arreou, seu Alberto?

– Tou velho para besta de carga. Assim com’assim, de pobre já num passo...

– Sempre se ganharam quatro horitas.

– Quatro? Duas horas... e bonda.

– Homessa! Atão, naquilo, num se ganha a dobrar?

– Não. É a mingar – responde o mestre com riso amargo.

O valador não perde a vontade à ceia. Estira-se sobre a tarimba e resfolga como o cavalo branco que busca erva na eira calva e solitária, àquela hora.

Lá fora, os outros mastigam pão e batatas e sonhos antigos, em conversa entrecortada por longos silêncios. O vento refresca-lhes as costas suadas; embala-lhes fadigas o mormaço da noite, que desce pelo vale, lentamente.

– Eh, rapaz, num vens comer? Anima-te!

Que não tem apetite – responde. E mantém os olhos semicerrados nas paredes sem reboco, denegridas, de que pendem cebolas, saquitéis e utensílios, em confusão. Jornais velhos forram um canto, onde os fatos melhores esperam viagem de regresso; anda no ar um cheiro enjoativo a suor e a comida.

## II

– Como te chamas? – perguntou Zé Vicente, com as folhas de ponto na mão.

– Sagui.

– Isso é alcunha. O nome?

– Não sei. Toda a gente me chama é Sagui.

– Já trabalhaste nos telhais?

Acenou que sim.

– Então que nome te puseram lá nos assentos?

– O mestre do Telhal Grande disse que eu ficava a ser Tóino.

– E quantos anos tens?

– Sei cá.

Zé Vicente mirou-o de alto a baixo e escreveu: “António Sagui – 11 anos.” Embora lhe parecesse que ele não tinha mais de 8.

– O outro que segue. Nome...

– João da Fonseca.

– Idade?

– Vou fazer doze.

– Até que enfim, aparece um que sabe tudo. Inda não andaste no telhal...

– Não, senhor. Andei na escola.

– Isso pr’áqui não interessa. Vai ao almajar e diz ao mestre que te dê trabalho.

Gaitinhas deu dois passos para além da porta, mas estacou indeciso. “O almajar... O mestre... Sabia lá quem era? E o parvo do Sagui, que não esperava por ele.” Dirigiu-se a um homem que vinha pela eira fora.

– Faz favor...

– Que tás a cheirar aqui?

– Ando à procura do mestre – gaguejou.

– O mestre sou eu. Gira prò trabalho, depressa!

Esbaforido e trémulo, desatou a correr, sem olhar para trás. Em frente do forno, uma fila de rapazes com molhos às costas obstruíam a passagem. À espera de que eles descarregassem a lenha, ouviu-os zombar do pasmo com que mirara o telhal.

– Olha aquele injinho...

– Se calhar, julga que é filho do patrão.

Um deles passou-lhe um ramo de pinheiro pela cara; outro beliscou-lhe uma nádega. Gaitinhas ia a tirar desforço da afronta, mas o mestre do telhal apareceu nesse instante, colérico.

– Inda aqui estás, filho duma cabra!

E deu-lhe um safanão. O moço fitou-o, apalermado, com a saca do almoço esquecida na mão.

– Nunca me viste? Roda prò esteiro.

Não. Nunca tinha visto aquele carão tisonado e rugoso, em que só um olho luzia, sardónico e mau.

– Se te torno a ver parado!... Como te chamas tu?

– João da Fonseca.

O mestre arrepanhou a cara à laia de sorriso e rouquejou:

– A alcunha, meu parvo?

– É Gaitinhas.

– Cá me fica. E agora é andar.

Pousou a saca num canto do forno e meteu-se na bicha com vontade de chorar. Tudo ali o desnorteava. O patrão pedira-lhe o nome; o mestre exigia a alcunha... Tinham cara de poucos amigos os companheiros de trabalho, seus iguais; e o Sagui desaparecera sem deixar rasto.

O capataz, porém, interrompeu-lhe reflexões.

– Chega à frente...

Subiu para a meda de lenha, que fazia baloiçar o barco no esteiro cheio de água negra, e segurou no molho que outro rapaz lhe estendia. Os pés picaram-se na caruma e depois nos cardos do caminho, ainda mal calçado. Arranhavam-lhe a cara e o pescoço os ramos secos de pinheiro. “Se pudesse compor o molho...” Ia a retardar a marcha, mas já o companheiro de trás lhe encostava ao corpo a sua carga.

– Acelera, pá. Olha que o Zanolho tá ali...

Estugou o passo, mordendo os beiços de dor, quando se afastava do trilho. Logo em seguida, foi embater com o colega da frente, que proferiu uma praga.

– Ai ele é isso? Deixa tar que mas pagas.

– Foi sem querer; não vejo...

– Eu abro-te os olhos.

No trajeto seguinte deixou-se ficar para trás, e fincou as pontas do feixe nas costas do Gaitinhas, rasgando-lhe a camisa.

– Tá quieto – gemeu este. – Vou-me queixar ao mestre.

Sem intervir, Zanolho sorria. Contendas daquelas até lhe convinham, porque forçavam a malta a andar mais depressa. Por isso, quando não as havia, provocava-as ele por traição de dois ou três rapazes, a quem gratificava.

– Parto-te as ventas quando arriar! – ameaçou Gaitinhas.

Mas pousou o carregado, e não bateu no outro. Os pés em sangue quebrantavam-lhe o ânimo; Zarolho, ali perto, de chibata em punho, continha-lhe a raiva. Dobrou-se por instantes – para extrair uns espinhos – logo o mestre lhe zurziu o dorso suado.

– Os picos tiram-se à noite! – E acrescentou à frase um reportório de insultos.

Com os olhos turvados de lágrimas, o filho de Madalena nem viu o caminho. Voltou ao barco, por entre cardos mais acerados do que a caruma de pinheiro.

– Não chores, Gaitinhas – disse-lhe Guedelhas, que chegara com outros garotos para ativar a descarga, antes que o barco ficasse em seco. – Daqui a bocado os gajos perdem a genica, vais ver.

E, na verdade, quando o sol abriu fendas na terra pardacenta, engelhada como a cara do mestre, e os molhos se contavam por centenas à beira do forno, os moços retardaram o passo, lentamente. Pesavam-lhe os pés, como se arrastassem grilhetas, e as lágrimas juntavam-se ao suor que escorria pelas faces pálidas de alguns.

– Posso ir beber auge, mestre!

– Beba mijo! Daqui ninguém sai, antes da hora.

As lágrimas eram salgadas, não matavam a sede, nem o desespero impotente da malta. De vez em quando a verdasca fustigava modorras:

– Vamos ligeiro!

Mas já nem o medo aguilhoava. O calor sufocava alentos; o rio era miragem distante a duplicar securas.

Guedelhas sentia vertigens, só de ver água por baixo de si, tão perto – e tão longe... E se fingisse uma queda? Chegou-se mais à beira da meda, e, quando foi entregar um molho de lenha, precipitou-se na água imunda do esteiro, em que desembocavam canos de esgoto.

Alguns rapazes riram-se; outros invejaram o companheiro ditoso que, afastando com as mãos limos e dejetos, minorou a sede e o calor.

Zarolho aproximou-se, furioso:

– Que brincadeira é esta?

– Caí, mestre...

– Eu endireito-te, malandro.

Mas, porque ao sair, negro e fedorento, parecia um rato de esgotos, Guedelhas livrou-se do castigo.

A labuta prosseguiu, mais dolorosa e veloz, até que a buza da Fábrica Grande, qual sineta de alarme, pôs em debandada os garotos. Enquanto uns se estenderam de borco na margem do rio, outros, que moravam longe, correram para casa, tão depressa quanto lhes permitiam as pernas trôpegas.

Dorido, a coxear, Gaitinhas foi ao canto do forno, onde deixara o saquitel de pão com azeitonas; mas o almoço tinha levado sumiço. Procurou em redor; mirou a comida dos companheiros, sentados à sombra. Depois, fitando o chão, acocorou-se também com os cotovelos fincados nos joelhos e a cabeça entre as mãos.

Sagui apareceu, todo besuntado de lama. – Não comes, Gaitinhas?

– Roubaram-me a saca...

– Já espreitaste aqueles gajos ali?

– Já, pois. Mas são tantos a comer pão e azeitonas...

– Deixa. Eu reparto contigo.

Mordiscaram ambos a bucha exígua. Gaitinhas lamentou a ausência do companheiro por parte incerta, tanto tempo.

– Mandaram-me prà foca... É acolá, num buraco – explicou Sagui. – Há des ir ver. – Depois, atentou nos pés do amigo e exclamou: – Ena! Tens isso cheio de sangue. Anda lavar.

Acocharam-se entre o caniço, ao abrigo do sol. Distante, na eira, mal refeito do trabalho, Guedelhas dava pontapés numa bola de trapos,

ainda crente no emprego do clube. Gaitinhas meteu os pés no rio e pensou no par de botas que havia de comprar.

– Quanto custa umas botas, Sagui?

Este encolheu os ombros:

– Aí trinta paus, pelo menos... Porquê?

Gaitinhas não respondeu. “Trinta mil réis... Nunca mais juntaria tal quantia.” E, de pensamento em pensamento, sentiu saudades da mãe e do tempo da escola.

– A gente rebenta aqui com trabalho – murmurou.

– Inda isto não é nada. Quando o forno acender, atãõ é que te morde todo. – Mas reparou no rosto triste do amigo e acrescentou: – É inquanto não te habituares, sabes?

– Hum... Não grammo o telhal muito tempo.

– Tamém eu assim falava, mas caio cá sempre.

Fez-se silêncio. A humidade do esteiro aliviou-lhe cansaços; contagiou-os de sonolência a mansidão da tarde e do rio azulado, como faixa liquefeita do firmamento. Lá para trás, telhais e montes tinham cor parda-centa e ocre que desolava. Todavia, os dois garotos só notaram aquele contraste quando regressaram à eira.

Foram com eles, pachorrentos, o cavalo branco e o macho novo que Zé Vicente trocara por uns milheiros de tijolo. Com pontapés e ralhos, o pessoal engatou-os às lanças do engenho e da foca. E o rodopio recomeçou para animais e rapazes, mais angustioso agora, após descanso fugaz.



À noite, o bando do Gineto juntou-se na Taberna Desportiva.

Era uma tasca sórdida em que ninguém passava, com receio de que lhe faltasse o ar. Só os garotos, sem entrada noutras tabernas, iam para ali

fingir de homens: beber, jogar e discutir futebol, entre fumaças e palavras.

Um achado, aquela lojeca de telha vã, com duas mesas e bancos corridos, e a pipa do vinho atrás de balcão tão encardido que até ensombriava as estampas de desportistas célebres, coladas a esmo nas paredes.

O taberneiro chegou-se ao grupo, esfregando as mãos num trapo imundo. Serviu vinho, e depois, como de costume, pediu novidades da bola, que nunca jogara. Mas os rapazes não lhe deram conversa, atentos à narrativa do Maquineta.

–... Quando o gajo me deu o estalo, atirei-lhe os carrulos acima e fugi. Tava farto de o aturar.

– E agora, pá? Ficas sem trabalho.

– Vou prò pé de vocês.

– Olha que o Zarolho ã é melhor que o outro...

Maquineta bateu com força na nuca, e asseverou, como se discutisse com o próprio mestre: – Aqui é que ninguém põe a canga, nem que me matem.

Os outros fitaram admirados o companheiro que ainda há dois meses falava da Fábrica Grande como de um castelo de sonho. Parecia mais velho, o Maquineta. E nos seus olhos havia cintilações mais frias do que o olhar do Gineto, quando alarmava as ruas com gritos e pancadas.

Pirica escorropichou terceiro copo de vinho para se animar também. Mas descaiu-lhe a cabeça tonta sobre a mesa e adormeceu.

Gineto escolheu parceiro para a bisca e, voltando à conversa dos telhais, afirmou:

– A mim ã me caçam eles lá, não.

Por isso, quando reentrou em casa, a fala da mãe foi triste, molhada de lágrimas.

– Andas à boa vida, filho; não te ralas. O teu pai tá como se vê... sempre bêbedo. E tu, que devias ser agora o chefe da família...

– O chefe?! – repetiu Gineto.

Ficou a matutar naquela palavra sedutora, que lhe abria as portas de um novo mundo. “Chefe de família... Não receber ralhos da mãe, nem desprezo dos homens... Beber na taberna do Ramadas. Ao lado do Cabo de Mar... Ter uma rapariga...” Adormeceu noite alta, a pensar em Rosete. E, quando às oito horas o alarido das fábricas estremunhou a vila, foi apresentar-se no telhal de Zé Vicente.

– Olá... – exclamou este. – Vens cá passar uns dias.

– Até ao fim, se me der trabalho.

– Mas olha que não admito tunantices... À primeira, já sabes...

– Tá bem, patrão.

la a revelar que era agora chefe de família; mas o mestre emudeceu tudo com dois berros. Assustados, os mueres trotaram nos engenhos; correu mais depressa a água para os barreiros; e até o sol espreitou, por entre nuvens, a azáfama da malta.

Um magote de novatos, com barretes enfiados até às orelhas e cabazes na mão, estacara no meio da eira, atarantado.

– Eh, patos bravos! – gargalharam os outros, por troça.

Gineto compreendeu o sorriso ingénuo com que eles o fitaram, e penalizou-se.

Todos os anos, bandos assim desciam dos montes para os telhais. E a malta perseguia-os com pirraças e escárnios, só porque usavam barretes saloios e traziam nos olhos a candura dos lugares em que nasceram.

– Tais à espera d’ordes? Poisem os cabazes e vão ter c’o mestre – aconselhou Gineto.

Mas já o Zarolho vinha à procura deles.

– Querem que os leve ao colo?! – bramiu. – Patos Bravos...

Adiantou-se um, menos assustadiço, que gaguejou:

– A gente não sabe nada, patrão. É a primeira vez...

– Vieram agora de baixo das saias da mãe, não é.

Ruborizados, encolheram-se mais, como que a dar razão ao mestre; depois, um a um, ingressaram na malta que enforjava tijolo.

Era uma fila de garotos, num vaivém contínuo, que fazia lembrar um formigueiro em meio de resteva. Vinha do fundo da eira, onde a charca velha gerava desejos de frescura, serpenteava entre as pilhas de lenha, e sumia-se, por fim, pela porta do forno, em que mal cabia um homem.

Logo no primeiro caminho, os calcanhares dos novatos verteram sangue, pisados pelos pés vendidos do Carraça e de outros da sua laia. Perdida a cadência, a fila desconjuntou-se e alguns tijolos caíram dos ombros magros dos moços, em atropelo.

O mestre geral veio a correr, de chibata no ar e palavrões na boca.

– Quem foi?!

Carraça tomou a palavra.

– Eles não correm, mestre; andam a brincar...

– Não foi nada disso – contestou o Coca. – Ele é que pisou a gente.

– Caluda! Andem mais depressa, que já ninguém lhes toca.

E, ante o pasmo do miúdo pela injustiça cometida, barafustou:

– Que tás a olhar? Ligeiro! Vamos ligeiro!

O brado alastrou pelo telhal fora, e o mestre do engenho repetiu-o, num eco. Gaitinhas acelerou o carro de mão com tijolos alinhados sobre tabuinhas, que, vazias, depois, restolhavam como matracas. Na eira, enquanto os arrumadores tiravam a carga, o filho de Madalena limpou bagas de suor da testa crestada. Vieram-lhe à lembrança outros carrinhos semelhantes com que brincara no jardim do Arturinho. Suspirou.

– Já perdeste o folgo? – perguntou-lhe Gineto, condoído. – Se eu pudesse, trocava contigo o lugar.

– Obrigado; eu aganto. Tenho é sede.

– Vai acolá à charca, num instante...

A voz do mestre chegou até eles, como pedrada. – Vá de conversa! É andar.

Gaitinhas pegou no carro e seguiu para o engenho. As lamas saíam dos moldes em longos pedaços retangulares, que o êmbolo comprimia e depois os pentes cortavam por igual, de minuto a minuto.

– Anda fora... Entra tu, moço.

Um carro enchia, logo outro tomava vez. Ao lado, Pirica – carregador de bolas – rangia os dentes, quando atirava de alto as bolas de lama que Maquineta trazia. O peito estalava-lhe de fadiga; entontecia-o aquele rodopio contínuo do macho escanzelado, que o mestre vergastava. Ou talvez fosse efeito do vinho que lhe caíra na fraqueza, logo de manhãzinha.

– Maquineta, traz menos bolas – segredou.

– De que serve, pá? Enquanto aquilo andar...

E apontou as peças do engenho, para as quais já não volvia olhares curiosos de mecânico incipiente. Para além dos esteiros, a Fábrica Grande lembrava-lhe certa madrugada de primavera, em que amortalhara sonhos de meninice. Ali estava o cais, que fora túmulo do seu jeito para serralheiro. Repercutia-se-lhe ainda nos ouvidos o riso sarcástico dos carregadores e a voz agreste do Má-Cara: “Langão! Carreguem-lhe no peso...”

A reviver isto, esqueceu-se de que era embolador no telhal do Zé Vicente. O mestre do engenho reparou no tabuleiro sem lamas e gritou de longe:

– Traz mais bolas, filho dum boi! Se vou aí, inté te borras todo.

“Que viesse. Não havia de rir como o Má-Cara.” Maquineta apalpou no bolso a navalha que comprara ao Gineto. Um sorriso mau perpassou-lhe nos lábios de recorte grosseiro. “Que viesse...” Mas lembrou-se da mãe, por amor de quem aturava canseiras e impropérios – e correu para a foca, onde Sagui se esalfava, dentro de estreito buraco, impotente para arredar as lamas que tombavam da máquina. Meio metro abaixo do chão, mãos ora a tocar nos pés ora acima da cabeça, requeimava corpo entre aquelas paredes gretadas pelo calor, e debaixo do sol a pino. De vez em quando virava-se; mas a posição era sempre a mesma; sempre a mesma também a dor que se lhe cravara nos rins, como tenaz em brasa. Dali, nem sequer podia deleitar os olhos nas águas claras do rio. Respirava a poeira que o cavalo branco levantava em redor, e via com inveja os pés estugados da malta, na eira. Lama e suor lambuzavam-lhe a cara de bebé.

– Maquineta – gemeu ele. – Pergunta ao mestre se posso ir-me abaixar...

– Pergunta tu...

Sagui insultou-o, e ele riu-se. Mas, depois de levar mais bolas ao Pi-rica, encravou a foca com uma pedra que meteu lá dentro.

O cavalo parou, sem forças para fazer rodar as pás do tambor, e o Zarolho correu a incitá-lo com pontapés e chibatadas.

– Porque é que isto não anda? – gritou ele ao Sagui.

– Não sei, mestre. Se calhar encravou-se...

– Olha, como sabes. Se descubro que foste tu, rebento-te! – E esbracejou sobre o buraco da foca, como abutre em cima de presa.

O mestre do engenho veio avisá-lo de que as lamas andavam pouco amassadas, pois já alguns tijolos se haviam esfarelado no engenho. Então Zarolho agastou-se com os valadores.

– Não sabem mexer as enxadas? Cava-se fundo. Os barreiros não são esteiros nenhuns.

– A gente sabe...

– Pois atão é fazer como eu digo. E, no almajar, desterroa-se com jeito.

Notou que corria pouca água pelo sangradouro do barreiro e saltou o muro de defesa contra as cheias, atrás do qual um moço se acochara.

– A dormir a sesta, hem?... – disse o mestre quando o viu levantar-se, aflito.

– Não senhor. Vim-me abaixar.

– Sem arriares as calças, não é? Desconto meio-quartel na féria, que é pra aprenderes.

Entre o caniço, atolado no esteiro, outro rapaz sustinha a respiração, com medo de que o Zarolho o pressentisse.

Mas este pôs-se a implicar com Arlindo por causa das águas.

– É puxar o cambão. Olha que o rio não se esgota.

– Inda num parei, mestre.

– Tá bem, mas o balde meio não dá a conta.

Arlindo calou-se. “Apesar de só ter um olho, aquele malvado do mestre via tudo.” Descarregava pouca água, é verdade; mas já lhe pesavam os braços. Demais, ali sozinho, esquecia-se de que atrás do muro existia o telhal. Uma andorinha roçava asas negras pelo rio, em voos caprichosos; nuvens acastelavam-se e desfaziam-se ao sabor do vento; velas vermelhas e brancas ao longe, lembravam remendos na paisagem. Tudo parecia fugir dali, daquela nesga de terra escaldada, que só dava cardos e fadigas. Por isso o pensamento lhe adejava também para os campos do Mondego, onde àquela hora a sua Micas labutava.

Nos barreiros, manejando enxadas ou conduzindo lamas à padiola, os companheiros do Arlindo lamentavam-se também.

– Aquele traste do mestre julga-se dono disto.

– É pra agradar ao patrão. Tomara já as marés mortas. Que ao menos nos esteiros num mete ele o nariz.

– O pior é que as augas inda nem começaram a quebrar – lembrou o capataz.

Os outros calaram-se e, com raiva cravaram enxadas nas lamas recalçadas.



À hora do almoço, engolido o último naco de pão, os moços foram tomar banho.

Era um magote de corpos nus, glabros, brilhando ao sol. Magros todos eles, andaram a mostrar os ossos pela beira dos esteiros, em correrias e brincadeiras; depois deram um primeiro mergulho para limpar o suor. Gineto nadou até à boca do esteiro, desafiando rivais; e logo outros braços agitaram a água, que ficou turva e viscosa.

Os novatos, que tinham vindo dos montes, animaram a corrida com gritos e palmas. Guedelhas incitou-os:

– Andem tomar banho, patos bravos. A auga tá tão boa!

– A gente ã sabe nadar...

– Eu ensino, pá.

Sorriram timidamente, e o Guedelhas propôs então que se lhes fizesse uma amostra para perderem a vergonha. Mas já o grupo do Carraça entrava no esteiro – e os outros tomavam posição para o combate.

– É a guerra! É a guerra! – deu Gineto o grito de alarme.

Cruzaram-se no ar pedaços de lama; o nateiro subiu à tona da água e mascarrou tudo. Preso, com as pernas atascadas no esteiro, Carraça apanhou lama sobre lama e desatou a chorar comicamente, enquanto os outros da mesma laia se puseram em fuga.

Sucedeu-se um choro cobarde que os novatos gozaram, soluço por soluço.

– Agora pisa os calcanhares à gente, anda.

– Vou-me queixar ao mestre... – pranteou-se o Carraça. – Hão de mas pagar, hão de.

Mas, quando Zanolho chamou para o trabalho, ainda ele andava sujo e nu pela beira dos esteiros, à procura do fato que o Coca escondera entre o caniço.

Depois as gargalhadas da malta foram rareando. O sol roubou aos corpos a frescura que o rio lhes dera. Só Zanolho não se cansou de gritar toda a tarde:

– Ligeiro! Vamos ligeiro!

### III

Corpo dobrado, suor a pingar, andaram dois dias naquela tarefa de carregar o forno, tijolo por tijolo, fiada por fiada, ora a partir de um topo, ora de outro, para que os tijolos, desencontrados, deixassem depois passar o fogo, desde os arcos até aos ladrilhos.

Impaciente, mordiscando o cigarro, Zé Vicente debruçou-se vezes sem conta no beiral, a bradar: – Então isso não vai, gente?

– É trabalho que não se vê, patrão. Mas já cá temos uma boa conta de adagues...

– Nunca mais chegam cá acima.

Também eles assim pensaram, fartos de olhar o mesmo pedaço de céu que parecia assente nas paredes calcinadas, em que o sol punha réverberos de entontecer.

Todavia, horas depois, quando a fadiga quebrava os corpos pela cintura e as bocas dos forneiros ofegavam, secas como tijolo cozido, o forno acendeu.

Um fumo viscoso e acre saiu pelas fendas dos ladrilhos, em torvelinho, foi enovelar-se no rapazio. Houve tosses rebeldes, na eira escurecida.

– Não vejo nada – carpiu-se Gaitinhas, esfregando os olhos.

Gineto aproveitou a ocasião para se esgueirar pelo esteiro. Mas o Zarolho, que cortava as trevas com o olhar, berrou:

– Onde está o Gineto?

– Não sei, mestre.

– E tu, que tens andado a fazer? Repara neste tijolo desirmanado. És mesmo um aselha!

Engasgado, olhos a arder, Gaitinhas pôs-se a virar os tijolos, tão depressa quanto lhe permitiam as mãos trémulas, sem prática. Entre duas golfadas de fumo que o vento arrastava telhal fora, o moço via no meio da

eira a silhueta do mestre, esguia e disforme como os fantasmas de que o Saguí falava.

– Quem acabar primeiro este lanço, vai-se embora – gritou Zarolho.

A malta redobrou de esforços, à porfia. Zé Vicente chegou-se também para ver aquela perícia de mãos, cruzando os tijolos, alternadamente, uns sobre os outros. Gaitinhas foi ficando para trás, a tossicar.

– Então tu não avanças, rapaz?

– Este não dá nada, patrão – explicou o mestre. – É parvo de todo.

Susteve o moço por um braço e perguntou: – Não sabes contar tijolo sim, tijolo não; um, dois... um, dois...

O moço tinha os olhos velados de lágrimas e a garganta oprimida por soluços, prestes a irromper. “Não, já não sabia contar, naquele exame em que Zé Vicente era o inspetor, ficaria reprovado, ele o melhor aluno da classe. E o mestre não diria como o Sr. Mesquita, no ano passado: – Há de ir longe, este rapaz...”

Afinal, nem a meio chegou. Longe foram os companheiros, que acabaram a tarefa antes da hora e saíram dali a pular de contentes. No entanto, Zé Vicente consolou-o:

– Lá por isso não chores. Para a outra vez ganhas tu.

Reprimiu os soluços; mas o pranto persistia-lhe nos olhos inflamados pelo fumo negro da cozedura, cada vez mais denso.

Bem fizera o Gineto, que se alapardara no esteiro, longe daquele tormento. Procura dejetos recentes, entre o caniço; arriou as calças; pôs-se de cócoras a descansar. Um cheiro pestilento entrava-lhe pelas narinas; mas ele sorria, só de pensar no logro em que o mestre ia cair.

Este apareceu, pé ante pé de verdasca alçada. – Que estás aí a fazer?

– Vim-me abaixar. Olhe... – e apontou para os dejetos atrás de si.

– Não quero demoras. É fazer e andar.

– Já vou, mestre.

Zarolho foi-se embora, e Gineto ficou ainda uns momentos com as calças na mão, a rir-se, orgulhoso da ideia que tivera, convencido de que o mestre nunca mais lhe descontaria na fêria o tempo perdido nos esteiros.

À noite, contou aquela espera aos amigos, sob promessa de guardarem segredo. E eles, sentados nas escadas do forno, alarmaram o silêncio do telhal com as suas gargalhadas.

Vinham para ali nas noites de luar, depois de bebericarem na Taberna Desportiva, onde o calor era insuportável. Jogavam o sete-e-meio com paradas de meio tostão; discutiam assaltos a nespereiras, e contavam as histórias do Arranca-Pinheiros e da Bicha de Sete Cabeças.

Mas o que mais os atraía eram as narrativas autênticas do Ti Alberto – valador mais velho –, que corraera mundo.

– Ti Alberto, conte aquela da montanha de gelo...

Sagui interrompia a sua história velhinha, sem pesar. E o valador começava:

– Num dia de nevoeiro cerrado...

Os moços fechavam os olhos, para não ver as estrelas e a Lua.

... andava a gente na pesca do bacalhau, mirradinho do frio...

– Cada um no seu barco, não era, Ti Alberto?

– Deixa contar – impunha Gineto.

O valador retomava o fio da aventura e os rapazes fugiam com o seu pensamento para os bancos da Terra Nova, em luta com gelos e tempestades.

À boca do forno, no fundo do caminho em declive que ramos de pinheiro atravancavam, o forneiro alimentava o forno, tisonava a cara e o peito nas labaredas que irrompiam da fornalha, hiante. Os moços, porém, quase que tiritavam, sugestionados pelas palavras de Ti Alberto. Calor

sentiam-no depois, quando aquele descrevia as plagas brasileiras, ardentes de sol.

Nessas noites, escusava o forneiro de perguntar: – “Vá ver quem é capaz de atirar um malho prò coice?” Ninguém se chegava à boca do forno.

Uma vez houve em que também os rapazes emocionaram Ti Alberto e todos os outros valadores. O vento zunia no caniço dos esteiros e a Lua perdia-se entre nuvens. Sagui lembrou-se da noite tempestuosa das cheias e contou então como devia ter morrido o homem da Rita Pinta – o valador que não quisera regressar à terra com as mãos vazias...



Foi uma noite assim, sem luar nem estrelas, que Zarolho mandou chamar a malta. Bateu à porta do Gineto, que morava perto, e sobressaltou Maria do Bote.

– Quem é?

– O mestre do telhal. Diga ao seu filho que venha pôr o tijolo em fio, que está a chover.

– Eu ã vou, mãe.

– Olha que ele despede-te...

– Quero cá saber.

Enrolou-se todo na manta, para não ouvir os ralhos da mãe; mas a voz dela chegou-lhe ainda aos ouvidos, entrecortada pelos ressonos do pai, em sono de bêbedo.

– Criei os filhos para nada. Podem-me ver morta...

– Escusa de chorar. Já tou a pé.

Enfiou as calças e saiu, ensonado e rameloso.

– Tavas à espera que nascesse o Sol? – resmungou Zarolho. – Chama os outros, depressa.

Gineto deitou a correr pelas ruas desertas àquela hora e fez levantar os amigos. Maquineta, porém, pensou na madrugada em que entrara para a Fábrica Grande – e não saiu de casa.

– Diz lá ao gajo que tou doente.

Na eira, o mestre perguntou quem faltava; mas Gineto disse que ninguém. E o resguardo dos tijolos começou, sob pancada de água que esfriava os corpos, ainda mornos da cama. Em volta, tudo escuro. Apenas, de longe a longe, um relâmpago clareava a noite.

– Não se acende uma fogueira, mestre?

– Vê-se bem assim. A lenha está cara.

A sua voz ribombava pelo telhal fora, como os trovões no espaço.

– Depressa! Tapem aqueles carrulhos.

O rapazio arrastou telhas velhas e chapas de zinco com que cobriu o tijolo cru, já meio deformado pela água. De vez em quando reboavam obscenidades e injúrias, proferidas pelos moços que se chocavam no caminho. Gaitinhas, às apalpadelas, tropeçou e caiu no lodaçal do almajar. Zarolho desesperou-se, porque a chuva não abrandava e a cobertura era escassa para tanto tijolo.

– Tragam mutanos! Isto tem de ficar tapado, seja lá c’o que for.

E rogou pragas ao mau tempo, que desmanchava a fornada e a promessa de aumento de salário. As palavras de Zé Vicente já lhe anunciavam recusa certa.

– Só me faltava esta, agora. Chuva excomungada!

– É verdade, patrão. Em julho, e com os dias lindos que tem feito... Mas, se Deus quiser, não há de haver novidade. O tijolo tava enxambrado; a não ser uns carrulhos acolá, que mandei logo tapar...

Zé Vicente ia dando voltas pela eira, e ele seguia-o como rafeiro a ladrar às pernas do dono, mais por hábito do que por crença em afagos. Bem que lhe apetecia falar na casita, que a chuva e o vento e a humidade

da charca arruinava, de inverno a inverno. Mas Zé Vicente acabou-lhe com rodeios, dizendo:

– Se está tudo arrumado, mande esta gente embora.

Ajeitou a gola do sobretudo e transpôs a cancela. À voz do mestre, a malta saiu também, em correria, espargindo água das roupas enrodilhadas. Quando passou pelo Zanolho, o Coca observou-lhe:

– Olhe qu’eu andei desde o princípio, mestre.

– E, depois, que tem isso?

– É pra vomecê marcar-me as horas.

O mestre deu uma gargalhada.

– Já querias? Vai dormir, moço, que o teu mal é sono.

Entretanto, a trovoada dissipara-se. Por sobre a lezíria dormente, uma ténue claridade anunciava o dia.



Noutras noites, quando o luar parecia escorrer pelas escadas do forno, puídas de velhice, e os esteiros eram fiada de espelhos, os rapazes cismavam, fitando os astros. A brisa emitia sons de melodias longínquas; coaxavam rãs entre os limos da charca; uma estrela riscava o céu.

Alguém, então, desencantava o silêncio do grupo.

– Gaitinhas, canta um fadinho...

A voz arrastada do garoto emudecia as rãs e a brisa.

*Fato de ganga e boné,*

– *Todos me chamam canalha...*

– Esse fado, não – disse Maquineta, repentinamente triste, certa vez.

Os companheiros protestaram.

- Esse mesmo é que é lindo. Canta, Gaitinhas.
- Mas eu não quero, pronto.
- Mandas alguma coisa, pá? – recalcitou Gineto.
- Também tu não.
- Mais do qua’ ti: sou o chefe.
- Agora já não há chefes. Cada qual ganha para si.

E, de repente, foi-se embora.

Os outros fizeram comentários à atitude de Maquineta, dia a dia mais sombrio e irascível, mas nenhum compreendeu que aqueles versos lhe avivavam a mágoa de não usar fato de ganga, como os serralheiros da Fábrica Grande.

Assim, a voz do Gaitinhas chegou ainda aos seus ouvidos, langorosa:

*Fato de ganga e boné*

*– Todos me chamam canalha...*

*São dois artigos de fé*

*Da multidão que trabalha.*

E Maquineta tapou os ouvidos com as mãos, e fugiu desesperado.

## IV

O cavalo branco morreu, numa tarde de calor e trabalho intenso nos engenhos. Ficou com a cabeça pendente entre as pernas, suspenso das correias que o prendiam à lança. Zarolho ainda lhe atirou dois baldes de água, julgando que era insolação passageira, e Sagui libertou-o dos anteolhos. Mas o animal não mais se mexeu.

Ainda, momentos antes de morrer, Sagui lhe ordenara: “Volta, *Branquinho*.” E ele mudara as voltas do engenho, como se fosse gente. Quando o amigo lhe dizia: “Para!” logo ele sabia que as lamas na foca transbordavam. E, se o mestre vinha fustigá-lo brutalmente, *Branquinho*, dedicado, nunca protestava com relinchos ou coices a sua inocência.

Por isso Sagui o chorou. Zé Vicente também carpiu a falta do servo; mas apenas por não possuir dinheiro bastante para outro que o substituísse. Não porque se lembrasse que o velho animal servira o pai Vicente com os mesmos desvelos com que o servira a si.

Depois, o mestre mandou atirá-lo para a charca velha, onde ficou a apodrecer entre morraça e lodo, e com as mazelas inçadas de moscas.

Os valadores, que lavavam ali as suas roupas, ainda se queixaram de que a charca não era sepultura. Apesar disso, ninguém lhe removeu os ossos. Incapazes de perceber que o cavalo – estropiado, pelo e osso – fora seu igual em condição, os moços, ainda por cima, fizeram troça do Sagui.

– Sabem? O pai do Sagui arrebentou...

– Antes ele, que eu.

– Cala-te, pá. Olha que o miúdo chora...

E aquilo teria dado chacota durante muitos dias, se outro acontecimento não viesse alarmar o telhal.

Naquela tarde, o Sr. Castro atravessou o portão, num automóvel de luxo e na companhia do gerente da Fábrica Grande e mais dois senhores. Zarolho foi recebê-los com grandes medidas e chapéu na mão.

– O Sr. Castro passou bem? Eu vou mandar chamar o patrão.

– Não, não é preciso.

E seguiu à frente da comitiva. Subiram as escadas do forno, contornaram a charca e detiveram-se muito tempo nos esteiros, perto dos valadores, em que, aliás, não repararam.

Pelo sim, pelo não, Zanolho mandou chamar Zé Vicente, que chegou aflito, sem saber como justificar o atraso nos pagamentos da renda.

– Viva, Zé Vicente!

– O Sr. Castro por cá? Tenho muito prazer...

Forçou os lábios a sorrir, enquanto os olhos tentavam adivinhar, nas caras dos outros, o motivo daquela visita.

– Viemos ver isto, de passagem. Os telhais devem ser antiquíssimos, não? – inquiriu um dos senhores anónimos.

– Meu defunto pai dizia que vêm do tempo dos Árabes.

– É uma indústria interessante.

– Mas já não dá nada. Noutros tempos, quando se fabricava telha portuguesa, valia a pena. Agora, há processos mais modernos, outros materiais...

Olhou de banda o gerente da Fábrica Grande, que sorria enigmaticamente, e calou-se. Foram andando para junto do automóvel. Em frente do engenho, os dois senhores estacaram ainda a apreciar o trabalho da malta, e um deles comentou:

– Ora aqui está uma escola de trabalho. Sim, senhor, em vez de vadios, estes rapazes, aqui, devem tornar-se homens.

O Sr. Castro concordou, esquecido da sua juventude. E Zé Vicente deu exemplos da ação educadora dos telhais. Suspirou pelo tempo da Monarquia, em que até presos vinham para ali cumprir anos de pena maior, trabalhando desde madrugada até noite dentro, sob o azorrague dos guardas.

– E o fabrico não chegava para as encomendas – acrescentou, no intento de mostrar o contraste com as vendas de agora. Mas o Sr. Castro interrompeu a conversa, pondo o motor a roncar. O carro partiu. E Zé Vicente regressou à eira, apreensivo, roído por suspeita que certos boatos, dias depois, vieram confirmar.

– Corre por aí que o Castro vendeu o terreno do teu telhal à Fábrica Grande.

Teve um baque no peito.

– Pode ser?!

– Fala-se em trezentos contos...

Mudou de fato, à pressa, e dirigiu-se para a Quinta Alta, enraivecido. “Que tratante! Fazer um negócio daqueles, e nem ao menos ter uma explicação consigo. Ah!, mas ia ouvir o que não gostava; isso é que ia!”

Alinhavou no pensamento as primeiras frases e bateu no portão. Porém, quando o Castro, sorridente, lhe perguntou se ia pagar as rendas em atraso, perdeu o fio ao discurso e apenas gaguejou:

– Não venho, Sr. Castro; ainda não me foi possível... Queria ver se vendia umas fornadas...

– Também não estou a reclamar, Zé Vicente.

– Eu agradeço...

Recuperou alento. Desta vez, não se havia de sentar na poltrona que amodorrava o corpo e o cérebro. Um retrato grande, suspenso da parede, incutiu-lhe medo. Desviou o olhar e, de repente, como num vômito, abordou o assunto.

– O que aqui me traz é a venda do telhal à Fábrica Grande. Constou-me isso...

– Boatos, evidentemente.

– ... e como não fui ouvido, na minha qualidade de rendeiro do terreno e dono das máquinas...

– Ouvido, Zé Vicente?! Que tem você com os meus negócios? A propriedade é minha... posso vendê-la, ou dá-la até, se quiser. Homessa!

Perante a exaltação do senhorio, Zé Vicente tartamudeou e sacudiu várias vezes a cabeça. O instinto dizia-lhe que à bruta não se saldavam negócios. Foi pois com mansa atitude que obtemperou:

– Sim, isso é verdade. Mas eu tenho ali enterrados uns bons pares de contos, o senhor bem sabe...

Entretanto, o Sr. Castro recompusera ao canto da boca o sorriso estudado e o charuto ainda mais desdenhoso. E foi já com certa complacência que ouviu o rendeiro falar no valor das máquinas e no futuro dos filhos.

– Ainda outro dia mandei arranjar o forno, de novo... Faz-me pena. Quase que me nasceram lá os dentes...

– Sentimentalismo, Zé Vicente.

Pousou-lhe a mão no ombro e, mudando de tom, foi direito ao fim, como matador na arena, depois de dominar o toiro.

– Oiça, Zé Vicente. Evidentemente que nem você veio cá para me enganar, nem eu pretendo explorá-lo. O telhal não vale nada. As máquinas nem para sucata servem. (De resto, você pode levá-las.) E, quanto aos telheiros, forno e barracas, pago-os pelo justo valor, mais nada.

– E os prejuízos do negócio, Sr. Castro? Sim, os prejuízos...

– Estão compensados pelas rendas que você não pagou.

– Ah!...

O rendeiro ficou-se boquiaberto; mas ainda não estava vencido.

– Isso é que não, Sr. Castro! Eu pago as rendas. Hei de pagá-las!

– Nesse caso, dou-lhe o prazo de um mês...

– Está muito bem. Nem que eu rebente!

E voltou para o telhal, com passo largo e gestos desabridos.

A malta largou o trabalho; o sol finou-se. Rodeado de sombras, o rendeiro ficou ainda. A brisa da noite refrescou-lhe o cérebro em fogo. Lentamente, começou a compreender a sua situação de náufrago no oceano da vida.

Deu balanço às próprias forças – e sentiu-se sem força para alcançar a margem e seguir outro rumo. Agora, sim, via bem o tamanho da Fábrica Grande e a sombra que projetava sobre o telhal. A silhueta escura da chaminé parecia descolar-se, para vir esmagá-lo nos escombros do forno que fora de seu pai e sempre julgara seu.

Do outro lado do esteiro, tremeluziam lâmpadas, trepidavam motores. Não, de nada lhe valia tentar obter o dinheiro (e onde obtê-lo?), porque a lei do mais forte, tarde ou cedo, acabaria por se impor. Lei injusta, talvez, mas lei. O Sr. Castro tinha razão. O que não se renova tem os dias contados. E ele nunca renovara o telhal. Até o cavalo branco do engenho rebentara de velhice, e estava agora a apodrecer na charca, que fora outrora mina de lamas.

Rebentado também, ele iria em breve para a vala comum dos que não deixam bens. Os filhos abandonariam os estudos, e seriam operários na Fábrica Grande ou moços no telhal do Meneses, que era rico, enquanto ele somente possuía a lojeca do negócio.

Mas não. Havia de dar aos filhos melhor futuro nem que passasse fome, nem que tivesse de vender os braços por montes e vales. Um facho de luar bateu-lhe em cheio no rosto e afugentou sombras em redor. Na noite da sua vida também ele julgou distinguir uma luz salvadora. Pediria ao Castro que lhe adiantasse o dinheiro dos edifícios, como propusera, e exploraria o telhal até outubro, mas a valer, fornada sobre fornada. E com os lucros ampliaria a locanda e o negócio...

Foi a pensar nisto que Zé Vicente adormeceu naquela noite.



Quando souberam da venda, os moços julgaram-se em dia alumiado – como se chamava antigamente aos poucos dias de descanso dos telhais. Houve sorrisos em todas as bocas e comentários de grupo para grupo.

Maquineta perdeu o aspeto carrancudo de bicho do mato. E Pirica, depois do almoço, apareceu com uma bebedeira festiva, que lhe valeu não trabalhar nessa tarde, por castigo.

Zarolho ameaçou despedir toda a malta, porque a foca encravar-se por desleixo, e, na eira, não se virava o tijolo com afinco. Aqui e além, conversava-se.

– Agora é que a gente entra prà Fábrica Grande.

– Ena, pá! Isto se calhar já nem dura um mês. Eh, Maquineta! Desta vez compras o fato-macaco...

– Mas o telhal tá mesmo vendido. – inquiriu Guedelhas.

– Claro que tá.

– Atão já somos operários da fábrica.

– É verdade!

E o regozijo traduziu-se em pulos e encontrões, a que a chibata de Zarolho pôs cobro.

A alegria foi maior à tardinha, quando o trabalho terminou.

– Vamos às uvas, rapaziada fixe! – bradou um.

Como bando de pardais, a malta assaltou o vale, que era então, todo ele, frutescente pomar. Já as nespereiras, tempos antes, haviam sofrido grave desbaste, e as cerejeiras também. Mas eram as uvas que, a todas as horas, mitigavam o apetite dos garotos. Dizia-se até que a vinha velha do Antunes, desmurada, nunca chegava a ser vindimada por ele.

Gineto preferia, porém, as quintas frondosas do Castro e de outros, que tinham uvas de casta, doces como mel. Vestiu um casacão velho, que lhe dava pelos joelhos, roubado ao pai, e escalou o muro, deixando os outros à espera na estrada.

– Sor Miguel, dê-me um cachinho de uvas... – gritou ele, empoleirado.

Uma pausa e de novo a lamúria:

– Sor Miguel...

Ninguém respondeu. O silêncio e as portas cerradas da moradia indicavam que o caseiro devia estar longe, ou fora da quinta. Sagui informou que também o canzarrão estava preso no jardim.

Saltaram à vinha. Gineto correu por entre as cepas, rojando o casaco, em busca das uvas moscatel. Primeiro comeu; depois, pôs-se a encher as pregas da camisa, mantendo o casaco vazio, para não lhe tolher os movimentos.

Junto do muro, os companheiros depenicavam e riam, uns sentados, de cócoras outros, mas todos à vontade, como se a quinta lhes pertencesse. Naquele dia julgavam-se donos do mundo. Até o Gaitinhas, sempre tímido, se estendeu na erva húmida, debaixo das vides, a ouvir cantos de grilos e cigarras, todo repassado da suave luz que andava no ar, de mistura com perfumes de frutos e flores. Apeteceu-lhe dormir, sonhar...

De repente, uma restolhada de passos alarmou o bando, que se esgueirou como ninhada de láparos, perseguido pelo caseiro, em altos berros:

– Ah!, ladrões, malta do diabo!...

Desnorteados pelo ataque imprevisto, os moços tentaram em vão galgar o muro. Apesar de oculto sob a folhagem, Gaitinhas ia ser filado, quando Gineto se interpôs, desafiando o caseiro, que rouquejou:

– Desta vez não me escapas, filho dum raio!

Deitou-lhe a mão ao casaco, que lhe ficou nas mãos, e recebeu logo na cara um cacho de uvas. Gineto continuou provocante em frente do homem, furtando o corpo, contornando cepas, para que Gaitinhas e os outros se pusessem a salvo. E, quando se viu sozinho na vinha, agachou-se de repente, e fugiu para junto dos companheiros, que lhe perguntaram:

– O casaco, Gineto?

– Ficou o gajo co’ele. Se não fosse tão largueirão, também eu lá deixava a pele.

Riu-se e acrescentou:

– Mas há de pagar-mo bem pago...



Ao contentamento dos primeiros dias, após a venda do telhal, sucedeu o desânimo. Prosseguia a faina, mais dura, mais instante, sob canícula de entontecer. Era agosto, e o sol, sobre a pele dos garotos, parecia brasa atijada pelo vento. Na eira e nos engenhos, Zé Vicente – mangas arregaçadas e galho de pinheiro na mão – incitava a malta e zurzia os machos, que, sem forças e ração, não trotavam.

Tinha comprado mais um. A indemnização do Sr. Castro chegara ainda para cinco barcadas de lenha, duas das quais já formavam meda junto do forno. No esteiro grande, as águas quebradas do rio, em preia-mar, refletiam agora as silhuetas esguias dos barcos, que esperavam carga de tijolo. Por isso, Zé Vicente acorria a um lado e outro do telhal, atarantava os mestres.

– Então essa fornada?

– Inda tá a arrefecer, patrão. Antes de vinte e quatro horas não se pode despejar.

– Não pode, o quê? Vai lá cortar o tijolo e deixa-te de teorias.

Os homens destaparam o forno, arredando ladrilhos em brasa. Levantaram-se nuvens de poeira e fumo – uma poeira esbranquiçada, salgada, que se infiltrava na pele e nas roupas, provocando lágrimas, correndo as camisas dos forneiros.

Estes arremessaram pazadas de terra sobre aquela camada de pó que recobria os tijolos ainda fumegantes, e desceram depois as escadas do forno aos baldões, como que embriagados. Um deles, entontecido pelo fumo, escorregou e caiu no beiral sobre um monte de cacos, o que o fez protestar contra a falta de parapeito no forno.

– Não há direito, sor Zé. Se eu m’aleijasse...

– Se te aleijasses, o seguro pagava. Não vias as escadas? Julgam que eu sou tão parvo que vá fazer obras agora, naquilo que é dos outros.

E a resmungar, furioso por o forno já não lhe pertencer, mandou a malta carregar os barcos, depois do almoço.

Alguns rapazes apareceram com bonés velhos, sem pala, e grandes chapeirões na cabeça, pedidos aos parentes, ou rebuscados no lixo. Guedelhas aproveitou a meia velha de uma bola de trapos para fazer um barrete, que mal lhe tapava os cabelos rebeldes. Outros, porém, como o Gaitinhas, entraram de cabeça ao léu na fila dos arrumadores.

– Ai tu não tapas as orelhas, Gaitinhas? tás tramado – disseram-lhe os amigos.

– Não tenho com quê...

– Arranja uns cacos pra pores no ombro. Depressa!

Gaitinhas saiu da forma, mas o mestre empurrou-o para o lugar.

– Onde é que iam?... – E, sem esperar resposta, ordenou: – Quem estiver calçado, salta para o meio do forno.

Nenhum dos moços se mexeu. Cada um pôs-se a mirar os pés dos companheiros, e Sagui perguntou baixo ao Gaitinhas:

– Atão as tuas botas?

– Inda não comprei. Só tenho juntos nove mil réis...

O mestre gritou de novo:

– Vocês não ouviram? Cambada!

– Tamos todos descalços. A gente ã junta nem prà bucha...

– Ai estão? Tu, Maquineta, gira prò forno. E tu também... Outro. Toca a andar.

Subiram a escada de lajes toscas, resguardadas a um lado por fraco corrimão de varas velhas.

De cima do forno, o ar parecia tremer, agitado pelas baforadas de calor que se desprendiam dos tijolos. E do telhal todo – ocre, gretado, com tufos de cardos ressequidos e telheiros a cair de velhice e abandono – desprendia-se um bafo de suor, acumulado pela malta, de geração em geração.

O mormaço da tarde amodorrava os corpos; mas o mestre movimentou a fila num instante, sob o olhar duro de Zé Vicente.

– Chega à frente, moço!

Maquineta, que pousara os pés nas fiadas de tijolo, saltou logo para fora do forno, a recalitrar:

– Assim quentes, ninguém aganta. Já apanhei uma queimadela...

Se bem que calçados, os forneiros confirmaram as observações do rapaz.

– Inda não arrefeceu vinte e quatro horas, patrão...

– Quero lá saber disso! Vocês não podem? Posso eu.

Agarrou num tijolo esbraseado, cerrando os dentes para não soltar uma praga. Queimava, era verdade; mas nem os barcos nem ele podiam esperar mais tempo. Precisava de dinheiro a todo o custo, antes que a Fábrica Grande tomasse posse do terreno.

Lembrou-se das palavras proferidas à saída da quinta: “Nem que rebente, Sr. Castro.” Pois que rebentassem todos, que haviam de desenfor-nar naquela tarde.

– Agarra aí, rapaz!

Gaitinhas deu o ombro à carga, mas deixou-a cair, derreado pela violência do calor que lhe trespassou a camisa e queimou os ombros e orelhas. Um empurrão do mestre fez-lhe brotar lágrimas de raiva.

– Maricas! Querem que o patrão faça o trabalho por vocês? Quem não aganta, rua!

Forneiros e moços começaram a desenformar; aqueles empilhando, estes colocando cinco tijolos sobre os ombros dos companheiros. Os berros do Zarolho abatiam pragas e protestos; as bagas de suor disfarçavam lágrimas mal contidas.

– Entra! Chega à frente, Coca.

A saltitar na perna sã, rojando a outra na beira das lajes, o Coca subia e descia as escadas, sem se atrasar. O que mais lhe custava era atravessar o esteiro até ao barco, por estreita prancha que oscilava sob os passos estugados do rapazio.

À frente, Gaitinhas chorava. Resguardara os ombros com dois cacos, como vira fazer aos mais; mas não tinha chapéu para recobrir as orelhas, já avermelhadas pelas queimaduras dos tijolos. A água barrenta do esteiro, que a vazante esgotou pouco a pouco, acirrava-lhe a sede. “Se ao menos Zarolho lhe permitisse ir abaixar-se... Molharia os lábios e as feridas, e, de cócoras, sobre dejetos de outrem, descansaria por uns momentos, como Gineto ensinara.”

Aproximou-se do mestre e lamuriou:

– Posso ir ao esteiro?

– Não! Daqui ninguém sai.

Viu, porém, tanta angústia no rosto de Gaitinhas, que emendou:

– Vá lá, mas isso leve, hã...

Maquineta deixou também o forno, cujo calor já não suportava nos pés crestados, e meteu estes na água do rio, à beira do qual ficou estirado, sobre alfombra de morraça. Apetecia-lhe adormecer assim, a olhar os farrapos de nuvens como que colados no firmamento, indiferente às horas, ao telhal, a tudo... Deixar vogar o pensamento como aquele saveiro de vela negra, que se avistava ao longe...

E sonhar talvez com um emprego que jamais teria numa oficina maravilhosa, sem Má-Caras.

Mas o ruído de passos no esteiro pô-lo de pé, num instante. Era o mestre, que dera pela sua falta.

– Assim é que se ganha o dia? Langão!

– Vim lavar os pés, que tão queimados. Vomecê quer que eu fique aleijado, não?

Zarolho não perdoava fugas para o esteiro, e muito menos alusões, ainda que vagas, ao seu defeito físico. Esbugalhou mais a única vista e avançou para Maquineta.

– Inda refilas, estafermo?

– Não me toque, senão vou-me queixar. Você não pode bater.

– Não posso? Já te digo se não posso.

Maquineta recuou até à extremidade do esteiro, escorregadia, enredada de junça e morraça, que tornavam impossível, ali, esquivas e correrias. Procurou no bolso a navalha, mas não a encontrou. Zarolho pareceu-lhe mais alto, calcando ervas e torrões com as botifarras medonhas, prestes a pisá-lo também. Então, desesperado, atirou-se de chapuz ao rio.

Quando emergiu, ainda articulou injúrias para o outro ouvir. Mas a corrente começou a arrastá-lo, e ele teve a noção de que nadava pouco. Com o olhar mediu a distância que o separava de terra. Uma dúzia de braçadas... e chegaria lá. O mais comprido era o esteiro, que ele já atravessara duas vezes, sob as vistas do Gineto, seu instrutor. Reagiu contra a corrente; bateu os braços com ímpeto, o que depressa o fatigou. Então aflixiu-se e um gole de água dificultou-lhe a respiração. O rio pareceu-lhe maior, o telhal mais distante. Iria morrer afogado? Não. Se gritasse, os amigos iriam salvá-lo. Gritou – bebeu mais água. No torvelinho confuso das águas e ideias que o atarantavam, uma ideia veio ao de cima: “Manter o corpo estendido, boiar.” Não era ele que assim pensava. Era o Gineto, no esteiro, que dizia: – Boia, pá, que ãã vais ao fundo. Boia...

Instintivamente, flutuou. E pouco depois, quando o seu corpo embateu no pontão da Fábrica Grande, teve ainda forças para se agarrar a uma das estacas com frenesi de náufrago.

Entretanto, Zanolho regressara ao forno, onde os moços blasfemavam contra os tijolos, sempre quentes. Já um barco, ajoujado de carga, abrira velas ao vento; já o sol deixava o telhal para se esconder atrás dos montes, onde as velas dos moinhos pareciam acenar pelos garotos daqueles sítios.

A azáfama, porém, não relentava.

Camisa fora das calças e trôpego como um fantoche, o Coca esquecia suores e queimaduras, para se lamentar da perna bamba, que já não subia sem esforço as escadas.

– Tomara já descarregar pela boca do forno.

– Pra quê, pá? Quanto mais do fundo, mais quente é o tijolo – explicou Saguí.

– Deixá-lo. As escadas inté parece que cresceram.

– Tamém daqui a pouco são seis horas...

– Seis?... Inda agora tocou a buza...

Os garotos ficaram à escuta, mas o vento, que levantara remoinhos de pó, na eira, não lhes trouxe badaladas do relógio da torre. E o vaivém não parava. E os pés vendidos do Carraça não deixavam de pisar calcanhares, à sua frente.

Vítima daquele mau companheiro, o Coca desequilibrou-se na prancha do barco, caiu ao esteiro, e ficou ali em pranto fundo, todo enlameado.

Ginete correu a levantá-lo.

– Quem te empurrou, Coca? Diz, que eu rebento esse gajo.

Quando soube que fora o Carraça, atirou-se a ele, furioso – e bateu, bateu, até que Zé Vicente os separou.

– Que falta de respeito é esta?! Gineto! Gira prá foca! E, se te apinho noutra, não pões cá mais os pés.

– Ele é que provocou.

– Chiu! Aqui ninguém bate.

– Pois não... O mestre bate lá poucachinho...

– Eu cá ainda não vi. E o mestre... é o mestre.

Gineto afastou-se a resmungar. E a labuta prosseguiu até o sol se esconder de todo atrás dos morros, porque, durante o barulho, a malta não prestara atenção ao relógio da torre.

## V

Setembro. Brilha ainda o sol, nos últimos dias de verão; mas o vento, que agita as touças de junça, como dantes as cabeleiras desgrenhadas da malta, é mais frio e sibilante.

No telhal, respira-se um ar de abandono que confrange, como em certas casas desabitadas, que conservam dos últimos moradores um objeto inútil, uma cadeira partida, no meio das alas nuas.

O camartelo da Fábrica Grande apenas deixou, entre ruínas, as paredes esventradas do forno. Erguem-se, eretas, no meio da eira juncada de cacos, a lembrar tempos de prosperidade e fadigas de sempre. Os cardos vão conquistando aquele terreno que pés de crianças pisaram, e uma rã já se assenhoreou da poça sombria que a chuva formou no fundo da ladeira, onde a boca do forno parece goela de monstro.

Zé Vicente só voltou ali uma vez, para retirar máquinas e pertences, e pagar ao pessoal, depois daquela noite em que o fogo converteu em cinzas as medas de lenha e os derradeiros anseios do rendeiro.

E ninguém soube como fora aquilo. O forno estava apagado, e o mestre, antes de se deitar, dera volta ao telhal, como de costume, e não vira ninguém. Todavia, pouco depois, as labaredas iluminavam mais do que o luar. Vieram os bombeiros e a malta, em alvoroço; mas de nada serviu tirar água da charca. Então Zé Vicente chorou como criança. E os moços do telhal, crianças também, enterneceram-se.

Somente o Maquineta se manteve impassível, com um sorriso estranho mal refreado nos lábios grossos.

– Não tens pena? – perguntou-lhe Gaitinhas.

Encolheu os ombros e murmurou por entre dentes: – É a maneira de a gente entrar mais depressa prà Fábrica Grande...

Mas a previsão do Maquineta falhou. Ele e os outros bem andaram a rondar o telhal e os portões da fábrica, mais de uma semana, que nin-

guém os chamou. E, nos outros telhais, nem mesmo os valadores tiveram entrada, apesar das tremuras de voz com que a suplicaram.

Pagas as dívidas na loja e ao padeiro, o capataz compra bilhetes para o comboio da noite, que vem atrasado. Os outros sentam-se nos bancos da estação, que fraca luz ilumina, e, em palavra ou gesto de contentamento, aguardam o regresso à sua terra.

Arlindo vem dizer-lhes adeus, tão triste como eles.

– Atão, sempre ficas?

Acena que sim com a cabeça, fitando os ladrilhos puídos da gare.

– Diga lá à Micas que prò ano...

O resto das palavras secam-lhe na garganta. Os olhos têm lágrimas represadas, que o escuro da noite só deixa ver quando o farol do comboio se reflete nos vidros da estação.

Os companheiros pousam no compartimento de 3.<sup>a</sup> classe os saqui-téis cheios de roupa e ilusões e vêm para a janela acenar adeus. O comboio resfolga e parte. E Arlindo fica especado, sozinho, a ouvir-lhe a lengalenga de sempre: “Pouca terra... pouca terra...”



O telhal está silencioso e deserto, e o vento zune no caniço dos esteiros, negros como breu. No céu, nem uma estrela. As luzes mortijas dos saveiros, ao longe, adensam a noite.

Mas o Gineto não tem medo. Já por duas vezes que atravessou o esteiro, com lodo pelos joelhos, para ir roubar carvão da Fábrica Grande. No largo da vila já há armações para a Feira – e ele quer voltar a ver Rosete na barraca de tiro; quer comprar-lhe beijos com dinheiro que no telhal não chegou a juntar.

Por isso, atravessa de novo o esteiro, agora cheio de água; depois rasteja e corre para junto do carvão, com que vai enchendo a saca, precipitadamente, atento a ruídos e focos de luz. As máquinas, porém, abafam

os passos dos guardas, confundidos com as trevas. Quando esboça a fuga, é tarde de mais, perante homens lestos e potentes como o *Rex*, o canzarão da Quinta Alta.

Preso e manietado, dorme no posto da Guarda Republicana, depois de interrogatório sumário. Dorme?... Não: congemina fugas e pensa que os companheiros o virão salvar, como naquela noite de temporal em que o *Boa Sorte* naufragou. Não permitirão que o chefe permaneça ali, longe das ruas em que se joga e brinca, longe dos pomares carregadinhos de frutos. Ele tem planos maravilhosos para a quadrilha, que, até então, nada mais fizera do que roubar algumas sacas de laranjas, durante o inverno que passou.

Mas os amigos não vêm, e a mãe, com as suas lágrimas, não consegue anular o depoimento dos guardas, dos caseiros e do Cabo de Mar, que tem uma cicatriz indelével no braço, feita pelo canivete do Gineto...

Rolam dias iguais a todos os dias; o outono chega, cavalgando o vento. E Gineto mantém a mesma fé de quando entrou na prisão.

Através da cela, ouve tropel de cavalos e alarido de muito povo, a entrecortar um sussurro distante, confuso, de música e tiros e vozes... É a Feira. Gineto anima-se, crente em que os companheiros virão buscá-lo neste dia de festa, trazendo Rosete com eles. Encosta a face às grades, espera o regresso à vida livre.

Uma voz canta, mesmo por baixo da janela, uma canção que ele ouviu, certa tarde, no alto do Mirante. Então grita:

– Gaitinhas, tou aqui, Gaitinhas!

Mas a voz afasta-se. Gaitinhas-cantor vai com o Sagui correr os caminhos do mundo, à procura do pai. E, quando o encontrar, virá então dar liberdade ao Gineto e mandar para a escola aquela malta dos telhais – moços que parecem homens e nunca foram meninos.

**FIM**